

# SET

CINEMA & VÍDEO



EDITORA  
AZUL

N.º 8  
Cz\$ 180,00

ENSAIO  
**O BEIJO  
NO CINEMA**

REPORTAGEM  
**O CINEMA INGLÊS  
CHEGA AO BRASIL**

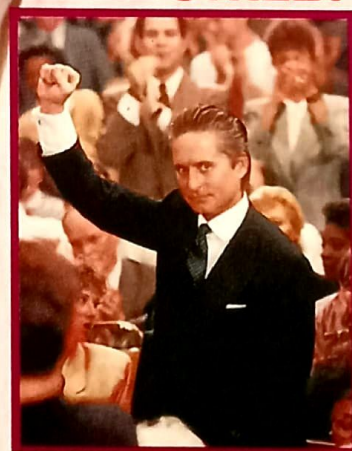
SELEÇÃO DE VÍDEO  
**30 AVENTURAS  
NO MAR**

EM CARTAZ  
**TOCAIA,  
NAVEGADOR DO ESPAÇO  
E OS FILMES DO MÊS**

VÍDEO LANÇAMENTOS  
**CIDADÃO KANE,  
A OBRA-PRIMA  
NAS LOCADORAS**

EXCLUSIVO  
**CHRISTOPHE  
LAMBERT**  
FALA DO SEU  
NOVO FILME

**WALL STREET**

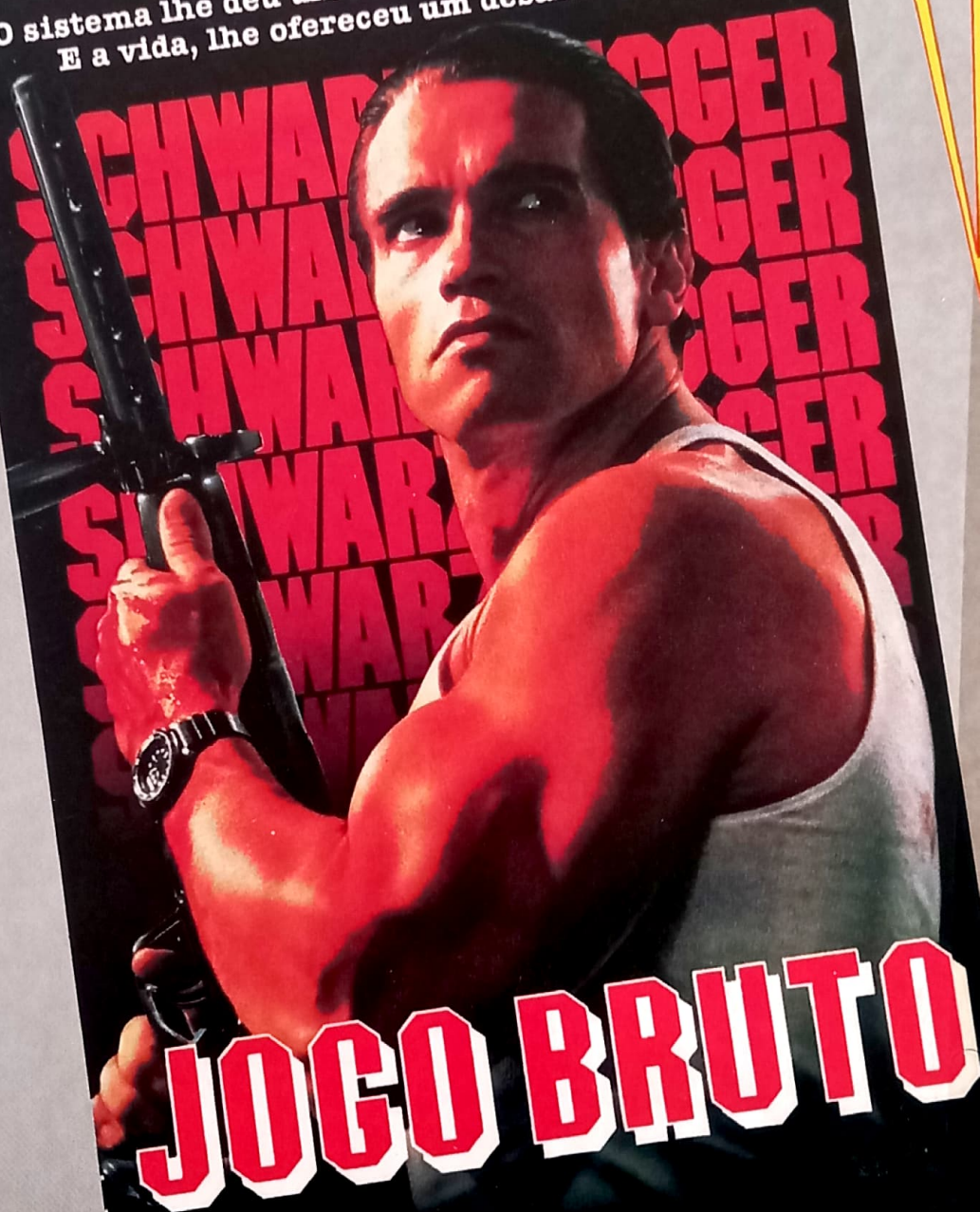


**MICHAEL DOUGLAS  
ATRÁS DO DINHEIRO**



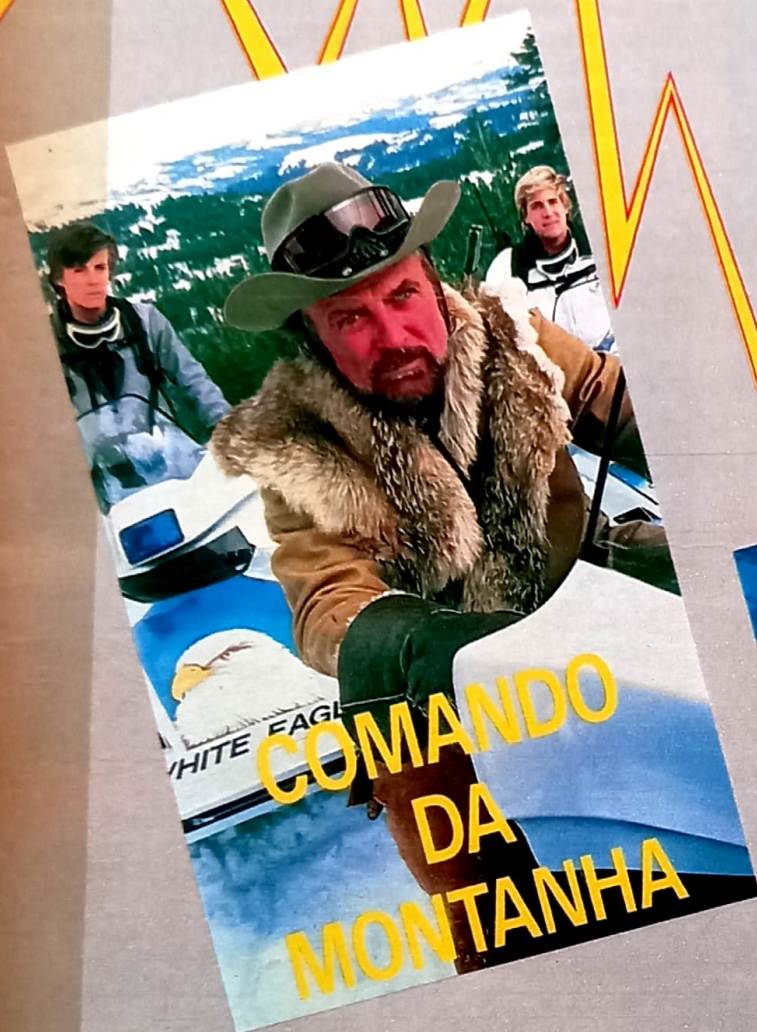
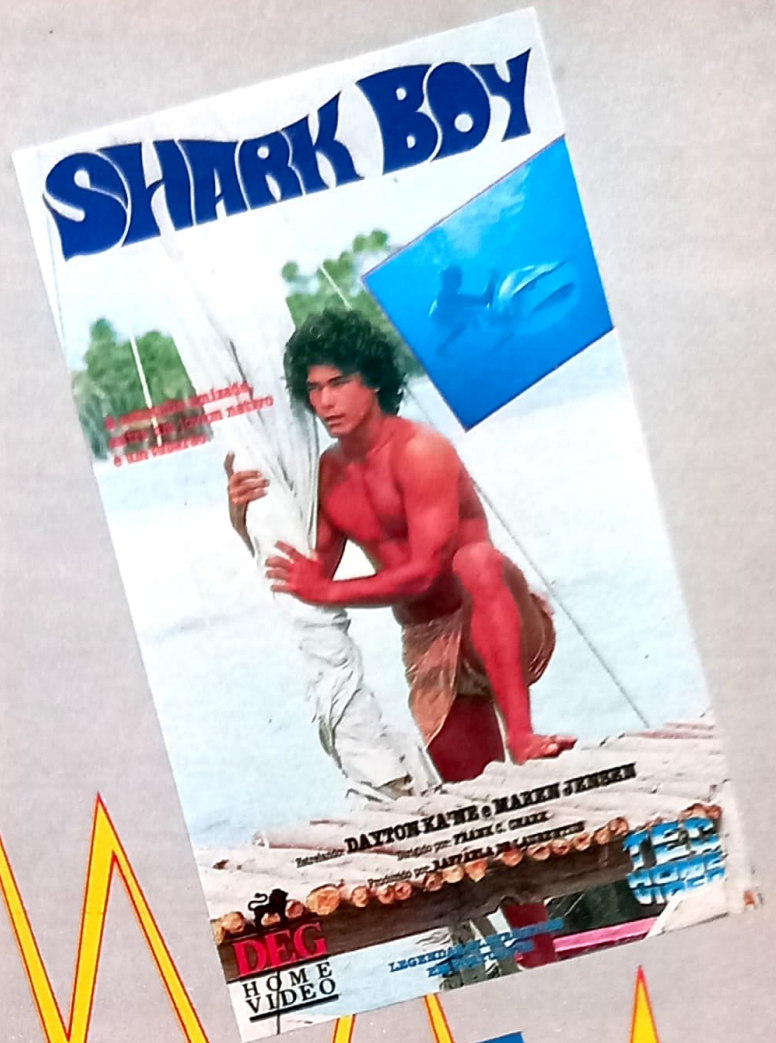
*Este ano a Tec Home Vídeo  
vai jogar bruto!*

O sistema lhe deu um tratamento severo e injusto.  
E a vida, lhe ofereceu um desafio com um...





Vai ser o Jogo Bruto do sucesso.  
Grandes atrações, títulos exclusivos e  
a qualidade que sempre acompanha  
os lançamentos da Tec Home Vídeo.  
Se você não encontrar estes títulos  
na sua locadora, jogue bruto  
também, exigindo o melhor:  
Tec Home Vídeo.



Rua Groelândia, 406 - Jardim Europa  
01434 - Telefones: (011) 887.9730 -  
570.6542 - 571.1105 - São Paulo - SP





Weber/Spa - Press

## SAI STING, E BOWIE LAVA AS MÃOS

O novo filme de **Martin Scorsese**, que se chamaria *A Última Tentação de Cristo*, foi rebatizado. Passa a chamar-se *Passion*. Mas a mudança mais importante é a substituição de **Sting** por **David Bowie** no papel de Poncio Pilatos. No mais, tudo continua como manda a Bíblia, ou melhor, o figurino.

David Bowie: de prisioneiro de guerra em *Fury* a Poncio Pilatos no novo filme de Martin Scorsese

## STALLONE PORNÔ

Por apenas US\$ 9,95 os fãs de **Sylvester Stallone** podem ver seu ídolo no papel de amante insaciável no filme que ele estrelou em 1970, com o sugestivo título de *The Italian Stallion* (*O Garanhão Italiano*). O anúncio do filme em fita de vídeo está sendo publicado na revista americana *Video Magazine*, edição de janeiro.

## COMICHÃO DOS SETE ANOS

**William Hurt** e **Kathleen Turner** voltam a trabalhar juntos sob a direção de **Lawrence Kasdan**, sete anos depois de *Corpos Ardentes* (1981). O filme se chama *The Accidental Tourist* e traz ainda no elenco **Geena Davis** (*A Mosca*). Outra dupla que volta a se juntar sete anos depois é **Liza Minnelli/Dudley Moore**, em *Arthur on the Rocks*, sequência de *Arthur o Milionário* (1981), com o mesmo sir **John Gielgud** como coadjuvante.

O anúncio oferece Stallone nu por US\$ 9,95

**SPECIAL OFFER!**

**SEE STALLONE EXPOSED! Only \$9.95!**



In 1970, Sylvester Stallone made the movie that gave him his start, "The Italian Stallion," a full-length porno film. True to his nature, Stallone threw himself into the role of "Stud," the insatiable lover. Make no mistake about it, Stallone was king of the sheets before he was king of the ring. And we'll make it possible for you to satisfy your curiosity by giving you the entire "Italian Stallion" which originally retailed for \$59.95 for only \$9.95.

## UM BOND CHAMADO DALTON

**Timothy Dalton** (007 *Marcado para a Morte*) não está disposto a ficar preso às vestes do agente James Bond. Em *Buckin* ele vai interpretar um detetive que se infiltra no departamento de polícia de Londres para acabar com a corrupção. Depois disso, deverá protagonizar um filme chamado *Hawks*, baseado numa idéia (!?) de **Barry Gibb**, dos persistentes Bee Gees. Enquanto isso, o ex-James Bond **Roger Moore** prepara-se para estrear uma comédia chamada *Nightwork*.

## ELEMENTAR, MEU CARO CAINE

**Michael** pau-pra-toda-obra **Caine** está sendo sondado para desempenhar o papel do lendário detetive Sherlock Holmes em *The Imposter of Baker Street*. Enquanto não se decide, ele trabalha num papel parecido, o do inspetor da Scotland Yard, **Frederic Abberline**, na minissérie televisiva americana *Jack, o Estripador*.

Timothy Dalton vai usar a experiência de 007 para fazer uma devassa na polícia londrina



O velho **Burt Lancaster** está de volta em *Old Gringo*



A gata Valerie Kaprisky vira uma velha enrugada pelas mãos mágicas do maquilador Nilo Iaconi



Pelletier-Gamma

## VIÚVA ALEGRE

A bela viúva de François Truffaut, **Fanny Ardant**, é a estrela do filme que **Margarethe von Trotta** (*Rosa Luxemburgo*) está rodando na Itália, sobre três irmãs perdidas no meio universitário nos anos 80. É uma co-produção franco-italo-alemã.

## HERÓIS, FANTASMAS E MARCIANOS

Novidades na área do cinema fantástico. Vêm aí *Mestres do Universo II* (o primeiro está chegando ao Brasil), *Homem Aranha*, *Intruder* (dirigido por **Tobe Poltergeist Hooper**), *Casa do Espanto III*, *Return of the Killer Tomatoes*, *I Was a Teenage Zombie*, *Martians Go Home* e *Golem* (com **Charles Bronson**). Durma-se com um efeito especial desses.



SHIRAZ

## ENVELHECIMENTO PRECOCE

Quem se lembra da gatinha **Valerie Kaprisky**, parceira de Richard Gere em *A Força do Amor*, certamente não a reconhecerá como mulher de Antonio Stradivari (**Anthony Quinn**) no filme *Stradivarius*, do italiano **Giacomo Battiato**. Para aparecer no filme, que conta também com três filhos de Anthony Quinn no elenco, Valerie foi devidamente envelhecida e "enfreada" pelas competentes mãos do maquilador **Nilo Iaconi**, o homem que transformou **Roberto De Niro** num velho em *Era Uma Vez na América*. *Stradivarius*, como sugere o título, é a biografia do artesão que criou o violino mais perfeito do mundo, no século XVII.

## DE VOLTA A CHINATOWN

Quem achou triste demais o terrível final de *Chinatown* (1974) terá agora uma segunda chance: o roteirista do filme de Polanski, **Robert Towne**, vai dirigir sua seqüência, *The Two Jakes*. Só que Jack Nicholson está fora do elenco. Em compensação, estão confirmados **Mel Gibson** e **Michelle Pfeiffer**. O ex-*Mad Max* vai interpretar um tira que se apaixona pela garota de um ex-colega que se tornou traficante de drogas. A garota, obviamente, é a bruxinha Michelle. O traficante ainda não foi escolhido.

## O BOULEVAR DO CINE

O francês **Marcel Carné**, realizador de clássicos como *Os Visitantes da Noite* (1942) e *O Boulevard do Crime* (1945), volta este ano à direção com *Le Bel Été* (*O Belo Verão*), a partir de um roteiro escrito por ele mesmo.

## CORTA MAIS, CORTA

O guerreiro imortal **Christophe Lambert**, além de despedaçar corações, volta a cortar cabeças em *Highlander II: Yellowknife*, que começa a ser filmado no meio do ano. A história se passa no ano 2092. O filme será rodado na França e na Califórnia ao custo de 15 milhões de dólares.

## ARRIBA ARGENTINA

Com a mesma avidez com que os times italianos contratam os craques do futebol argentino, os americanos parecem dispostos a cooptar os talentos cinematográficos platenses. Primeiro foi o argentino-brasileiro Hector Babenco e agora é a vez do oscarizado **Luis Puenzo** (*A História Oficial*), que vai dirigir ninguém menos que **Burt Lancaster** e **Jane Fonda** em *Old Gringo*, baseado em romance de **Carlos Fuentes**. O filme será produzido pela própria Jane Fonda. Em contrapartida, o americano **Oliver Stone** (*Platoon*, *Wall Street*) planeja adaptar para o cinema o musical de teatro *Evita*, que acompanha a tragicômica trajetória de Juan e Eva Perón. O tema, aliás, já rendeu uma minissérie na TV americana em 1981, com **Faye Dunaway** no papel da vedete que virou primeira-dama.

P. Guerrini/Gamma



"Os estúdios não queriam fazer nenhum dos filmes que eu propus, nem mesmo Guerra nas Estrelas."

George Lucas





Esses gaúchos maravilhosos e sua casa acolhedora

## CASA DE CINEMA, TCHÊ

Acaba de surgir em Porto Alegre a Casa de Cinema, que servirá de ponto de encontro de realizadores de cinema gaúchos e uma espécie de base de apoio logístico à realização de futuros filmes. Será também o escritório das quatro produtoras que se reuniram para criá-la: a Roda Filmes, a Luz Produções, a InVideo e a Um Produções. As quatro são responsáveis por 75% dos filmes produzidos no Estado e por 48 dos prêmios ganhos por obras gaúchas em festivais nacionais e internacionais. Cabe lembrar que nos últimos oito anos o Rio Grande do Sul foi, depois de Rio e São Paulo, o Estado brasileiro que mais filmes produziu. Só entre 1983 e 1987 foram realizadas 25 obras em 35 milímetros, três delas de longa-metragem, sem qualquer apoio da Embrafilme. Entre as primeiras atividades da Casa de Cinema, já em andamento, estão a produção do curta *Barbosa*, da Luz Produções, e a divulgação do longa *O Mentiroso*, da Um Produções. Participam da Casa os cineastas **Carlos Gerbase** e **Giba Assis Brasil** (diretores do longa *Verdes Anos*), **Jorge Furtado** e **José Pedro Goulart** (do curta *O Dia Que Dorival Encarou a Guarda*) e **Werner Schunemann** (diretor dos longas *Me Beija* e *O Mentiroso*). *Eduardo Guimarães, de Porto Alegre*

## JACK, O PROVOCADOR

O megastar **Jack Nicholson** ameaça não pisar mais num *set* de filmagem. "Eu preciso que alguém que não seja a Coca-Cola decida o que deve aparecer num filme", queixa-se o velho Jack, que aos 51 anos considera-se um anacrônico: "Eu ainda fico alto, ainda gosto de me divertir com as mulheres, essas coisas todas que estão fora de moda". E ainda se interessa por política. Seu candidato à presidência dos EUA é o ex-senador democrata **Gary Hart**, aquele do escândalo com a modelo Donna Rice. O ator explica por que o escolheu: "Because he fucks".

## A TELINHA NO TELÃO

Além de *Switching Channels* (remake de *Jejum de Amor* e *A Primeira Página*), com **Kathleen Turner**, **Christopher Reeve** e **Burt Reynolds**, surge outro filme ambientado no mundo cão da televisão: *Broadcast News*, com **William Hurt**, **Albert Brooks** (*Infielmente Tua*) e **Holly Hunter** (*Arizona Nunca Mais*), sob a direção de **James L. Brooks** (*Laços de Ternura*).

Holly Hunter, William Hurt e Albert Brooks: a afiada equipe de *Broadcast News*



O jornalista globe-trotter Donald Ranvaud durante sua meteórica passagem por terras paulistanas

## RASTREADOR DE NOVIDADES

Passou pelo Brasil o crítico de cinema e produtor inglês **Donald Ranvaud**. Nas cinco semanas em que transitou pelo Rio de Janeiro e São Paulo, em janeiro, deu cabo de duas tarefas: escolher projetos para coproduzir através da Academy Pictures, de Londres, e selecionar longas para uma mostra na Itália, cujo título será *Tudo Bem?* Quanto aos projetos, Donald Ranvaud interessou-se pelos trabalhos dos diretores **Wilson Barros** (*Anjos da Noite*), **Sérgio Toledo** (*Vera*) e **Carlão Reichenbach** (*Anjos do Arrabalde*). Já a mostra italiana, marcada para o segundo semestre deste ano, ainda não tem os títulos definidos. O crítico já tem uma primeira seleção com 50 filmes e disse que, após o evento, dez entrarão em circuito comercial. "Alguma coisa nova acontece no cinema brasileiro nos últimos três anos", avalia Ranvaud. Aos 33 anos, ele organiza a mostra na Itália (que no ano passado privilegiou o cinema australiano) e escreve para as revistas *Cahiers du Cinema* (França), *Time Out* (Inglaterra), *SET* (Brasil) e *Ciak* (Itália) e para os jornais *La Repubblica* (Roma) e *Daily Post* (Nova York).

## EM PRODUÇÃO

**Woody Allen** começou em Nova York as filmagens de seu próximo filme — ainda sem título —, que terá como intérpretes **John Houseman** (*Rolerball*) e **Ben Gazzara** (*Crônica de um Amor Louco*). ► **Steven Spielberg** e **George Lucas** preparam *The Land Before Time Began*, um desenho animado de ficção científica a ser dirigido por **Don Bluth** (*Fievel*). ► **Robert De Niro** vai liderar o elenco de *Midnight Run*, uma comédia sobre um caçador de recompensas. ► **Claude Lelouch** vai fazer *L'itinéraire d'un Enfant Gâté*, com **Jean-Paul Belmondo**. ► **Anthony Perkins** volta à direção com *Mr. Christmas Dinner*. ► **Roger Corman** começa a rodar um remake de *Emissário de Outro Mundo*, que ele mesmo dirigiu em 1957. ► **Walter Matthau** contracenará com **Roberto Benigni** (*Down by Law*) no filme *Piccolo Diavolo*, dirigido por Benigni. ► **Kelly McGillis** (*A Testemunha*) é a protagonista de *The House on Carroll Street*, um policial ambientado nos anos 50, com direção de **Peter Yates** (*Bullit*). ► **Mel Gibson** volta a contracenar com **Danny Glover** na sequência de *Máquina Mortífera*. ► **Danny De Vito** (*Quem Tudo Quer, Tudo Perde*) vai protagonizar um remake do clássico *La Chienne* (1931), de Jean Renoir. ► **Rutger Hauer** (*Blade Runner*, *A Morte Pede Carona*) é o protagonista de *La Leggenda del Santo Bevitore*, de **Ermano Olmi** (*A Arvore dos Tamancos*), inspirado num conto de **Joseph Roth**.



Roberto Trecat/Ariz

## PLAY IT AGAIN, DENNIS!

Quase vinte anos depois de *Sem Destino* (1969) e sete depois de seu último trabalho na direção (*Out of Blue*, 1981), **Dennis Hopper** volta a atuar atrás das câmeras no filme *Colors*, em que **Sean Penn** (*Caminhos Violentos*) e **Robert Duvall** (*Apocalypse Now*) interpretam dois policiais em guerra contra gangs juvenis. No filme, Hopper mergulha nos temas que sempre o obcecaram: a violência juvenil, sexo, drogas e rock'n'roll.

"Quero ser ator por mais dois ou três anos e depois me aposentar, esculpir, pintar quando tiver vontade. E fazer longos passeios de bicicleta — uns duzentos quilômetros por dia."  
**Anthony Quinn**



## A HORA DO NOJO

Prepare seu estômago: vem aí *The Hidden*, o novo filme de **Jack Sholder** (*A Hora do Pesadelo II*). É uma mistura indigesta de horror com ficção científica: um monstro extraterrestre entra na boca de suas vítimas na forma de uma aranha gigante e repugnante. No elenco, **Clu Gulager** (*A Hora do Pesadelo II*, *A Volta dos Mortos-Vivos*) e **Kyle MacLachlan** (*Veludo Azul*). Os efeitos especiais são supervisionados por **Kevin Yagher** (*A Hora do Pesadelo II e III*).

New Line Cinema



Fogo no conferencista: horror e política misturados em *The Hidden*

## DEU A LOUCA EM HOLLYWOOD

**Stanley Kramer** é mesmo versátil. Depois de ter feito a comédia maluca *Deu a Louca no Mundo* (1963) e o meloso *Abençoi as Feras e as Crianças* (1972), ele prepara a realização de um filme sobre a vida do dirigente sindical polonês **Lech Waleśa**. Alguém aí usou a palavra oportunismo?

Stills



Sophie Marceau: novo rosto e novas pernas no cinema francês

## ONDE OS MARINES NÃO CHEGARAM

Hollywood invadiu Cuba em dezembro, durante o 9.º Festival Latino-Americano de Filmes. Há quase 30 anos, a marinha americana tentou desembarcar na ilha e nada conseguiu. Agora, com jeitinho os diretores **Oliver Stone** (*Platoon*, *Wall Street*) e **Arthur Penn** (*Pequeno Grande Homem*, *Bonnie and Clyde*) e as estrelas **Nastassja Kinski** e **Vanessa Redgrave** foram alguns dos ilustres visitantes que desembarcaram em Havana. O festival marcou o primeiro aniversário da Fundação e Escola de Cinema de Cuba, dirigida pelo escritor colombiano **Gabriel Garcia Marquez** e pelo cineasta argentino **Fernando Birri**.

## BESAME RAMALHO

O filme *Besame Mucho*, do brasileiro **Francisco Ramalho Júnior**, faturou o Colombo de Ouro no Festival Ibero-Americano de Cinema realizado em Huelva, Espanha, em dezembro. Concorriam com ele filmes de catorze países.

**Nastassja Kinski** foi tomar cuba-libre na terra de Fidel Castro

Christophe L



## SOPHIE, REVOLUÇÃO FRANCESA

Os franceses estão dando ao mundo uma nova *bombshell*, legítima sucessora de Brigitte Bardot e Isabelle Adjani, com a qual aliás se parece bastante. O nome da gata é **Sophie Marceau**, estrela do recém-concluído *Les Chouans*, dirigido por **Philippe De Broca** (*Esse Mundo É dos Loucos*, *O Magnífico*). É um filme de amor que tem como fundo a Revolução Francesa. Sophie interpreta Celine De Kerfadedec, filha adotiva de um conde contra-revolucionário (**Philippe Noiret**).

## SESSÃO ESPÍRITA

O rei da paródia **Mel Brooks** vai fazer um filme baseado no romance *The Fortune Teller*, de **Marsha Norma**. É a história de uma mulher que utiliza seus poderes mediúnicos para ajudar a polícia a encontrar 27 crianças seqüestradas. O papel principal ficará com a mulher do diretor, **Anne Bancroft**.



# CIDADÃO KANE

**Nas locadoras, o maior filme de todos os tempos**

CITIZEN KANE (EUA, 1941)

*Direção, Produção e Roteiro (em parceria com Herman Manckiewicz): Orson Welles. Música: Bernard Herrmann. Com Orson Welles, Joseph Cotten, Everett Sloane, Agnes Moorehead, Ray Collins, George Colours. LCL.*

Orson Welles era precoce. Um mês antes de nascer já foi embora do Brasil. Foi concebido no Rio de Janeiro em 1914, emigrou para os EUA em abril de 1915, dentro da barriga de Beatrice Welles, de onde só saiu em 6 de maio, na cidade de Kenosha, Wisconsin. Aos 18 meses disse: "A vontade de tomar remédios é uma das principais características que distinguem o homem dos animais". Aos 14 anos, adaptava Shakespeare na escola, para assombro da plateia adulta. Aos 16, arranca aplausos delirantes em cena aberta ao representar Shakespeare num dos teatros mais importantes de Dublin. Aos 19 anos se

casa. Aos 21, já é um adúltero contumaz. Separa-se logo depois. Aos 23 entra para a história do rádio, com adaptação de *A Guerra dos Mundos*, de H.G. Wells, na NBC de Nova York. Transformou o romance em noticiário. Mas muita gente entrou em pânico, certa de que a Terra estava sendo invadida por marcianos beligerantes. Aos 25 anos, em 1940, após assinar um contrato milionário com a RKO, em Hollywood, começa a filmar *Cidadão Kane*, que um ano mais tarde estava pronto. Orson Welles foi o produtor, o diretor, o protagonista e o co-roteirista do filme.

Em 1971, a mais importante publicação de crítica cinematográfica da Inglaterra, *Sight and Sound*, divulgava o resultado de uma pesquisa entre os principais críticos do mundo: *Cidadão Kane* era apontado o maior filme de todos os tempos. É unanimidade mundial. Outro filme dele que é assíduo frequentador

das listas de melhores de todos os tempos é *Soberba*, de 1942. Há críticos que preferem outros. É o caso de Wilson Cunha com *A Marca da Maldade*, de 1958 (ver seção *Filмотeca*, página 79).

*Cidadão Kane* deu prejuízo e, em 1942, um Oscar de melhor roteiro a Welles e Manckiewicz. Fora isso, angariou um turbilhão de xingamentos dos jornais do magnata William Randolph Hearst, em cuja vida inspirou-se o personagem Charles Foster Kane, e, definitivamente, mudou a história do cinema para sempre. Foi só.

A biografia de Charles Foster Kane tem, no início, uma semelhança com a de George Orson Welles. Um e outro são levados a trocar os cuidados dos verdadeiros pais pela educação dos tutores. Welles, órfão, é adotado aos 15 anos por um tutor, Bernstein, que é homenageado no filme dando seu nome a um dos personagens mais positivos. Kane, herdeiro de uma fortuna absurda (a sexta do mundo) é educado por banqueiros até que se torna independente, aos 25 anos. Ai ele resolve dirigir um jornal diário, no qual investe um milhão de dólares a cada ano. Sem retorno. Casa-se com a sobrinha do presidente da República. Derrota os jornais concorrentes. Candidata-se a governador do Estado. É flagrado pelo adversário com a amante. O escândalo é federal. Perde as eleições. Separa-se da mulher, que morre logo depois num acidente com seu único filho. Kane, então, casa-se com a ex-amante e com ela se isola do mundo. Depois, morre e pronuncia uma última palavra: "Rosebud". Como Welles (morto em outubro de 1985), Kane morre dentro de sua

própria casa. É a primeira cena do filme. Toda a história é narrada em *flashback*, basicamente em três níveis: o noticiário cinematográfico que reporta a morte e a importância de Kane, com arrasador e ágil realismo; a trajetória do repórter, da equipe que realiza o noticiário, entrevistando as pessoas que conheceram Kane, com o objetivo de descobrir o que significava "Rosebud"; e, finalmente, as memórias intimistas de cada um dos entrevistados.

Descrever a coisa toda assim, porém, é como tentar colocar a Bíblia dentro de uma sinopse do *The New York Review of Books*. *Cidadão Kane* está para o cinema moderno assim como as "Sagradas Escrituras" estão para o pensamento judaico-cristão do Ocidente. "O Cinema Ocidental deve tudo a Welles", confessou Jean Luc-Goddard. Ele está com a razão, a começar pela essência marcadamente autoral de *Cidadão Kane*. Em 1940, ser diretor era quase nada. Quem mandava era o produtor, o burocrata do estúdio. Orson Welles contornou isso, assumindo parte da produção. Fazia tomadas escondidas dos diretores da RKO, para depois apresentar-lhes as cenas acabadas, como fatos consumados. Ao mesmo tempo, recrutou os atores mais importantes não entre os excêntricos astros e estrelas de Hollywood, mas do elenco do teatro Mercury, da Broadway, que havia acabado de dirigir em três montagens geniais. O roteiro de Manckiewicz, Welles o reescreveu algumas vezes e cuidou de aprender os mistérios da fotografia com o ótimo Greg Toland, com quem conseguiu excepcionais resultados de profundidade de campo que enlouqueceram o mundo do cine-



Daimas/Sipa Press





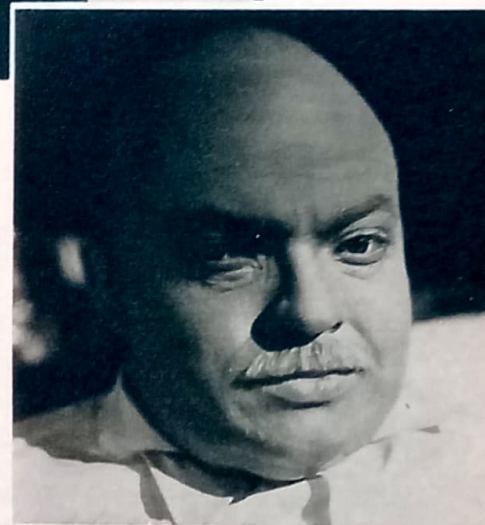
A vertiginosa profundidade de campo de uma cena de *Cidadão Kane*; abaixo, Welles velho graças à maquiagem; na outra página, velho de verdade (em 1966, com Truffaut)

Fotos RKO

ma da época. Eliminou tetos do cenário. Colocava a câmera ao nível do chão. A linguagem do cinema virou-se de pernas pro ar. Assim, o cineasta — que já tinha sólida formação dramática, estudado música e pintura desde a infância, sabia truques de mágica e números de circo, além de dominar as melhores técnicas da locução e da linguagem radiofônica — em sua primeira produção pôde se isolar dentro de Hollywood para realizar, em um ano, uma das obras-primas do século XX. Não teve a interferência dos diretores dos estúdios que só vêem as cifras, nem teve amolação com *stars* temperamentais; não sofreu ingerências de roteiros impositivos nem se deixou dominar pela ausência de conhecimentos técnicos da fotografia. Orson Welles fez, em 1941, o filme de autor por excelência no coração da indústria de Hollywood. Eis aí um outro paralelo que é possível estabelecer entre o diretor/ator/produzidor e seu personagem Kane — que fazia um jornal de autor, extremamente personalizado e

paternalista. Tanto um quanto outro, porém, foram vítimas dos rótulos. Acusados de fascistas pela esquerda e de comunistas pela direita, Kane e Welles esquivavam-se, a seus modos, como "apenas americanos". O primeiro declara isso expressamente no filme. O segundo compôs a saga do fracasso (a inviabilidade teórica) do protótipo ideal do cidadão americano. O próprio Welles, de seu lado, foi um americano, no mínimo, atípico: erudito, artista, intelectual, cosmopolita, viajado e... falsificador deliberado. "A moral burguesa sentimental me enjoa", disse numa entrevista a André Bazin em 1977. Dono de uma dualidade insolúvel entre o certo, o moral, o legal, de um lado, e o desejável, o inteligente, o belo, de outro, o cineasta acaba se indispondo com a lógica comercial reacionária de Hollywood, assim como Kane se indispondo com a vida pública moralista hipócrita dos políticos americanos. *Cidadão Kane*, por fim, profetiza a decadência de Welles, sob a forma de maldição. A indisposição de Orson Welles

com os mandões de Hollywood começa a acontecer em 1942, exatamente quando ele volta, adulto, para o Rio de Janeiro. O filme que ele veio fazer aqui, em que entravam jangadeiros e Carnaval, jamais foi concluído. O estúdio vetou "por causa dos gastos excessivos". O diretor Rogério Sganzerla, há três anos, conseguiu os negativos e fez uma montagem, que batizou de *Nem Tudo É Verdade*. O título imaginado por Welles seria *It's All True*. Falsificador. Enganou os ouvintes da NBC com os marcianos de H.G. Wells, enganou os diretores da RKO, enganava o trânsito de Nova York trafegando dentro de uma ambulância com sirene ligada para andar mais depressa. Em 1977 fez seu último filme, *Verdades e Mentiras* (*F for Fake*), precisamente sobre a falsificação na arte. Kane manipulava a verdade em seu diário e fracassou ao tentar aplicar o mesmo método sobre a esfera política. Welles não conseguiu administrar o próprio gênio dentro da sociedade e, no fim da vida, chegava mesmo a negar a própria genialidade. Ka-



ne, próximo da morte, admite a fraqueza que, em si, jamais reconheceria. Kane se dá conta do trauma que foi, para ele, sua separação da mãe (o roteiro é o itinerário de uma psicanálise). Welles declara que fez tudo o que fez porque sua mãe, Beatrice, o especializou na arte de impressionar as pessoas. Nunca se recobrou de tê-la perdido aos nove anos. *Cidadão Kane* é um vértice na vida de Orson Welles. Orson Welles é um vértice na história da sétima arte.

Eugênio Bucci



## DRAMA

### UM SONHO DE DOMINGO

(Un Dimanche à la Campagna, França, 1984)

Direção: Bertrand Tavernier. Com Luís Ducreux, Sabine Azema e Michel Aumont. Videocassete do Brasil



O pintor Ladmiral vive sua velhice em uma casa no campo. À sua volta, e longe dos seus olhos, o ano de 1912 começa a enterrar um século e lança uma nova época, mais violenta, em cena. Para o senhor Ladmiral, no entanto, já é muito tarde. Seu único contato com o exterior são as visitas que recebe aos domingos do casal de filhos. O conflito entre este homem e sua filha (bonita, ousada, insegura) e seu filho (bem-sucedido, estável, inseguro) é o tema de *Um Sonho de Domingo*, exibido na 8.ª Mostra de Cinema de São Paulo, em 1984. O filme, ganhador do prêmio de melhor direção no Festival de Cannes de 1984, apresenta todas as características que vem assumindo a filmografia recente de Tavernier (*Mississippi Blues* e o recém-exibido *Por Volta da Meia-Noite*). O personagem principal, assim como o autor, prefere sempre a conciliação à rebelião. O ecletismo como forma de evitar a ousadia. E nada de excessos estilísticos. Godard já havia dado o recado:

"Os americanos sabem como contar uma história; nós (os franceses), não". A obra de Tavernier, ex-crítico admirador do cinema americano e um dos principais realizadores franceses da geração posterior à *nouvelle vague*, talvez seja uma tentativa de síntese destes dois pólos. As seqüências são longas e o enredo é rarefeito quase à inação. Nada de realmente importante acontece. O próprio autor já disse numa entrevista: "Eu quero é apreender aqueles momentos em que nada acontece, justamente aqueles momentos que são evitados na maioria dos filmes". Sua estratégia nem sempre funciona. Ele talvez nem queira isso. Seus personagens também são incapazes de operar uma síntese perfeita. Não são heróis nem vilões, mas incomodam. Não se trata aqui de um filme da invenção, mas sim de uma obra daquela região algo imprecisa entre o secundário e o trabalho de mestre. A conferir.

João Batista Magalhães

### O ESTADO DAS COISAS

(Der Stand der Dinge, Alemanha, 1981)

Direção: Wim Wenders. Com Patrick Bauchau, Viva Aude, Isabelle Weingarten e Samuel Fuller. Globo Vídeo



Este é o cúmulo do "filme dentro do filme". O diretor Fritz Munro

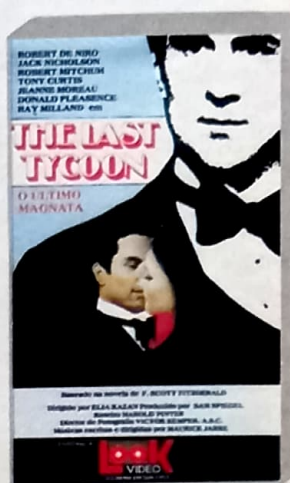
(Bauchau) realiza um filme sobre os sobreviventes de uma catástrofe nuclear. Acaba o filme virgem, acaba o dinheiro, o produtor não dá notícias. Parados num hotel semidestruído por um furacão em Portugal, enquanto Fritz tenta falar com o produtor nos Estados Unidos, o roteirista (Paul Getty III) entra em crise, a mulher do diretor de fotografia (Fuller) agoniza no hospital, os atores se embebedam, se entediam e esperam. O olhar inocente de Wenders passeia — é um olhar fixo que sequer se detém ou pisca diante da miséria pessoal de cada personagem. O preto e branco "serve para tornar as coisas mais realistas", como diz a certa altura Fritz. Cada enquadramento é uma declaração de amor ao cinema e uma melancólica constatação de sua morte iminente. O lirismo melancólico da primeira parte sofre um corte abrupto quando Fritz resolve ir a Los Angeles atrás de Gordon, o produtor. O ritmo da segunda parte lembra *O Amigo Americano*, quase policial, e as longas tomadas de seus *road movies*, *Alice nas Cidades*, *Movimento Falso* e *No Decorrer do Tempo*. É o próprio Wenders refletindo sobre suas ânsias mas ambíguas relações com a indústria cinematográfica. *O Estado das Coisas* foi realizado durante as filmagens de *Hammett*, cujo produtor era Francis Coppola. A convivência dos dois diretores não foi o que se pode chamar de harmoniosa e isso se reflete no filme no relacionamento de Fritz e de Gordon. Eles são amigos e, embora estejam em posições antagônicas — a sobrevivência de um, enquanto produtor, depende da derrocada do outro —, a amizade é possível, porque no fundo estão na mesma barca furada: o cinema. Wenders é por vezes excessivamente metafórico e por mais vezes ainda — como fica explícito em *Paris, Texas*, seu filme seguinte — dependente de diálogos explicativos, reveladores. Mas quem saca uma câmera como se fosse um revólver está além dessas ninharias.

Bia Abramo

### O ÚLTIMO MAGNATA

(The Last Tycoon, EUA, 1976)

Direção: Elia Kazan. Com Robert De Niro, Robert Mitchum, Jack Nicholson, Donald Pleasence, Ray Milland, Jeanne Moreau, Tony Curtis, Ingrid Boulting, Theresa Russel, Dana Andrews. Look Video.



O escritor e diretor Elia Kazan deu ao cinema filmes memoráveis como *Viva Zapata!* (1952), *Sindicato de Ladrões* (1954) e *Clamor do Sexo* (1961). *O Último Magnata*, baseado em novela homônima de F. Scott Fitzgerald, é seu último filme (até agora) e, sob muitos aspectos, seu testamento cinematográfico. Monroe Stahr (Robert De Niro), poderoso produtor de cinema dos anos 30, é o centro de um expressivo painel da época de ouro de Hollywood, na qual o diretor de cinema era o último que falava e o primeiro que apanhava. Vivia sob o fogo cruzado das estrelas e dos poderosos executivos dos grandes estúdios. São eloquentes as cenas em que Stahr, após assistir à projeção da primeira versão de um filme, sentença: "Mudem este diálogo. Ninguém fala 'nem eu tampouco'. Refaçam tudo". Ainda mais significativa é a antológica seqüência em que o mesmo Stahr "ensina" o que é o cinema para o desentendido roteirista Boxley (Donald Pleasence). Nessa passagem, que dura poucos minutos e é fragmentada em mais de quaren-



ta planos, Stahr/De Niro é o próprio cinema, fazendo simultaneamente as vezes de roteirista, narrador, diretor e ator.

Mas, como em todo bom drama hollywoodiano, o temido Stahr não passa de um homem inseguro e solitário, que se torna pequeno e ridículo por amor a uma mulher, Kathleen Russel (Ingrid Boulting). E acaba saindo no braço com o representante do sindicato dos roteiristas, Brimmer (Jack Nicholson).

Essa seqüência ganha um significado especial quando se leva em conta que Kazan tem seu nome comumente associado à delação de companheiros esquerdistas na época do macartismo (anos 50).

Outra preciosidade do filme é o elenco: para tornar mais efetiva sua declaração de amor e ódio a Hollywood, Kazan colocou na tela uma das maiores constelações de que se tem notícia, com astros de primeira grandeza de várias gerações, do veteraníssimo Dana Andrews à novata (na época) Theresa Russel. Uma festa, em suma. Uma amarga festa do cinema.

José Geraldo Couto

## OS VIOLINOS DO BAILE

(Les Violons du Bal, França, 1983)

Direção: Michel Drach. Com Jean-Louis Trintignant, Marie José Nat, David Drach. VideoBan/Look Vídeo.



## O PAGADOR DE PROMESSAS

(Brasil, 1962)

Direção: Anselmo Duarte. Com Leonardo Vilar, Glória Menezes, Geraldo D'El Rey, Norma Bengell. Globo Vídeo.



Certa vez o cinema brasileiro subiu em carro de bombeiro, com a sirene ligada, fez desfile público e a população gostou. Foi em 1962, no dia 4 de julho, quando o produtor Anibal Massaini e o diretor Anselmo Duarte desembarcaram no Rio de Janeiro, com a Palma de Ouro do Festival de Cannes. Diz a lenda que, em maio de 1960, no mesmo festival, Duarte tinha jurado: "Año que vem, trago um filme para ganhar a Palma". O filme para cumprir o juramento não poderia ter outro nome: *O Pagador de Promessas*.

Glória Menezes e Leonardo Vilar, como Zê do Burro e Rosa, sua esposa, são perfeitos. A 42 quilôme-



Cartaz do Pagador de Promessas divulgado no Japão

tros de Salvador, ele é proprietário de um pequeno sítio, e seu burrico é atingido por um raio. Zê, depois de tentar curas prosaicas, decide ir a um terreiro de candomblé e fazer uma promessa em troca da saúde do quadrúpede. O animal fica bom. Zê, então, dá providências para cumprir o que prometera a Santa Bárbara. Doa metade de suas terras, pega uma cruz laraônica e põe o pé na caminhada, até Salvador.

Lá, as mesmas forças que lhe salvaram o burro parecem dispostas a azucrinar-lhe a existência. Sua mulher vai passar a noite num ho-

tel e sucumbe às carícias do cateião Bonitão (Geraldo D'El Rey) e o padre Olavo (Dionísio Azevedo) não quer saber de vê-lo dentro da igreja. "Como? Uma promessa feita na macumba?", horroriza-se o sacerdote.

Zê do Burro, teimoso feito uma mula, não desiste. O filme é formidável. Merecia ganhar a Palma de Ouro de gente como Buñuel, Antonioni e outros. Merecia também uma cópia mais cuidada por parte da Globo Vídeo. A imagem, em preto e branco, está boa. O som é que poderia ter sido recuperado.

Eugênio Bucci

A atriz Marie José Nat faturou o prêmio de melhor atriz em Cannes por este filme. Ela é o pivô de uma família judia que tenta escapar aos horrores da Segunda Guerra. Na verdade, é uma fita dentro da fita. O drama da família se desenrola num filme que é rodado por um diretor contemporá-

neo (Trintignant).

Através de recursos de cor (como Claude Lelouch já havia feito em *Um Homem, uma Mulher*) o diretor vai localizando a platéia no tempo e no espaço, mas deixando um pouco no ar o que é realidade e o que é ficção.

Uma obra autobiográfica, em que

as desventuras do pequeno Michel (David Drach) nas décadas da guerra transparecem como situações reais vividas pelo próprio diretor. Este, por sinal, interpreta o difícil papel de si mesmo nos primeiros minutos, antes de ser substituído por Trintignant.

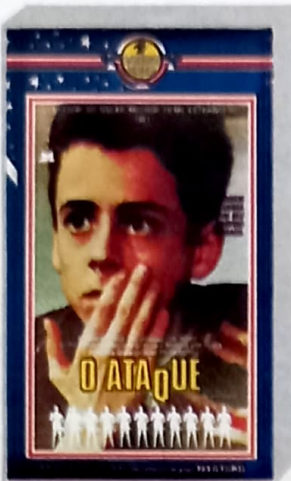
Luiz Tadeu Correia



## O ATAQUE

(The Assault, Holanda, 1986)

Direção: Fons Rademakers. Com Derek de Lint, Mark Van Uchelen e Monique Van de Ven. América.



Uma fita política sobre um personagem apolítico. Um garoto de 12 anos, em 1945, vê a família sendo massacrada e sua casa queimada. Tudo isso porque um colaboracionista é morto por membros da Resistência e o cadáver é deslocado para a frente de sua casa. O garoto Anton (Van Uchelen) é poupado (por quê?) e cresce longe da cidade onde aconteceu a tragédia. Ele procura apagar a memória, mas ela volta, insidiosa, na forma de crises nervosas e dos participantes sobreviventes que vai encontrando ao longo dos anos. Aos poucos, Anton, já adulto (de Lint), desvenda a verdade sobre a terrível noite, ao mesmo tempo em que se demove de sua posição teimosamente alheia aos movimentos políticos — mostrados através de documentários da época que vão contando a história dos conflitos bélicos pós-guerra. Não vá esperando muita criatividade na narrativa ou exercícios de originalidade. É um filme bem convencional — do estilo dos que ganham Oscar, como de fato aconteceu em 1986 na categoria de Melhor Filme Estrangeiro —, que se apoia no carisma e na boa interpretação dos dois Antons. Um convite à militância pacifista, sem qualquer restrição ideológica. Para quem "nasceu depois da guerra e espera que conti-

nue assim" — como diz o cartaz que a filha adolescente de Anton carrega numa manifestação antinuclear —, não é demais conhecer ou reconhecer a história. **Bia Abramo**

## OUTROS LANÇAMENTOS

### GABRIELA

(Brasil, 1983)

Direção: Bruno Barreto. Com Sônia Braga, Marcello Mastroianni. Warner. Adaptação do romance homônimo de Jorge Amado. O filme deixa praticamente de lado os conflitos entre os coronéis baianos e a crítica social e de costumes presentes no livro e na telenovela (aliás, melhor realizada). **RUIM.**

### UMA PONTE CHAMADA ESPERANÇA

(Over the Brooklyn Bridge, EUA, 1983)

Direção: Menahem Golan. Com Elliott Gould, Margaux Hemingway e Sid Caesar. GloboVideo.

Um simpático e "desajeitado diabético", Alby (E. Gould), é amarrado em Elizabeth (Margaux Hemingway) — um mulherão. Ele judeu, ela não-judia. A família dele, ortodoxa até os ossos, tem um tio que vai lhe financiar um restaurante, contanto que ele se afaste da garota. Conflitos familiares vêm à tona num drama onde conseguir amor e dinheiro é a questão nesta tempestade em copo d'água. **REGULAR.**

### RUTH HALBFASS

(Die Moral der Ruth Halbfass, Alemanha, 1972)

Direção: Wolker Schlöndorff. Com Senta Berger, Helmut Griem, Peter Ehrlich. F.J. Lucas.

A bela senhora burguesa Ruth Halbfass (Senta Berger) tem como amante um professor secundário (Griem) que está de olho na fortuna do marido dela. O tipo do argumento que na Itália daria uma co-

média, mas na Alemanha gera um drama filosófico difícil de agüentar, principalmente porque o responsável pelas legendas não sabe português. **RUIM.**

### AMOR DE VERÃO

(L'Été Prochain, França, 1985)

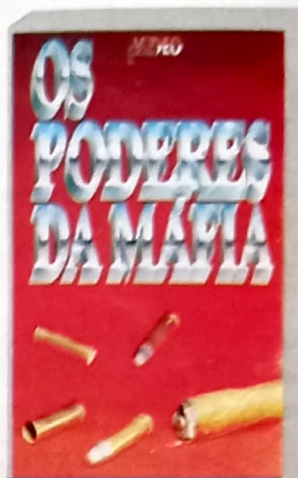
Direção: Nadine Trintignant. Com Philippe Noiret, Fanny Ardant e Claudia Cardinale. Videocassete do Brasil.

A família Severin vai se decompor. Os pais (Noiret e Cardinale) se separam, a filha mais velha (Fanny Ardant) vive um casamento agitado e os filhos adolescentes saem de casa. Mas todos mantêm a esperança de uma viagem próxima à América, sempre prometida pelo sr. Severin para o próximo verão. **REGULAR.**

### OS PODERES DA MÁFIA

(Un Uomo in Ginocchio, Itália, 1981)

Direção: Damiano Damiani. Com Giuliano Gemma, Eleonora Giorgi e Michele Placido. Pole Video.



Depois de salva por uma moeda em *O Dólar Furado*, a vida de Giuliano Gemma em *Os Poderes da Máfia* não vale um tostão. Aqui Gemma é Nino Berartre, "o maior ladrão de carros de Palermo", que, depois de dois anos na cadeia, tenta a quase honestidade vendendo cafézinho num quiosque do qual é dono. O problema é que o submundo não quer largar do seu pé: por infelicidade e capricho de um poderoso da Máfia, Nino — que não tinha nada a ver com o peixe — é envolvido numa questão de vingança, "entrando bem" no oitavo posto de uma lista de oito condenados. A situação é desesperadora: o filme vai passando, um a um os primeiros sete da lista vão sendo eliminados, e nada de Nino Berartre safar-se do urubu.

Com esse enredo e uma bela fotografia, o bom diretor Damiani montou quase que uma crônica de costumes, mostrando mais o lado patético do submundo que seu lado propriamente violento. O final é brilhante.

**Daniel Benevides**

## POLICIAL

### O ASSASSINO PERFEITO

(The Perfect Killer, EUA, 1977)

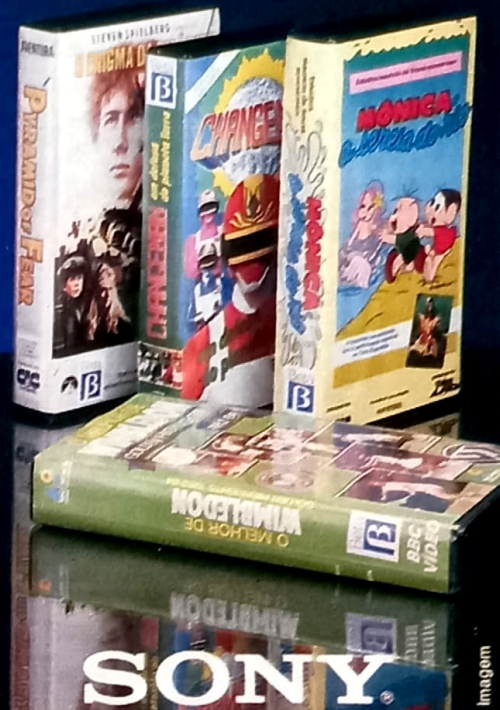
Direção: Marlon Sirko. Com Lee Van Cleef e Tita Baker. Mundial Filmes.



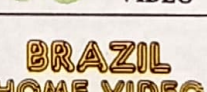
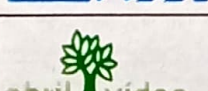
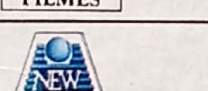
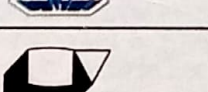
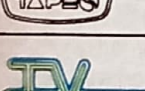
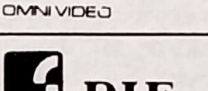
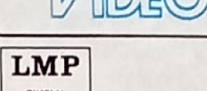
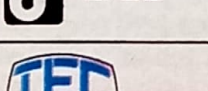
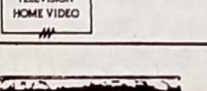
Preso devido a um assalto, Harry Chapman (Lee Van Cleef) consegue sair da cadeia, por intermédio de uma organização internacional. Em troca, Chapman torna-se um assassino profissional, que após uma série de assassinatos resolve rebelar-se contra a organização. Em decorren-



# Fitas e Vídeo Sony Betamax



## Produtoras de Fitas em Betamax

|                                                                                                                                                                                                                                                               |                                                                                                                                                                                                                                         |                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                             |
|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|  <p><b>AMÉRICA VÍDEO</b><br/>FILMES LTDA.<br/>Av. Pacaembu, 1702<br/>(021) 240-9361<br/>240-5686<br/>(011) 864-9111<br/>(031) 222-3691</p>                                   |  <p><b>VTI - VÍDEO</b><br/>INTERAMERICANA<br/>R. Gal. Bruce, 55-S. Crist.<br/>(021) 580-4258<br/>580-3130<br/>580-1839<br/>580-2640</p>               |  <p><b>CINEMAT. F.J. LUCAS</b><br/>Av. São João, 1588<br/>2º Sobreloja<br/>(011) 223-1700<br/>220-6299</p>                                   |  <p><b>TRANSVÍDEO LTDA.</b><br/>R. Tabapuá, 594 5º and.<br/>(011) 881-7299</p>                                          |
|  <p><b>CIC VÍDEO</b><br/>R. Fradique<br/>Coutinho, 352<br/>(011) 282-3699</p>                                                                                               |  <p><b>ONYX VÍDEO</b><br/>INTERNACIONAL<br/>R. do Triunfo, 134<br/>4º Andar<br/>(011) 221-1340<br/>223-9142</p>                                      |  <p><b>DIV. DIST. INT. VÍDEO</b><br/>R. Almirante Pereira<br/>Guimarães, 112<br/>(011) 864-7816<br/>263-6512<br/>864-7816<br/>263-7794</p> |  <p><b>W.R. FILMES</b><br/>Lgo. do Paissandú, 132<br/>4º Andar<br/>(021) 226-6039<br/>(011) 223-7730</p>               |
|  <p><b>HIPERVÍDEO</b><br/>Praça Floriano, 51<br/>22º And. - Centro<br/>Av. Brig. F. Lima, 1857<br/>10º And. Cj. 1001<br/>(021) 533-3711<br/>533-3887<br/>(011) 814-8971</p> |  <p><b>VÍDEO MACHINE</b><br/>R. Bueno Andrade, 467<br/>(011) 278-5408<br/>278-2447</p>                                                               |  <p><b>HUNTER VÍDEO</b><br/>&amp; SOM LTDA.<br/>Av. Cons. Rodrigues<br/>Alves, 243 - V. Mariana<br/>(011) 549-6311</p>                     |  <p><b>EVEREST VÍDEO</b><br/>DO BRASIL<br/>R. Stela, 515 B.L.C.<br/>Sala 21<br/>(011) 549-8388</p>                     |
|  <p><b>POLEVÍDEO</b><br/>R. dos Andradas, 241<br/>(011) 220-5022</p>                                                                                                        |  <p><b>VÍDEO BAN</b><br/>R. Radiantes, 13<br/>(011) 844-1094<br/>844-1391</p>                                                                        |  <p><b>LCL COM. E DISTRIB.</b><br/>Av. Sapopemba, 1419<br/>Sala 01 - Sapopemba<br/>(011) 271-9282<br/>271-9622</p>                         |  <p><b>DRAGÃO VÍDEO</b><br/>Praça XV, 38-A<br/>Sala 21<br/>(021) 242-4956</p>                                          |
|  <p><b>VÍDEOCASSETTE</b><br/>DO BRASIL<br/>R. Prof. Arthur<br/>Ramos, 241<br/>(011) 210-4877<br/>814-1422</p>                                                               |  <p><b>MEGA VÍDEO</b><br/>R. Afonso Brás, 628<br/>(011) 241-9399</p>                                                                                 |  <p><b>MANCHETE VÍDEO</b><br/>R. do Russel, 766<br/>Av. Rebouças, 1955<br/>(021) 285-0033<br/>(011) 280-2856</p>                           |  <p><b>BRAZIL HOME</b><br/>VÍDEO<br/>R. Stela, 515 B.L.E.<br/>Cj. 92<br/>(011) 570-1547</p>                            |
|  <p><b>PHOENIX HOME VÍDEO</b><br/>R. Stela, 515 B.L.G.<br/>11º Andar<br/>(011) 572-1863</p>                                                                                 |  <p><b>ABRIL VÍDEO</b><br/>Rua Corope, 186<br/>(011) 288-8242<br/>285-1276<br/>251-2820<br/>283-3201<br/>288-4667</p>                                |  <p><b>MUNDIAL FILMES</b><br/>Al. dos Guararônias, 1124<br/>(011) 533-6140</p>                                                             |  <p><b>VÍDEO CASSETTE</b><br/>X-RATED FILM<br/>R. Tabapuá, 479<br/>9º Andar<br/>(011) 64-4696</p>                      |
|  <p><b>MASTER VISION</b><br/>R. Itacolomi, 445<br/>Higienópolis<br/>(011) 257-8000</p>                                                                                      |  <p><b>LOOK VÍDEO</b><br/>PRODUTORA<br/>Av. dos Imares, 776<br/>(011) 285-3875<br/>240-8366</p>                                                      |  <p><b>NEW CENTER COM.</b><br/>E REPRÉS.<br/>Av. Paulista, 1499<br/>13º And. Cjs. 1304/5<br/>(011) 289-5630<br/>283-2936<br/>285-3797</p>  |  <p><b>VÍDEO ROOM</b><br/>SERVICE<br/>R. Morais Barros, 653<br/>(011) 543-3624</p>                                     |
|  <p><b>VÍDEO TAPE</b><br/>Av. Brig. L. Antonio, 1404<br/>8º And. - Cj. 806<br/>(011) 575-4595</p>                                                                           |  <p><b>CENTURY VÍDEO</b><br/>LOCAÇÃO<br/>Av. Brig. F. Lima, 1857<br/>10 And. Cj. 1009<br/>(011) 212-6533</p>                                         |  <p><b>OMNI VÍDEO</b><br/>LOCAÇÃO E COM.<br/>Av. Brig. F. Lima, 1570<br/>Cj. 12/13<br/>(011) 212-5766</p>                                  |  <p><b>GLOBOVÍDEO</b><br/>R. Estados Unidos, 650<br/>(011) 885-9382</p>                                                |
|  <p><b>TAIPAN VÍDEO</b><br/>R. Cardeal<br/>Arcoverde, 2987<br/>(011) 813-1366</p>                                                                                           |  <p><b>VMW VÍDEO TAPES</b><br/>DO BRASIL<br/>Av. Brig. L. Antonio, 1404<br/>2º And. s/Loja Cj. 21-B<br/>(011) 284-6539<br/>287-6485<br/>289-0776</p> |  <p><b>DIF PROD. E DISTRIB.</b><br/>R. Paraíso, 694<br/>(011) 289-9655</p>                                                                 |  <p><b>LMP OBRAS</b><br/>CINEMAT. LTDA.<br/>Av. Adolfo<br/>Pinheiro, 2464 Cj. 64<br/>(011) 522-4948</p>                |
|  <p><b>AB INTERNACIONAL</b><br/>VÍDEO<br/>R. Traipu, 260<br/>Casa 8<br/>(011) 825-5599</p>                                                                                  |  <p><b>ARGOVÍDEO</b><br/>R. Vitória, 158 1º A<br/>(011) 222-7988</p>                                                                                 |  <p><b>TEC-HOME VÍDEO</b><br/>R. Groelândia, 406<br/>(011) 570-6542<br/>887-9730</p>                                                       |  <p><b>HOT VÍDEO PROD.</b><br/>ASSES.<br/>Av. Paulista, 2001<br/>16º And. Cj. 1615<br/>(011) 284-5143<br/>285-3875</p> |





Danny Glover e a máquina mortífera Mel Gibson em ação

## MÁQUINA MORTÍFERA

(*Lethal Weapon*, EUA, 1987)

Direção: Richard Donner. Com Mel Gibson, Danny Glover, Gary Busey, Mitchell Ryan, Tom Atkins, Darlene Love, Tracy Wolfe. Warner.



"I'm too old for this" ("Estou velho demais para isto"), não se cansa de repetir o policial Roger Murtaugh (Glover, o Mister de *A Cor Púrpura*) ao seu parceiro Martin Riggs (o ator nova-iorquino — e não australiano — Mel "Mad Max" Gibson, todas as vezes que escapam da morte por um triz.

Afinal, Murtaugh, um sereno policial bem casado e à beira da aposentadoria, é designado para trabalhar em dupla com Riggs, um antigo companheiro de batalhas no Vietnã. Riggs é a antítese de Murtaugh: de temperamento extremamente violento, tem uma inclinação psicótica ao suicídio, agravada pela morte recente de sua mulher.

Ambos têm pela frente o mistério de um aparente suicídio e pouco a pouco descobrem que se tratou de

um assassinato envolvendo uma quadrilha de narcotraficantes (também uma conexão vietnamita). Dessa forma está armado um "teatro de guerra", capaz de transformar as ruas de Los Angeles nos "velhos" campos de batalha. E Murtaugh começa a perceber que apenas os "métodos letais" de Riggs serão capazes de deter o inimigo.

Tudo isso é apresentado em meio a uma profusão de ações, em que abundam os indefectíveis tiros, lutas e perseguições automobilísticas. No entanto, o filme não resvala no vulgar, virtude conseguida pela feliz junção do roteiro dinâmico e criativo (do estreante Shane Black) e da direção segura de Richard Donner (*Superman*, o Filme; *Ladyhawke*, o Feitiço de Águia; *Os Goonies*).

A produção não poupou verbas durante as filmagens (em sua maioria externas), que duraram três meses. O vasto material filmado recebeu um tratamento meticuloso de edição, que culmina na sequência final — de oito minutos — da luta entre Riggs e o mercenário Joshua (Busey). Para essas cenas foram necessárias quatro noites inteiras de filmagens, 92 tomadas de cena, carros e helicópteros emprestados da polícia de Los Angeles e inúmeros especialistas em vários tipos de lutas corporais (inclusive Rorion, da família brasileira Gracie, praticante de uma espécie de *jiu-jitsu* desenvolvida por seus parentes).

Esses requintes tornaram *Máquina Mortífera* um sucesso instantâneo nos EUA, desbancando até o vencedor do Oscar, *Platoon*. E já se anuncia uma "parte 2" para breve, com os mesmos atores. Estará Danny Glover velho demais para isto? Celso Pucci

## AGENTES DA U.N.C.L.E. — 15 ANOS APÓS

(*The Return of the Man from U.N.C.L.E. — The 15 Years Later Affair*, EUA, 1983).

Direção: Ray Austin. Com Robert Vaughan, David McCallum, Patrick MacNee, Tom Mason, Gayle Hunnicutt, Anthony Zerbe, George Lazenby. VMW.



Lembram-se daquela intrépida dupla de agentes secretos, que a serviço da U.N.C.L.E. combatia a organização criminosa T.H.R.U.S.H. naquele velho seriado de TV, nos idos dos 60? Pois são eles mesmos — Napoleon Solo (Vaughan) e Ilya Kuriakin (McCallum) — que, depois de quinze anos de "aposentadoria", são levados pelas circunstâncias a se reunirem novamente para resgatar uma bomba nuclear americana das garras dos agentes inimigos.

Solo agora é um rico vendedor de computadores e jogador inveterado em Las Vegas. A pedido do novo chefe da U.N.C.L.E., decide voltar à ativa, mas com a ajuda de seu antigo companheiro — agora um bem-sucedido produtor de modas, sempre cercado de lindas garotas.

Ambos se reencontram num bar e logo têm que abandonar a "boa vida" e provar que ainda estão em forma, envolvendo-se em perigosas e divertidas situações, com o intuito de derrotar Justin Sepheran (Zerbe), o vil comandante da T.H.R.U.S.H. Para isto, a U.N.C.L.E. — agora com equipamentos ultra-

modernos — vai fornecer a eles inúmeras e inusitadas engenhocas, dignas das arquitetadas para os filmes de James Bond. E é desse seu colega inglês em pessoa — Lazenby, o Bond de *007 a Serviço de Sua Majestade*, de 1969 — que Solo recebe uma "mãozinha" para escapar da primeira das muitas enrascadas em que se envolve neste filme, que resgata com eficiência a ação e o humor do antigo seriado.

Celso Pucci

## HORROR

### SHOW DE HORRORES

(*Creepshow 2*, EUA, 1987)

Direção: Michael Gornick. Com Domenick John, George Kennedy, Dorothy Lamour. Hipervideo.



As tramas arrepiantes e hiperpopulares do escritor Stephen King já renderam filmes do nível de *O Iluminado*, de Stanley Kubrick, *Carrie*, a Estranha, de Brian De Palma, e *A Hora da Zona Morta*, de David Cronenberg, além do medíocre *Comboio do Terror*, que o próprio King dirigiu. Seus contos macabros, ao irem para as telas, exigem grande habilidade para dosar o horror com o humor, qualidade que não falta nos diretores que encararam a tarefa. O mesmo não podemos dizer de Michael Gornick com seu *Show de Horrores*, que



conta com a mesma equipe do filme anterior realizado em 1982, inédito nos cinemas brasileiros.

São três histórias: uma delas mostra um velho comerciante em crise que aceita de um índio, como garantia, jóias de sua tribo. Ao ser roubado, uma estátua guerreira ficará incumbida de punir os ladrões. Na outra, veranistas ouvem rock e se divertem num lago até que uma enorme mancha pegajosa e faminta aparece e... *craul!* E na terceira, uma senhora yuppie, após atropelar um homem à noite na estrada, é obrigada a fugir de um inconveniente e peçonhento caronista. Nesses últimos momentos temos poucos minutos ágeis de um filme decepcionante, apesar da bonita animação intercalada entre as histórias, constituindo uma quarta história, e da excelente atriz veterana Dorothy Lamour no primeiro episódio.

Antonio Querino Neto

## O MASSACRE DA SERRA ELÉTRICA

(*The Texas Chainsaw Massacre 2*, EUA 1986)

Direção: Tobe Hooper. Com Dennis Hopper, Caroline Williams, Jim Siedow, Bill Johnson, Bill Moseley, Amé-rica



Este *Massacre*, para começo de conversa, não é praticado com serra elétrica, mas a motor. Além disso, apesar de chegar às telas e ser

lançado em vídeo por aqui como o primeiro, é a continuação "doze anos depois" do sangrento *cult movie* dirigido pelo mesmo Hooper em 1974, em sua estréia na direção.

E eis que retornam à ativa o velho Cook (Siedow), com uma inigualável receita de *chili* texano, os terríveis irmãos Chop Top (Moseley) e Leatherface (Johnson), além do Granpa, o patriarca da família. Eles serram nacos do corpanzil alheio para cozinhar picadinhos suculentos.

No encalço deles surge Lefty Enright (Hopper), um nome perfeito para um ex-guarda texano obcecado por citações bíblicas, disposto a vingar a morte de seu sobrinho, que ocorreu no primeiro filme. Com a ajuda de uma *DJ* da rádio local (Williams), ele encontra o esconderijo subterrâneo da família, uma dantesca caverna repleta de ossadas, e a invade como um cowboy implacável, portando serras ao invés de pistolas.

A carnificina explícita do original foi envolta num humor ainda mais grotesco nesta continuação, que beira a paródia e deixa uma porta aberta para novos esquetejamentos e mutilações.

Celso Pucci

## A MORTE DO DEMÔNIO

(*Evil Dead*, EUA, 1983)

Direção: Sam Raimi. Com Bruce Campbell, Ellen Sandweiss, Betsy Baker, Hal Deltrich, Sarah York. Look Vídeo.



Cinco jovens numa cabana isolada chacinam-se quando demônios começam a possuir tudo. Os culpados: o *Livro dos Mortos*, encontrado numa escavação arqueológica e tragicamente trazido para a inocente cabaninha e um jovem de 24 anos (na época) chamado Sam Raimi, responsável pela concentração dos mais perversos clichês de terror em seu filme de estréia.

O filme, primeiro longa da produtora Renaissance Pictures (de Raimi, Robert G. Tapert e do ator Bruce Campbell, estudantes precoces), é apenas *the best* em horror *B*. Os fãs da série *Sexta-Feira 13* não costumam reclamar. Não faltam banhos de sangue e esguichos de entranhas demoníacas neste que também é considerado um dos mais nauseantes filmes de todos os tempos. Mas há bem mais do que isso na tela. A câmera é movimentada de maneira extremamente imaginativa — *travelings* acelerados, câmera subjetiva, etc. —, num show de ousadia. A criatividade da direção chega a um resultado mais experimental e sanguinário do que os filmes que lhe serviram de inspiração — *A Noite dos Mortos Vivos*, *O Exorcista*, *Suspensão* e *The House on Haunted Hill*. Destaque para a arrojada cena em que o mato (galhos e cipós) curra uma das personagens. E ainda para a revelação na equipe técnica (editor assistente) de um dos atuais *cult* diretores americanos, Joel Coen (*Arizona Nunca Mais*).

Raimi recentemente dirigiu uma continuação desse pesadelo (*Uma Noite Alucinante*), estrelada pelo mesmo ator (Campbell), fazendo auto-referências o tempo todo — do nome do personagem, Ash, às situações que se repetem. A diferença é que fez isso com humor, coisa que o filme original tem em doses microscópicas.

Marcel Plasse

## À MEIA NOITE LEVAREI SUA ALMA

(Brasil, 1964)

Direção: José Mojica Marins. Com

Magda Mey, Nivaldo de Lima, Eocares de Moraes. Mundial Filmes.



A fita abre uma trilogia liderada pelo personagem Zé do Caixão (Mojica), a perfeita encarnação do horror brasileiro suburbano: capa preta, cartola *kitsch*, cachimbo e poderes malignos. Zé — o agente funerário — tem mesmo parte com o demo, pois come carne na sexta-feira santa e canta as namoradas dos amigos. Despreza as crenças de todos, mata o amigo e violenta a mulher dele em seguida. Os que o enfrentam se dão mal. Mas o que ele quer mesmo é a mulher perfeita para a continuação de seu sangue. Zé continua com essa obsessão nos filmes seguintes: *Esta Noite Encarnarei no Teu Cadáver* (1966) e *Trindade Demoníaca* (em realização), filme em que Mojica retoma o personagem Zé do Caixão após mais de vinte anos. Representante típico de um cinema nascido da precariedade e da ingenuidade, *A Meia Noite Levarei sua Alma* gerou vários problemas para seu realizador, sobretudo em decorrência de protestos de católicos quando o filme foi lançado. Deixando de lado essa polêmica, é importante notar as condições de produção do filme. Ao cinema de orçamento rico e efeitos especiais mirabolantes, Mojica respondeu com seu terror terciomundista, popular e improvisado, com suas tramas de gíbi, suas mutilações que parecem reais e seus bichos escrotos.

Antonio Querino Neto



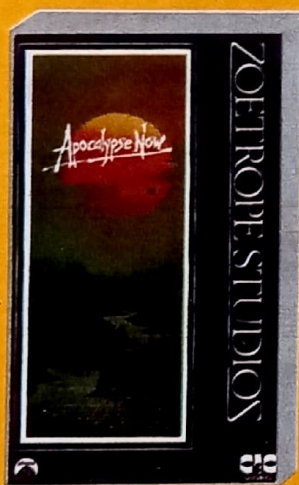


O apocalipse de Coppola: fogo, terra, água e ar

## AVENTURA

### APOCALYPSE NOW

(Apocalypse Now, EUA, 1979)  
Direção: Francis Ford Coppola. Com Martin Sheen, Marlon Brando, Robert Duvall, Dennis Hopper. CIC.



Um dos filmes mais espetaculares de todos os tempos, que custou a Coppola quase quatro anos de tra-

balho, mais de 30 milhões de dólares, um colapso nervoso e a perda de vinte quilos durante as filmagens nas Filipinas. Livrementemente inspirado no romance *O Coração das Trevas*, de Joseph Conrad, mas transpondo a ação da África do final do século passado para o Vietnã de 1969, o filme conta uma história simples: o capitão Willard (Martin Sheen) tem a missão de encontrar e matar o coronel Kurtz (Marlon Brando), um oficial de carreira brilhante que aparentemente perdeu o juízo e se refugiou nas selvas do Camboja, onde comanda um exército fanático de nativos e desertores.

Mas, por trás da aparente simplicidade do enredo, Coppola realiza uma dilacerante reflexão sobre a ambigüidade moral do homem, servindo-se da guerra do Vietnã apenas como pretexto para construir o que ele mesmo chamou de "ôpera-filme". Em sua longa jornada para dentro da selva, tendo como acompanhantes um punhado de garotos ensandecidos, Willard mergulha não apenas no horror da guerra, mas também e principalmente nas trevas da alma humana,

e descobre que Kurtz não transpôs somente a fronteira entre o Vietnã e o Camboja. Ele subverteu a linha divisória entre a razão e a loucura, a civilização e a barbárie, o bem e o mal.

Nessa descida aos infernos, Willard assiste estupefocado todos os absurdos possíveis: o bombardeio de uma aldeia só para que o alucinado tenente-coronel Kilgore (Robert Duvall) pudesse surfar numa praia localizada em território sob o domínio vietcon; um show de coelhinhos da Playboy em plena mata vietnamita, o incêndio de campos e florestas, etc; etc.

"Muito da odisséia de fazer o filme era a imagem refletida da história que estávamos contando", diz Coppola. "Ninguém saiu ileso." De fato, as condições das filmagens eram tão duras que o ator Martin Sheen teve um enfarte, vários membros da equipe foram derrubados por doenças tropicais, outros tantos desistiram no meio do caminho. Só na sequência do bombardeio da aldeia civil, foram mobilizadas 450 pessoas, entre técnicos, atores e extras, além de uma esquadra de helicópteros, uma pequena frota de barcos e mais de cem veículos de todos os tipos. Inúmeros sets tiveram de ser reconstruídos depois de arrasados pelas chuvas torrenciais nas matas filipinas. "Fizemos o filme da mesma forma que os americanos fizeram a guerra no Vietnã: havia dinheiro demais, excesso de equipamento, e pouco a pouco fomos enlouquecendo. Eu pensei que estava fazendo um filme de guerra e o filme acabou me fazendo", define o cineasta.

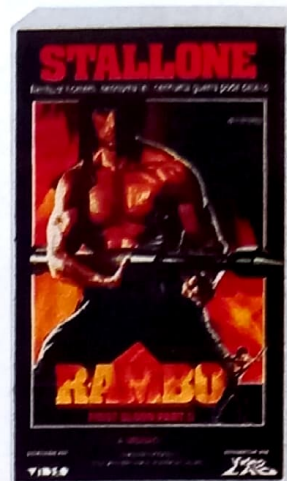
O resultado final é polêmico, mas sua grandeza é inquestionável. Marlon Brando declamando *The Hollow Men* (*Os Homens Ocos*), de T.S. Eliot, na penumbra de uma choça imunda, ficará por muito tempo como um dos momentos verdadeiramente grandes do cinema. De quebra, uma trilha sonora arrasadora, incluindo de Richard Wagner a The Doors e Rolling Stones. Sublime.

José Geraldo Couto

### RAMBO II - A MISSÃO

(Rambo: First Blood Part II, EUA, 1985)

Direção: George P. Cosmatos. Com Sylvester Stallone, Richard Crenna e Julia Nickson. Transvideo.



A melhor arma é a mente, filosofa John Rambo no início do filme. É verdade. Na suicida missão de resgate dos possíveis prisioneiros de guerra americanos, dez anos depois do fiasco da guerra do Vietnã, o que ele mais usa, depois de suas flechas explosivas, uma metralhadora de 30 kg e um helicóptero flamejante, é a cabeça. Aliás, como toda a equipe da produção. Do diretor ao argumentista, o filme é todo sutilezas, com um vietcong morto a cada dois minutos. Rambo estava preso desde o seu último filme. Essa segunda parte começa quando o velho coronel Trautman, seu antigo treinador, aparece com aquela velha proposta: a liberdade em troca de sua participação em uma missão tida como suicida — voltar ao Vietnã. Depois de pensar tanto quanto possível — a cena mais rápida do filme —, acaba aceitando, sem saber que estava entrando na maior fria — uma manobra do seu governo para varrer da opinião pública aquele incômodo sentimento de culpa. Quando o mocinho-paranóia descobre tudo, é um festival de balas e clichês patrióticos pra todo lado. Ele só queria que seu país amasse os seus



soldados como eles o amavam. Salve-se quem puder. *Tato Coutinho*

## HISTÓRIA SEM FIM

(The Neverending Story, Alemanha/Inglaterra, 1984)

Direção: Wolfgang Petersen. Com Noah Hathaway, Barret Oliver, Tami Stronach. Warner.



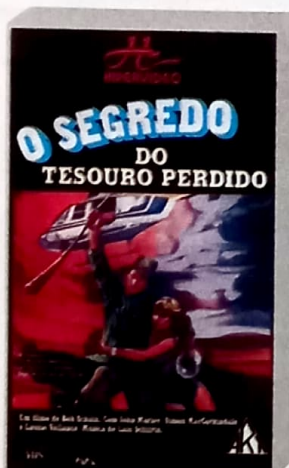
Baseado no romance homônimo do escritor alemão Michael Ende. O filme une a realidade prosaica de um menino carente a um mundo fantástico, destinado a desaparecer. Bastian (Barret Oliver) é escolhido para virar herói num passe de magia. Tudo começa quando se apodera de um livro antigo e misterioso e se tranca com ele no sótão da escola. Desde as primeiras linhas, a história do país chamado Fantasia o toma completamente (não é outra a intenção íntima do livro). Fantasia está sendo ameaçado pelo poder do Nada. Seus habitantes convocam Atreiu (Noah Hathaway) para salvá-lo, mas ele descobre que somente uma criança humana poderá fazer frente ao inimigo, e sua arma será a imaginação. Bastian se vê mencionado na conversa de Atreiu com a imperatriz de Fantasia e afasta o livro, assustado e incrédulo. Mas a curiosidade vence e ele acaba literalmente mergulhando na história, que não lhe é nem um pouco desfavorável. Os efeitos especiais, nem exagerados nem tími-

dos, o excelente roteiro, a imaculada fotografia e o talento de Barret tornam brilhante o filme do apenas correto Petersen. *Daniela Baudouin*

## O SEGREDO DO TESOURO PERDIDO

(Robbers of the Sacred Mountain, Canadá, 1982)

Direção: Bob Schulz. Com John Marley, Simon MacCorkindale, Louise Vallance. Hipervideo.



À procura de uma grande reportagem, o jornalista Hank Richards (MacCorkindale) tenta entrevistar o arqueólogo e professor Falcon (Marley). Acaba conseguindo um serviço melhor. Parte pelas matas mexicanas, no encalço de um valiosíssimo tesouro (pesados discos de ouro com um meteoro incrustado dotado de propriedades laser, utilizado para destruição de mísseis atômicos etc.) Mas a história começa em 1931, quando os padres de um mosteiro mexicano, na tentativa de esconder o ouro das mãos de saqueadores, perdem os discos numa caverna de um vulcão na ativa, repleta de gases venenosos. E é a procura desse mosteiro que o platinado MacCorkindale sai. Mas ele tem suas mulheres... A sobrinha do professor, Tracey (Louise Vallance), quer porque quer seguir o galã na empreitada. Talvez por ciúme da mexicana B.G. Alvarez (Blanca Guerra), contratada para administrar a expedição. *Ladrões da Monta-*

*nha Sagrada*, como esclarece o título original, é uma aventura nos moldes de *Caçadores da Arca Perdida*, temperado com algumas cenas de sexo que, com certeza, Spielberg não se permitiria. No entanto, apesar dos percalços e solavancos, serve para divertir e passar o tempo. *Dilson Gomes*

## ANIMAÇÃO

### TINTIM E O TEMPLO DO SOL

(Le Temple du Soleil, Bélgica/França, 1969)

Direção: José Dutilleul. Dublado em português. América.



O jovem jornalista Tintim é herói nacional na França desde a década de 30. Nascido do traço detalhista do belga Hergé (1907-1983), o personagem vive as mais loucas aventuras em histórias em quadrinhos já traduzidas em quinze países. Nesse desenho, Tintim, seu fiel cachorrinho Milu e o pessimista capitão Haddock envolvem-se com índios peruanos quando buscam o amigo e cientista professor Girassol, sequestrado e levado para o Templo do Sol, da civilização inca. Os melhores momentos de humor ficam por conta das trapalhadas dos irmãos-detetives Dupont. Tintim, além da cara simpática, tem coragem e inteligência suficientes para garantir ação mas poucas surpresas. A animação é bem-feita, com ritmo ágil e

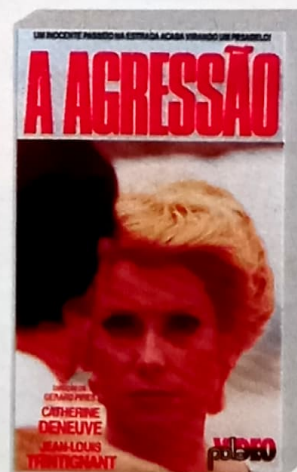
enquadramentos típicos do cinema. O traço é fiel aos quadrinhos. Apesar do racismo (presente em toda a obra de Hergé), uma boa diversão. *Milu Leite*

## SUSPENSE

### A AGRESSÃO

(L'Agression, França/Itália, 1975)

Direção: Gérard Pirès. Com Jean-Louis Trintignant, Catherine Deneuve, Claude Brasseur. Polevideo.



Paul Varlin (Trintignant) é um inocente pai de família francês que resolve passar alguns dias em Grande Motte com sua família. No meio do caminho é abordado por uma gang de motoqueiros que resolve arrumar uma maneira diferente de se divertir, no estilo "juventude transviada" da década de 50, nos Estados Unidos. Após deslizar por uma ribanceira e lutar com alguns deles, Paul desmaia e ao acordar encontra sua esposa e sua filha mortas.

Paul passa então a procurar pelos assassinos, como Charles Bronson fez em *Desejo de Matar*. Nessa busca ele é auxiliado por Sarah (Catherine Deneuve), sua cunhada, com quem acaba se envolvendo em um inusitado romance.

O suspense fica por conta do verdadeiro assassino que, para os menores distraídos, é revelado na primeira metade do filme. *Luiz Tadeu Correia*





CIC Video

James Stewart entre os diabólicos autores do festim

## FESTIM DIABÓLICO

(Rope, EUA, 1948)

Direção: Alfred Hitchcock. Com James Stewart, John Dall, Farley Granger. CIC.



O primeiro filme colorido de Hitchcock utiliza-se apenas de um cenário: um apartamento onde um assassinato foi realizado. A história, baseada numa peça de Patrick Hamilton, é uma vertigem da perversidade. Dois jovens (John Dall e Farley Granger) estrangulam um companheiro e convidam sua família, noiva e amigos comuns para jantar — com o cadáver escondido dentro do baú sobre o qual se encontra o buffet. Brindes de champanhe e conversa trivial sobre assassinatos seguem até o fim da festa. E na despedida não é esquecido sequer um presente macabro ao pai da vítima: livros — amarrados com a corda utilizada no estrangulamento!

O crime perfeito é comemorado em grande estilo: a festa é em homenagem ao amigo ausente? Talvez, se seu professor (James Stewart) não resolvesse seguir a estranha suspeita de que seus alunos andaram levando ao pé da letra suas teorias acadêmicas a respeito de como o assassinato eleva o homem acima da moral, tornando-o superior... Serão, então, os criminosos descobertos em sua farsa? Suspense, suspense. Mesmo contando com a atração das cores, trata-se de um filme ousado — ao lado de *Murder e Pacto Sinistro*, também é conhecido pelas conotações homossexuais de seus personagens. Seu maior mérito, entretanto, é o realismo com que a trama é apresentada. A ação se desenrola num pequeno espaço de horas — o entardecer. E esse desenvolvimento se dá com a elegância de uma poesia, através de cenas longas, ambientação teatral e panorâmicos movimentos de atores e câmeras. Hitchcock não facilitou para o público (como faria no ano seguinte em *Under Capricorn*, seu pior e mais comercial filme). Contudo, mesmo tendo sido elaborado com extrema precisão, *Festim Diabólico* foi filmado em somente 13 dias! O estilo perfeccionista do mestre já havia providenciado todas as cenas no papel, claro. E como com Hitchcock tudo é clássico, a cena do cadáver escondido num lugar óbvio, na frente de todos, tem sido retomada com insistência — Brian De Palma, o aluno mais aplicado, trocou o baú por um sofá em seu *Sisters*. Puderam! *Festim Diabólico* é uma aula de cinema.

Marcel Plasse

## OS QUE CHEGAM COM A NOITE

(The Nightcomers, EUA, 1971)

Direção: Michael Winner. Com Marlon Brando, Stephanie Beacham, Thora Hird, Harry Andrews. Globo Video.



Curiosa especulação sobre o que teria acontecido aos irmãos Flora e Miles Tyrell antes do início da novela *A Volta do Parafuso*, de Henry James. A perversidade dos garotos, apenas sugerida no texto de James, é tornada explícita e intensificada no filme de Michael Winner, cineasta britânico responsável pelos três *Desejo de Matar*, com Charles Bronson. Marlon Brando é o sedutor e violento jardineiro Peter Quint, que mantém com a preceptora dos meninos, Margaret Jessel (Stephanie Beacham) um romance marcado pelo mais perfeito sadomasoquismo. A história se passa numa imensa propriedade rural na Inglaterra da era vitoriana. As crianças observam o estranho relacionamento entre os dois empregados e passam a imitá-los nos mínimos detalhes, o que causou certo escândalo no início dos anos 70, quando o filme foi lançado. A mão pesada de Winner não chega a comprometer o andamento da história, graças ao engenhoso roteiro e à atuação de Brando, em grande forma.

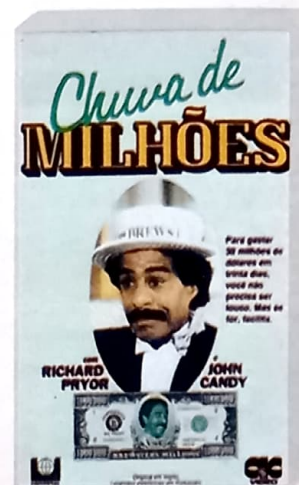
José Geraldo Couto

## COMÉDIA

### CHUVA DE MILHÕES

(Brewster's Millions, EUA, 1985)

Direção: Walter Hill. Com Richard Pryor, John Candy, Lonette McKee. CIC.



Monty Brewster (Richard Pryor, o gênio da informática de *Superman III*) é um negro pobretão cuja maior paixão é o beisebol e o maior sonho, ficar rico. Um belo dia, recebe 300 milhões de dólares de herança de um tio distante. Mas, de acordo com o testamento, para receber a bolada ele deve cumprir uma insólita exigência: gastar 30 milhões em 30 dias. E não pode contar a ninguém o seu "problema". A partir daí, desenrola-se uma das comédias mais divertidas dos últimos anos, com muitas confusões e lances espetaculares. Em sua frenética corrida para torrar o dinheiro, Brewster chega a candidatar-se à presidência dos EUA, fazendo uma anticampanha com *slogans* do tipo: "Sou corrupto", "Só quero defender o meu", etc. A mesma história já tinha merecido cinco versões cinematográficas (a primeira em 1914, co-dirigida por Cecil B. DeMille), nenhuma delas com o sarcasmo e o ritmo empolgante desta de Walter Hill, mais conhecido por seus filmes em torno da violência juvenil (*Ruas de Fogo*, *Selva*).





**Novas Sopas  
Knorr®**

**Faça o maior cartaz com seu estômago.**



Knorr® está lançando mais duas variedades que o seu estômago não pode perder: Creme de Galinha à Indiana, com uma exótica mistura de condimentos que dá um leve toque indiano ao sabor, cor e aroma, e Creme de Aveia com Galinha, uma sopa nutritiva, rica em proteínas e sais minerais. Estas duas novidades cremosas e saborosas você prepara num instante. Experimente. Ficam deliciosas.

Sopa  
**Knorr®**  
A refeição leve e gostosa.



gens da Noite).

José Geraldo Couto

## OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS

(The Gods Must Be Crazy, África do Sul, 1980)

Direção: James Uys. Com Marius Weyers, Xao, Sandra Prinsloo. Argovideo.



Uma garrafa vazia de Coca-Cola é jogada de um avião que sobrevoa o deserto do Kalahari, na África do Sul. A princípio considerada presente dos deuses pelos nativos, acaba virando objeto de cobiça, e o líder da comunidade (Xao) parte para o fim do mundo, onde pretende jogá-la. Acaba chegando na "civilização" e sofre seu primeiro choque cultural, depois de milênios de isolamento de sua tribo. É preso por seu comportamento "anti-social", mas um branco, o biólogo Andrew Steyn (Marius Weyers), paga a sua fiança e juntos salvam das mãos de um grupo de terroristas uma multidão de crianças negras, alunas de uma missão onde leciona a professora branca Thompson (Sandra Prinsloo). O filme pretende ser um documentário em forma de comédia, com uma parte narrada (dublada em português na fita) e outra com diálogos (no original, legendados). O humor resvala para o pastelão, com muitos tombos e cabeçadas.

A visão do diretor é no mínimo paternalista com relação aos negros.

apresentados como intrinsecamente ignorantes e obtusos. Lou Ramos

## O INCRÍVEL EXÉRCITO BRANCALEONE

(L'Armata Brancaleone, Itália, 1965)

Direção: Mario Monicelli. Com Vitorio Gassman, Catherine Spaak, Gian Maria Volonté. Hipervideo.



Uma das melhores comédias de Monicelli, ao lado de A Grande Guerra (1959) e Quinteto Irreverente (1982). Na Itália do século XI, o cavaleiro Brancaleone (Gassman, numa interpretação histórica), uma espécie de Don Quixote maltrapilho, forma um exército de quatro desgraçados mortos de fome e parte em direção a um feudo a que julga ter direito. No caminho, que ele faz no lombo de um pargaré (Aquilante, referência ao Rocinante de Quixote), defronta-se com a peste negra, bruxas e bárbaros de toda espécie, numa sátira demolidora dos valores cristãos e dos conceitos de honra e coragem. O sucesso foi tão grande que a expressão "exército Brancaleone" passou a ser usada como sinônimo de grupo desorganizado e ridículo, no mais das vezes com objetivos inalcançáveis. Além disso, o refrão "Branca, Branca, Branca — Leon, Leon, Leon", que entoam os cavaleiros capengas de Monicelli, virou grito de guerra de uma tendência trotskista que existiu na USP no final dos anos 70. Imperdível!

José Geraldo Couto

Os vídeos mais alugados

## BRASIL

### 1 UM ESPÍRITO BAIXOU EM MIM

(All of Me, EUA, 1984) Comédia de Carl Reiner, com Steve Martin e Lily Tomlin. VTI.

### 2 DIABO NO CORPO

(Diavolo in Corpo, Itália, 1986) Drama de Marco Bellocchio, com Maruschka Delmers e Federico Pizzalis. Globo Video.

### 3 CRACK, A CONEXÃO DA MORTE

(The Crack Connection, EUA, 1987) Policial de Hajo Gies, com Gotz George e Claudia Messner. WR Filme.

### 4 ALLAN QUATERMAIN E A CIDADE DO OURO PERDIDO

(Allan Quatermain and the Lost City of Gold, EUA, 1986) Aventura de Gary Nelson, com Richard Chamberlain e Sharon Stone. América.

### 5 APOCALIPSE II

(Last Hunter, Itália, 1980) Aventura de Gian Franco Couyoumdjian, com David Warbeck e Tisa Farrow. New Center.

### 6 LADRÃO DE CORAÇÕES

(Thief of Hearts, EUA, 1984) Drama de Douglas Day Stewart, com Steve Bauer, Barbara Williams e John Getz. CIC.

### 7 O ANO DO DRAGÃO

(Year of the Dragon, EUA, 1985) Policial de Michael Cimino, com Mickey Rourke, John Lone e Ariane. América.

### 8 APOCALYPSE NOW

(Apocalypse Now, EUA, 1979) Aventura de Francis Ford Coppola, com Marlon Brando e Martin Sheen. CIC.

### 9 A MORTE PEDE CARONA

(The Hitcher, EUA, 1985) Suspense de Robert Harmon, com Rutger Hauer e C. Thomas Howell. América.

### 10 UM DIA A CASA CAI

(The Money Pit, EUA, 1985) Comédia de Richard Benjamin, com Tom Hanks e Shelley Long. CIC.

## EUA

### 1 MÁQUINA MORTÍFERA

(Lethal Weapon, EUA, 1986) Policial de Richard Donner, com Mel Gibson, Danny Glover e Gary Busey.

### 2 QUE SORTE DANADA...

(Outrageous Fortune, EUA, 1987) Comédia de Arthur Hiller, com Bette Midler, Shelley Long e Peter Coyote.

### 3 UM HÓSPEDE DO BARULHO

(Harry and the Hendersons, EUA, 1987) Comédia de William Dear, com John Lithgow, Melinda Dillon.

### 4 TIN MEN

(EUA, 1987) Comédia de Barry Levinson, com Richard Dreyfuss, Danny DeVito.

### 5 ROXANNE

(EUA, 1987) Comédia de Fred Schepisi, com Steve Martin, Daryl Hannah.

### 6 LIMITE DA

### TRAÍÇÃO

(Extreme Prejudice, EUA, 1987) Drama de Walter Hill, com Nick Nolte, Powers Boothe.

### 7 PROJETO SECRETO — MACACOS

(Project X, EUA, 1987) Aventura de Jonathan Kaplan, com Matthew Broderick, Helen Hunt.

### 8 SUPER-HOMEM IV

(Superman IV — The Quest for Peace, EUA, 1987) Aventura de Sidney J. Furie, com Christopher Reeve, Gene Hackman.

### 9 JARDINS DE

### PEDRA

(Gardens of Stone, EUA, 1987) Drama de Francis Ford Coppola, com James Caan, Anjelica Huston.

### 10 JORNADA NAS ESTRELAS IV

(Star Trek IV — The Voyage Home, EUA, 1986) Ficção de Leonard Nimoy, com William Shatner, Leonard Nimoy.

FONTES — Brasil: Omni, 2001, Rentacom, Real Video (SP); Video 4 Clube, Video Clube Shack, Omni's Studio (RJ); Cinemateca Ltda. (MG); Video Hobby (BA); Video Locadora Gaucha (RS); Video Service (DF). EUA: Billboard.



# Para você vestir antes de agitar

Ref. 7004

Ref. 7003

Ref. 7005

Ref. 7002

Ref. 7001

**Aproveite esta oferta especial para agitar logo a sua moda!**

APENAS Cz\$ 438,00 CADA  
2 PEÇAS Cz\$ 416,00 CADA  
3 OU MAIS Cz\$ 395,00 CADA

- Enviando CHEQUE NOMINAL ou VALE POSTAL junto com o cupom, você ainda terá 10% de DESCONTO. Faça a conta no cupom ao lado.
- Seu pedido será entregue na agência do correio mais próxima de sua casa. Você receberá um aviso do correio para retirar sua encomenda dentro de 10 dias.
- Você também pode pedir por carta, copiando os dados do cupom. Não tem limite de quantidade.
- Preços especiais para revendedores.

**PREENCHA E ENVIE O SEU CUPOM HOJE MESMO**

Qualidade

FÉFER - CONFECÇÕES INDÚSTRIA E COM. LTDA.  
Rua Laguna, 330 - Fone (0474) 22-8560  
C.P. 1211 - 89200 - JOINVILLE - SANTA CATARINA

## Peça já e receba mais que depressa

Agora você pode receber, comodamente onde mora, as T SHIRTS da ÚLTIMA MODA UNISSEX DE VERÃO. Um visual novo e com ótimos descontos para você. Sucesso total em todos os pontos de encontro jovem do país. Peça já e entre na moda rapidamente.

**À FÉFER-CONFECÇÕES INDÚSTRIA E COM. LTDA.**  
**Rua Laguna, 330 - Caixa Postal 1211**  
**CEP 89200 - Joinville - Santa Catarina**

| REF.                                                  | TAM. P/M/G | QUANTIDADE | PREÇO |
|-------------------------------------------------------|------------|------------|-------|
| 7001                                                  |            |            |       |
| 7002                                                  |            |            |       |
| 7003                                                  |            |            |       |
| 7004                                                  |            |            |       |
| 7005                                                  |            |            |       |
| TOTAL DA COMPRA                                       |            |            |       |
| DESCONTO DE 10% PARA PAGTO. COM CHEQUE OU VALE POSTAL |            |            |       |
| TOTAL A PAGAR                                         |            |            |       |

Estou enviando junto com este cupom, pagamento em ☐ Cheque ☐ Vale Postal - No valor de Cz\$ \_\_\_\_\_  
☐ Prefiro pagar ao retirá-lo no Correio ao preço de Cz\$ \_\_\_\_\_, mais despesas postais.

NOME \_\_\_\_\_

END. \_\_\_\_\_

CIDADE \_\_\_\_\_

CEP \_\_\_\_\_

ESTADO \_\_\_\_\_



*Depois de despontar como astro em Greystoke, Subway e Highlander, o galã francês da década chega à maturidade na pele do herói-bandido Salvatore Giuliano, em O Siciliano, o novo e polêmico filme de Michael Cimino. Nesta entrevista, ele fala sobre seu trabalho, seus sonhos e sua queda pelos personagens épicos e mitológicos*

Prod/DB



# CHRISTOPHE LAMBERT







Depois de uns poucos papéis obscuros em filmes idem, Christophe Lambert despontou como astro nas exíguas vestes de Tarzan em *Greystoke* (1984), de Hugh Hudson. A partir daí, começou uma carreira fulgurante, construída à base de personagens insólitos: o marginal chique de *Subway* (de Luc Besson, 1986), o guerreiro imortal de *Highlander* (de Russell Mulcahy, 1986), o galã irresistível de *I Love You* (de Marco Ferreri, 1986) e agora o herói-bandido Salvatore Giuliano, de *O Siciliano*, de Michael Cimino. Surgido inesperadamente como um craque no pobre time de atores franceses contemporâneos, Lambert conquistou o mundo e tornou-se, aos 30 anos, um fenômeno internacional, embora ainda seja visto por muitos como apenas mais um belo rosto num corpo atlético. Mas o galã tem idéias próprias e está disposto a defendê-las.

***"Salvatore (Giuliano) é alguém que está intimamente persuadido de que seu combate é o mais justo da Terra, mesmo que tenha de passar pelas matanças e assassinatos"***

SET — Tarzan, McLeod (o highlander), Fred de Subway e agora Salvatore Giuliano são papéis registrados como mítico-líricos. Você não acha que isso pode amarrá-lo a um certo tipo de personagem?

Lambert — Isto é cinema! Ser ator é antes de tudo representar para fazer sonhar. Então eu faço cinema também para ser o que sonho ser: cavaleiro andante na Sicília, homem-macaco ou imortal... E, em todos os casos, não para ter problemas cotidianos numa história cotidiana... por mais bonita que ela seja. O cinema é sublimar o real... Veja *Indiana Jones*. É o sonho somado com a lógica, e eu, realmente, tinha vontade de ser esse cara.

SET — Ou um herói como o Siciliano... Os heróis funcionam, o livro do Puzo foi muito bem nos Estados Unidos...

Lambert — Forte impacto efetivamente, acredito que se vendeu

nove ou dez milhões de exemplares somente nos Estados Unidos. Um enorme sucesso, como aquele de *O Poderoso Chefão*.

SET — Investir em um tal sucesso de livreria aumentou também o risco de Cimino...

Lambert — Sim, se ele tivesse tomado o partido de realmente não respeitar o livro... O que não fez, e seu script, adaptado por Gore Vidal, é muito próximo do livro de Puzo. Então, ele chegou na véspera da rodagem com um script sólido, uma história forte, de cenas de ação e de emoção bem escritas e bem coordenadas... É um filme concebido como uma epopéia. É a história de um camponês que parte do zero e que em dada circunstância mata um policial. Então, para ele se apresenta uma escolha: ou se tornar um verdadeiro fora-da-lei ou aceitar ser detido e pedir a proteção da Máfia, para em seguida se tornar mafioso. Ele faz

a primeira opção e diz a si mesmo: "Eu vou mostrar-lhes, sem a Máfia, sem a Igreja e sem os nobres, do que eu, Salvatore Giuliano, sou capaz".

SET — Você o caracteriza como anarco-romântico, um pouco idealista, enquanto no filme de Francesco Rosi estava mais para um vadio... Quem é o verdadeiro Salvatore Giuliano?

Lambert — O verdadeiro? É uma questão de visão, de interpretação dos fatos, de seus gestos e de suas palavras. Cada um tem sua verdade e sua idéia. A de Puzo, logo de Cimino, é, antes de tudo, a de um rebelde com o lado vadio e um grande coração, um pouco cavalheiresco. Ele mata, ele rouba... Diz que é para os pobres... Mas guarda para si igualmente a metade! E, além do mais, é de uma total excessividade, um louco que provoca todos, que vai procurar sua noiva, pas-

sa de carro diante dos policiais e os saúda. Sua provocação é uma maneira de aumentar a força de seu personagem. Ele está orgulhoso de sua condição, mas joga ainda mais longe a impunidade que acredita ter alcançado. "Eu sou um vadio e os importuno!" É um grande sonhador e portanto não é um anarquista, não tem nenhuma reflexão sobre o que faz, nem política nem social. Ele sonha com coisas também oníricas e utópicas, as quais também animaram um Robin Hood ou um Cartouche (bandido célebre na França no início do século XVIII), por exemplo... Com uma dimensão ainda mais louca, uma idéia fixa: falar de igual para igual com Truman, o presidente dos Estados Unidos, para fazer da Sicília um Estado da América! É seu sonho.

SET — Ele tem, além do mais, um comportamento totalmente infantil...

Lambert — Exatamente. Salvatore é, como muitos sonhadores, idealista. Ele é qualquer um, do tipo que toma seus desejos e os transporta para a realidade... Por exemplo: não compreende e nem perdoa quando é traído... Sem procurar saber por que e como. Ele foi traído, ele mata... Ele tem uma enorme necessidade afetiva e não assume isso inteiramente. Acho que há em todos os grandes personagens do mundo uma parte mais ou menos grande de infantilismo.

SET — Efetivamente, que este seja Robin Hood, Martin Luther King ou Gandhi, há sempre os gestos, as ações nas quais o simbólico reúne novamente a ingenuidade...

Lambert — Exatamente. Você fala de Gandhi, no momento do filme de Attenborough, você tem vontade de se levantar e dizer: "Meta-lhe um soco no meio da cara..." Porque ele o trata com tal sinceridade que você quer socorrê-lo, gritando-lhe: "Preste atenção, na sua frente estão os tubarões que vão comê-lo. Eles estão pouco ligando para seus gestos..." Giuliano é semelhante a algo mutante; ele se levanta e diz: "Você tem que escolher: ou



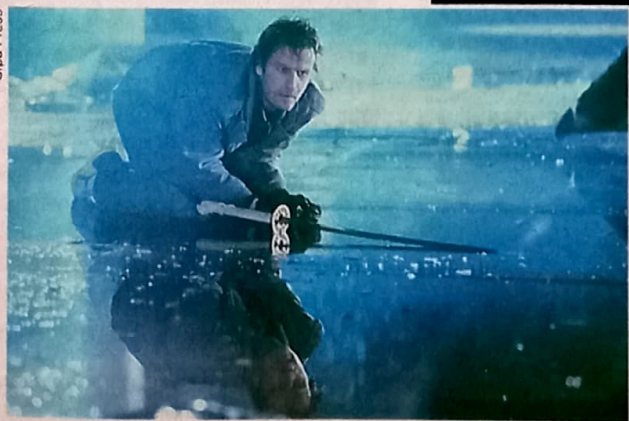
me deixa em paz ou então eu te mato..." De fato, todas as pessoas como ele continuam, na idade adulta, sua viagem de infância... Mas querem ser levadas a sério. Num momento, Salvatore mata, por uma traição, um de seus velhos companheiros de infância, um cabeleireiro. Perguntam-lhe o porquê e ele responde: "Eu quero que acreditem em mim, que me levem a sério..." E assume seu gesto porque vai, pessoalmente, chorando, dar à viúva e seu filho as impressões do morto. "Eu tinha que fazê-lo. Estou triste, tão triste quanto vocês. Mas, se eu quero impor a lei, devo ser cruel..." E chora! É aí que ele assume uma dimensão de herói... Como no começo, quando ataca uma prisão para soltar dois chefes históricos da Máfia. Ele o faz simplesmente para lhes dizer: "Vocês, os dois grandes, têm agora uma dívida comigo".

SET — *Ele tem, como todos os grandes megalômanos, um comportamento totalmente esquizofrênico, trabalhando para sua imagem, e é o que lhe resta naquele instante.*

Lambert — Exatamente. Como ele diz sempre: "Eu não tenho medo da morte, não tenho medo do sofrimento..." Ele modifica sua imagem. Tudo se passa como e quando ele declara: "Eu não faço isso por mim, eu faço pelos outros..." Há uma cena na qual, após um ataque a um trem, ele diz que o lucro deve servir para comprar terras aos camponeses. Seus cúmplices retrucam: "Faça o que quiser com



*Do Tarzan de Greystoke (ao lado) ao MacLeod de Highlander (abaixo, à esquerda), uma carreira à base de personagens fantásticos*



Webster/Sipa-Press

Gamma

Sipa-Press



a tua parte..." E então ele responde: "Mas eu retiro apenas o crédito..." Porque, de fato é a única coisa que lhe interessa: que lhe digam obrigado... Prefere as aclamações, a afeição ou o reconhecimento em vez da fortuna. Salvatore é alguém que está intimamente persuadido de que seu combate é o mais justo da Terra, de que a ideologia e a idéia de justiça que defende são a única coisa respeitável... Mesmo que (e isso ele lamenta) tenha de passar pelas matanças e assassinatos. É o preço a pagar para chegar lá, aonde ele quer.

SET — E Cimino, com suas tomadas de cena, trabalha sem cessar os efeitos, servindo para cercar mais o personagem do que sua lenda...

Lambert — Sim, é verdade, e aí está a grande força e todo o talento de Cimino, que estabelece solidamente as cenas de cima, mas com uma simplicidade e uma grande pureza de imagens.

antes de tudo é a personalidade de Cimino que o fez aceitar O Siciliano... Lambert — Sim, quando você tem a sorte de ser convidado por Cimino, você diz "sim" de imediato. Depois, quando sabe que é O Siciliano e você leu o livro, você se diz que dificilmente os resultados não serão bons. De resto, há uma história divertida sobre meu encontro com o Cimino. Nós nos vimos durante uma semana em Los Angeles. Ele me falou do papel, trocamos algumas idéias e nos deixamos. Nenhuma notícia durante dez dias... Eu esperava um sinal dele me dizendo "sim" ou "não", se faria o filme... E ele esperava também que eu lhe dissesse se aceitava ou não! Era evidente que eu estava de acordo desde o primeiro minuto... E ele estava achando que eu refletiria sobre isso! No limite das coisas, talvez, estaríamos separados sobre esse desencontro se ele tivesse pego

produtor, os investidores e o diretor. Houve também em O Siciliano, inclusive no que diz respeito à duração final do filme?

Lambert — É verdade que houve problemas que pediram uma arbitragem. Mas esses diferentes problemas são muito menos graves que o que foi divulgado pela imprensa. Na França nós veremos a "versão Cimino", de duas horas e quinze, mais ou menos. Mas não é necessário ficar apreensivo por isso: cinco ou seis minutos a mais ou a menos num filme de tal riqueza não têm nenhuma importância (trata-se de "cortes" de um total de 25 minutos, diminuindo bastante o papel de Barbara Sukowa). É verdade que há sempre os combatentes na retaguarda que gritam pelo escândalo e pela traição... Mas cabe aos produtores e ao diretor se combinarem... Simplesmente, não é preciso que isso ultrapasse uma cabeça. É necessário que o filme continue a pertencer, falo na sua essência artística, àquele que o faz. Mas por alguns minutos...

SET — Com Cimino, há sempre o fantasma de O Portal do Paraíso (1980) e seu enorme fracasso...

Lambert — Sim, é verdade que diante de tudo o que diz respeito a Cimino ninguém fica indiferente... Nem a crítica nem o público... Eu considero, da minha parte, O Portal do Paraíso um grande filme que será reconhecido no futuro... Mas é preciso também ver que, depois de O Portal, houve O Ano do Dragão, que foi seu filme purgatório. Todo mundo caiu-lhe em cima com opiniões negativas... Nos Estados Unidos eu entendo, embora seja um grande filme. E do passado. Eu diria mesmo que ele pagou por isso... e agora todos esperam O Siciliano. Os Estados Unidos estão totalmente prontos a perdô-lo. Julgarão O Siciliano, eu acho, em função do filme e não de quem o fez... Mesmo que seja verdade que uma personalidade como a de Cimino não esteja separada de sua obra.

SET — Em projeto, se fala de um Highlander 2 e de sua participação

***"Ser ator é antes de tudo representar para fazer sonhar. Então eu faço cinema também para ser o que sonho ser: cavaleiro andante na Sicília, homem-macaco ou imortal"***

Tudo está na direção dos atores e nos movimentos de sua câmera. Ele não joga os efeitos no sentido artificial do termo. Permanece muito simples. Veja, por exemplo, o encontro, tão esperado como temido, entre Mazzino, a ponte da Máfia, e Salvatore. Esse encontro é um choque: o cavaleiro do poder face àquele que o usurpa. Mazzino chega e vê, atrás de uma cortina cujo vento norte faz mexer, a silhueta de Salvatore... Mazzino levanta a cortina e aparece então a figura meio dura e meio infantil de Salvatore. Tudo está na cena: suas posições atuais, o futuro dos dois homens, sua relação de força. É com efeitos como esse que Cimino conduz o espectador aonde quer. É um verdadeiro gênio da dramaturgia cênica. E tudo está lá, no lugar, para que comece um verdadeiro jogo de xadrez.

SET — Parece que, além do papel,

outro qualquer... Felizmente me contatou em seguida...

SET — Você não acha que este jogo de gato e rato faz parte do lado manipulador de Cimino?

Lambert — É verdade que ele tem um lado um pouco napoleônico. É um general. Mas eu conheço poucas pessoas dotadas de tão grande talento que não tenham tendência a jogar um pouco com as pessoas. Todos os grandes são manipuladores. Mas todos esses gênios são pessoas absolutamente intransigentes consigo mesmas. Falou-se muito sobre as cóleras e os berros de Cimino. Sobre essa filmagem, tudo se desenrolou muito bem e quando ele ficava furioso era por razões compreensíveis. É uma pessoa que trabalha vinte horas por dia e espera a mesma coisa dos outros...

SET — Nos Estados Unidos, há problemas, quase sempre, entre o



Giuliano (Lambert) refugia-se entre monges (abaixo), antes de formar seu exército (à direita); mais abaixo, o ator dirigido por Cimino



## O OLIMPO DE CIMINO

O último filme de Michael Cimino, rodado quase todo em 1986, no outono da Sicília, ao longo de 13 semanas, consumiu 25 milhões de dólares do produtor americano Sidney Beckerman, da americana Gladen Entertainment. É a história do líder Salvatore Giuliano que morreu assassinado, com 27 anos, em 1950. Comandando um verdadeiro exército contra a Máfia, a Igreja, a nobreza e o governo italiano (fascista), o bandido pretendia a independência política da Sicília e a sua anexação pelos Estados Unidos, como um 49º Estado. Em 1961, Francesco Rosi dirigiu *O Bandido Giuliano* (Salvatore Giuliano), privilegiando a reconstituição documental da biografia do lendário personagem. A versão de Cimino tem uma dimensão quase mítica, ainda que não se divorcie do real.

Baseado no livro homônimo do romancista Mario Puzo (responsável pelos *Chefões*, de Coppola), o roteiro não poderia ser mais arquitetado. Para começar, Cimino fez com que a primeira versão do seu roteiro saísse das mãos de um outro escritor, capaz de ressaltar alcances sobre-humanos de personagens humanos: o americano Gore Vidal. A história se desenvolve a partir da figura do professor Hector Adonis (Richard Bauer) que vai à prisão de Palermo, capital da Sicília, levando um frasco de veneno para Aspanu Pisciotta (John Turturro, "o novo De Niro"), o último homem capaz de trair Giuliano. O melhor amigo de Giuliano. É na perspectiva de Adonis — um paraplégico que dá aulas de estética, que responde por um nome mitológico — que o filme constrói a figura mítica de Giuliano. Ele começa a carreira sendo preso por transportar trigo roubado com Aspanu Pisciotta. É depois ferido mortalmente por um policial, refugia-se nas montanhas e, abrigado num monastério, milagrosamente, se refaz. É inaugurada a lenda do homem que viu a morte face a face e voltou. Nas montanhas (o Olimpo?) ele estabelece o seu poder. É nas montanhas que ele se encontra com os outros deuses do Olimpo: Príncipe Borsa (Terence Stamp) e o mafioso Don Masino (Joss Ackland, ator teatral inglês).

As mulheres são secundárias. A esposa Giovanna Ferra (Giulia Boschi) e a Duquesa de Crotone, Camila (Barbara Sukowa), que perdeu muitas cenas graças aos cortes que o filme sofreu nos EUA, não têm lugar no Olimpo. O Olimpo, contudo, não é a Sicília. Se no primeiro está garantido o lugar de Salvatore, na segunda não há lugar para um quarto poder, além da Máfia, da nobreza e da Igreja. O Siciliano está predestinado à traição.

na reconstituição do Barão Münchhausen, realizado por Terry Gilliam em Roma...

Lambert — No que diz respeito a *Highlander 2*, há de fato um projeto. Não sou contra, com uma condição: que seja dirigido por Russel Mulcahy... E, de seu lado, acredito que ele estaria de acordo em fazê-lo se... eu retomar o papel de MacLeod! Mas não foi feito nada ainda, até o momento. Quanto ao *Barão de Münchhausen*, fui contatado para fazer um papel muito pequeno, mas também nada foi assinado e não penso que se fará alguma coisa.

Entrevista realizada por Christophe Gans e Alexandre Grenier para a revista francesa *Starfix*, publicada no Brasil com exclusividade pela SET.





ENSAIO

# O BEIJO

*Cinema sem beijo não dá.  
Na tela e... na platéia.  
Castos ósculos,  
antropofágicas  
linguadas sensuais:  
pra que resistir?*

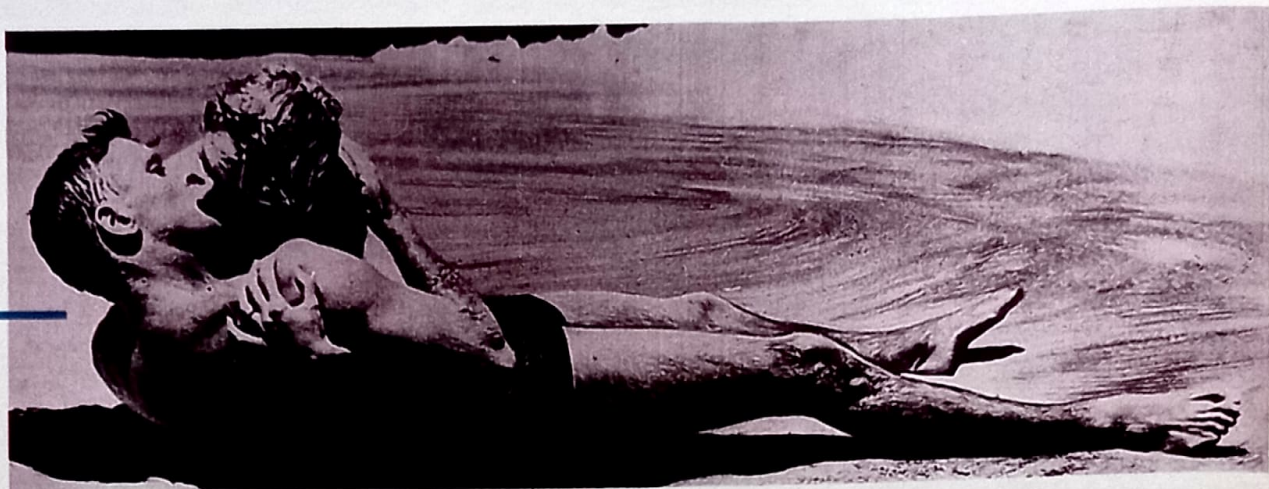


*Tom Hanks e Daryl  
Hannah se beijam  
debaixo d'água em  
Splash (1984), meio  
século depois do  
amasso de Clark Gable  
e Jean Harlow em Terra  
de Paixões*





Burt Lancaster  
e Deborah Kerr:  
adúltero  
A um Passo da  
Eternidade



## NUNCA ESQUECEREI

Qual terá sido o melhor beijo do cinema? Muitos dirão que foi aquele trocado entre Burt Lancaster e Deborah Kerr, na incômoda seqüência de praia, no filme de 1953 *A um Passo da Eternidade* (*From Here to Eternity*), de Fred Zinnemann. Era um beijo que ia longe demais, adúltero, com um castigo tão apocalíptico quanto exigia a moral da época: o bombardeio de Pearl Harbor pelos japoneses, com toda a simbologia bíblica lançada sobre as consciências que se atreviam a dar relevância a suas ansiedades e frustrações sexuais num tempo de abnegações e severidade.

Por mais cinéfilo que eu fosse, os melhores beijos do cinema sempre foram aqueles pessoal-

mente experimentados no escurinho dos cinemas. Muitos anos depois, quem melhor matou a charada foi o personagem de Peter Sellers em *Muito Além do Jardim* (*Being There*), de Hal Ashby, 1979, ao beijar Shirley MacLaine de lábios cerrados e esperando escurecer (fade-out) como tantas vezes vira acontecer nos filmes.

Embora sempre perseguidos como uma apoteose pelo cinema de várias épocas, os beijos trocados na tela raramente sugeriram que o limite era o céu da boca. Antes mesmo do nascimento das projeções em tela grande, May Irwin imortalizaria seus atrevimentos labiais de 1896 em *The Kiss*, para as audiências dos "níquelodeon". Numa recente pesquisa em seus preciosos arquivos, a Cinemateca Brasileira, em São Paulo, descobriu comédias mudas do cinema norte-americano dos anos 20 que faltam até mesmo nos ricos arquivos da Cinemateca de Nova York. Entre as preciosidades agora restauradas, adivinhem qual o título mais sugestivo: *Dá-me um Beijo, Sim*, dirigida por William C. Dowlan em 1923 para a Metro Screen Classics. Desde então, o ímpeto juvenil de se deixar levar pela paixão dos desejos gerava castigos imprevisíveis. O casal da ingênua comédia restaurada — Gareth Hughes e Viola Dana — põe tudo a perder — carreiras e heranças — pela decisão arrebatadora de assumir uma paixão condenada pelos pais.

Leon Cakoff

Katharine  
Hepburn e  
Spencer Tracy  
iniciam na tela,  
em 1942, um  
romance que  
duraria décadas  
na vida real



MGM



Walt Disney Productions

Acima, Greta Garbo e John  
Gilbert em *A Carne e o  
Diabo* (1926);  
*A Dama e o Vagabundo* na  
Inocência de uma  
macarronada



Rodolfo Valentino,  
campeão de beijo no  
cinema mudo, carimba  
Agnes Ayres em O  
Sheik (1921)



Famous Players



Doc Peller/Stillis



Do erotismo ao  
exotismo: a  
paixão ardente  
de John Garfield  
e Lana Turner  
em O Destino  
Bate à sua Porta  
(1946) e o amor  
fugaz de Marlon  
Brando em  
Sayonara (1957)



MGM





O beijo nos anos 60: Nathalie Wood no carro com Warren Beatty em *Clamor do Sexo* e na praia com Robert Redford em *Esta Mulher é Proibida*



Warner

## E PRECISAVA MAIS?

Mas até os anos 60 nenhum beijo da tela igualava-se à emoção de um beijo real — talvez aí esteja a chave da compreensão de um fenomenal desencanto mundial: o declínio do romantismo dos cinemas como locais de encontro. Foi então que o cinema sucumbiu ao "realismo fantástico" dos drive-ins. No começo, a idéia ainda era casada com o pretexto de se "ir ao cinema" — um telão ao ar livre e possibilidades mais confortáveis de longos amassos na intimidade do próprio carro. Logo na sequência, vieram os motéis. O cinema — na forma de vídeos pornográficos — voltou a perturbar a privacidade dos casais apaixonados. Melhor do que nada.

Foi graças aos recursos do vídeo que conseguimos dominar esse misterioso universo de sensações e fetiches. Dominamos a sequência dos movimentos e aprendemos com a pudica encenação simbólica de muitas obras-primas do cinema que antes pareciam seladas apenas pela inten-

ção de alguns beijos. Sem a existência do vídeo, como seria possível tirar hoje uma dúvida sobre o mais clássico dos filmes românticos — o maravilhoso *Casablanca*, com Humphrey Bogart e Ingrid Bergman, dirigidos em 1942 por Michael Curtiz? O maior filme de amor da história do cinema tem apenas quatro seqüências de beijos trocados pelo seu melodramático casal de obstinados. E precisava mais?

Numa era de todas as permissividades, de incontáveis ondas de sensações explícitas, do sexo à violência, tudo quanto sobrou de ficção ou fantasia parece decidido a ganhar a batalha final contra a realidade. Isso explica a volta aos cinemas, com novas platéias embasbacadas com os prazeres dos novos fetiches.

Se durante décadas o beijo foi o símbolo que selou o máximo em êxtase, hoje o desafio parece estar em não deixar mais nada por conta da imaginação. E o que não ficar mais por conta da imaginação será como não pensar, nem que seja em sonhar num jeito de beijar melhor do que se beijava na tela.

Leon Cakoff

O galã da década, Paul Newman, prefere a velha cama em *Cortina Rasgada* (com Julie Christie)



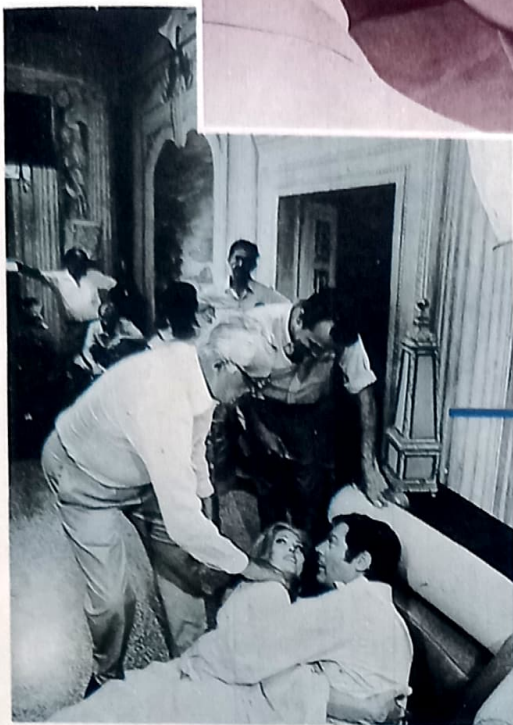
Universal



Mastroianni com  
Sophia Loren em  
Matrimônio à  
Italiana



United Artists



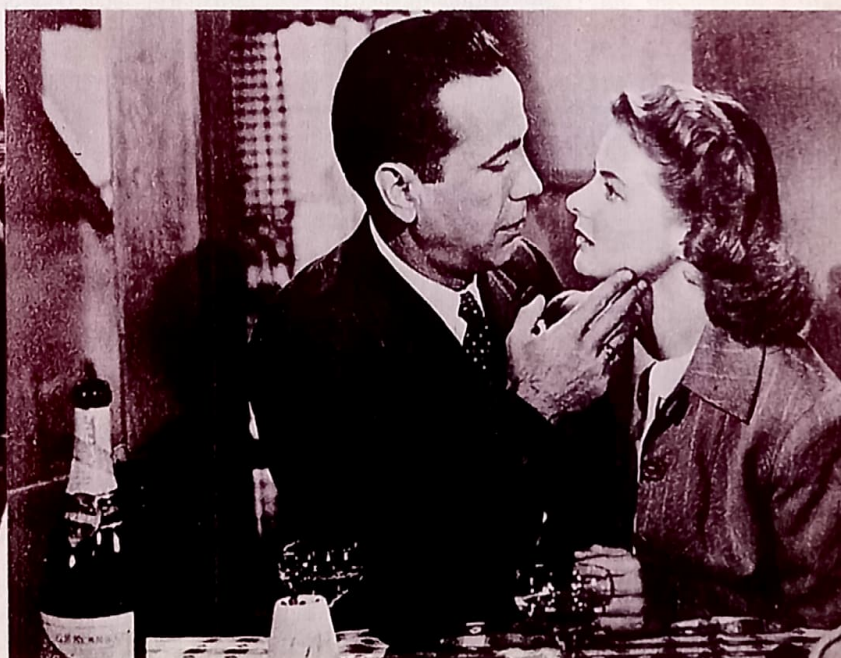
Vittorio De Sica  
dirige o galã e Faye  
Dunaway em Um  
lugar para Amantes  
(1968)



MGM



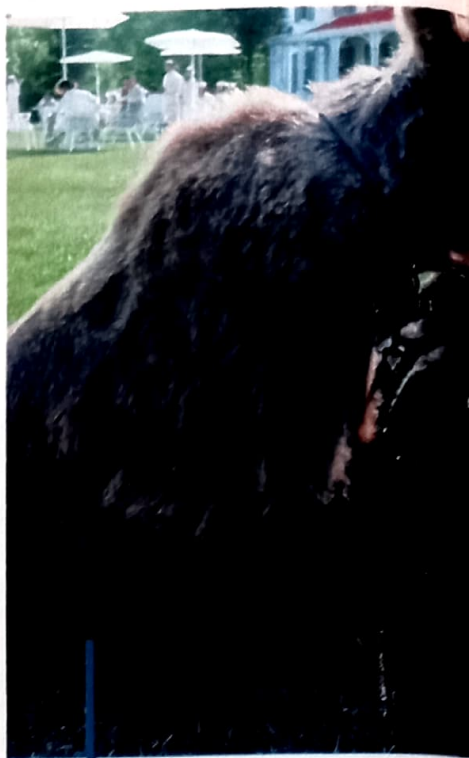
Grandes beijadores: Clark Gable fatura  
Vivian Leigh em E o Vento Levou (1939) e  
Marilyn Monroe em Os Desajustados  
(1961); Humphrey Bogart com a própria  
mulher, Lauren Bacall, em Uma Aventura na  
Martinica (1944), e com a mulher alheia,  
Ingrid Bergman, em Casablanca (1942)







Marcia Ramalho



*Um urso conquista os lábios mais desejados do mundo: Nastassja Kinski durante as filmagens de Hotel Muito Louco (1984)*



Columbia

*As ninfetas também amam: Cláudia Ohana e Mário Gomes em Beijo na Boca (1983), acima; ao lado, Brooke Shields e Christopher Atkins em A Lagoa Azul (1980)*

Mostra de Cinema de São Paulo







Fox



Eger/Documenta

#### Beijos transgressivos:

pai e filho em *Viva la Muerte* (1973);

Elsa Martinelli e

Annette Vadim em

*Rosas de Sangue* (1960);

Chloe Webb e Gary

Oldman em *Sid and*

Nancy (1986)

## A CULTURA INÚTIL DO BEIJO

Beijar é tudo. Judas beijou Jesus Cristo — sinal de traição. Um mafioso beija outro — marca de condenação. O papa beija o pé do pobre, o pobre beija a mão do bispo. Mikhail Gorbachev beija Jaruzelski na boca — expressões do poder, da fé, da cultura. Beijo na lona — nocaute. Beijo de língua — estopim total. Apesar da infâmia, da blasfêmia e dos escarros eventuais em bocas que beijam com assiduidade, o ósculo tem belas raízes. Segundo o antropólogo inglês Desmond Morris, a origem estaria na amamentação e no hábito — encontrado ainda hoje em algumas tribos selvagens — de passar o alimento sólido amolecido da boca da mãe para a boca do filho. Essas mães não reclamavam se os filhos gostassem de "tudo mastigado". Uma das primeiras representações artísticas do beijo está nas esculturas e murais do templo de Khajuraho, na Índia, feitos há 4 500 anos. É também da Índia o mais completo tratado sexual do Oriente, o Kama Sutra, do século IV, que dedica todo um capítulo à arte de beijar. No puritano cinema indiano, porém, é tudo diferente: o beijo só foi aparecer, tímido, no filme *A Casa e o Mundo*, de 1984, de Satyajit Ray.

Na Grécia Antiga, o Papa João II pespaga na pista de todo aeroporto em que desembarca: aos escravos era dado o direito de beijar o solo. Mendigos gregos, felizardos, gozavam da prerrogativa de beijar o pé dos cidadãos — exatamente o oposto do que hoje acontece quando cardeais beijam os pés dos mendigos. À medida que ocupassem postos superiores na hierarquia social, os homens podiam beijar joelhos, mãos e peitos dos respectivos senhores. Beijo na boca significa identidade de nível social. Consta que o pessoal aproveitava.

Esquimós, em outro pólo, se beijam com a ponta do nariz, numa forma de cumprimento. O olfato, nesses beijos, vale mais que o paladar. Os olhos ficam bem abertos, por cautela. Os povos primitivos se beijavam nas faces exatamente para reconhecer o odor um do outro. Pelo cheiro, identificava-se a tribo (inimiga ou não) do indivíduo. Já pensou fechar os olhos ao inimigo mortal? O mongol, igualmente prudente, não fecha os olhos e vale-se apenas do nariz sobre a maçã do rosto alheio. Os japoneses também não têm o boca-a-boca entre os principais esportes da ilha. Quando a famosa escultura de Rodin, *O Beijo*, foi exposta num museu de Tóquio, colocaram um biombo na frente. Já no Brasil, *O Beijo* se escancara: há uma réplica em bronze no passeio público do Largo de São Francisco, em São Paulo. Quem passar por ali vê o rapaz devidamente pelado, sentado numa rocha, com uma rapariga em pêlo dependurada nele, pelos ombros, pelos braços, pelos lábios.

Mas em tempos de AIDS, há quem vacile. Há quatro anos, quando foi beijada por Rocky Hudson, doente, Linda Evans pôs a boca no mundo. A doutora Martine Mourier descobriu recentemente, na França, que um beijo apaixonado pode promover a permuta de 250 bactérias, nove miligramas de água, 0,7 decigramas de albumina e mais uma gota de sais minerais, materiais gordurosos e substâncias orgânicas. A médica francesa não registra, mas são conhecidos casos de namoradinhos que trocam chicletes, balas e outros vírus. Pode-se contrair caxumba, tuberculose, herpes, sífilis, além de um duradouro caso de amor.

Difícilmente, porém, quem beija mata. Quem beija, ao contrário, faz viver, como o Príncipe e a Bela Adormecida. Walt Disney levou o beijo deles para o cinema. A mesma coisa ele fez com o beijo de Branca de Neve. A exemplo dos personagens, os dois fabulosos desenhos animados têm sido felizes para sempre. Estão em cartaz pelo mundo há cinquenta anos.



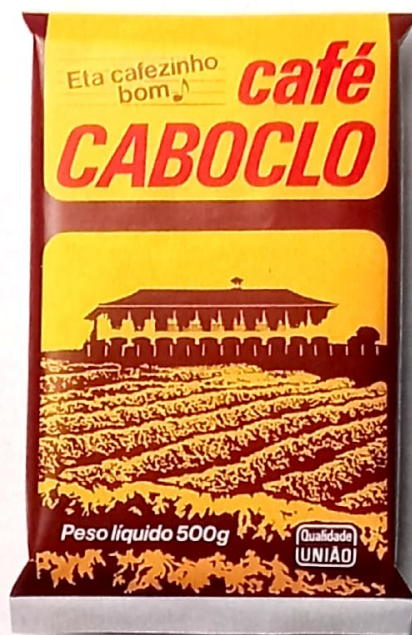
Beijo fatídico:  
Judas (*Otello Sestili*) sela o destino de Jesus (*Enrique Irazoqui*) em *O Evangelho Segundo São Mateus* (1964)





***ETA CABOCLIN***





Esta é a nova embalagem de Caboclo,  
um café puro, jovem, vigoroso.  
Tem o sabor das coisas boas do campo.

# HO GOSTOSO.

Qualidade  
**UNIÃO**





Foto Embralline

No set de  
Sonho de Valsa,  
com Xuxa Lopes

# ANA CAROLINA

*A cineasta mais polêmica do Brasil fala sobre seu novo filme, Sonho de Valsa, e diz que sua obra é uma aventura pelo universo mítico e cósmico do ser humano e não apenas uma reflexão sobre a identidade feminina*



O primeiro foi *Mar de Rosas*, de 1976, o segundo, de 1982, *Das Tripas Coração*, e o terceiro foi este *Sonho de Valsa*, de 1987, para encerrar "o segundo ciclo" da cineasta Ana Carolina. Em *Mar de Rosas*, o enredo ficava por conta de uma adolescente que matava a própria mãe, e todo o simbolismo que decorre disso. *Das Tripas Coração* apareceu para deixar nítidos os propósitos de desbravar a alma feminina, apenas delineados no primeiro filme: tratava da alienação sexual, ambientado num colégio interno de moças. *Sonho de Valsa* se remete ao indivíduo. Trata-se agora da mulher adulta dentro do seu núcleo familiar. Tereza (Xuxa Lopes) se levanta a partir da existência de três figuras masculinas. Seu pai, seu irmão e aquele a quem ela vai dar a mão.

Nesta entrevista exclusiva, Ana Carolina fala de seu cinema, de sua carreira e do conteúdo de seus filmes. Recusa o rótulo de ser uma cineasta "da identidade feminina" e afirma o seu trajeto independente.

SET — Seu novo filme, *Sonho de Valsa*, encerra uma trilogia. Como você define essa trilogia?

Ana Carolina — Fundamentalmente, é uma discussão, uma reflexão intuitiva sobre identidade e eventualmente poder. Não é uma trilogia cerebral, nada disso! Na verdade, são três momentos do mesmo tema, da mesma busca, da mesma pesquisa de linguagem, que se resumem num mergulho na busca da identidade e tudo o que isso implica — só que aí é uma discussão teórica imensa. Mas, pra ficar menos peludo, depilando um pouco a coisa, eu diria que se trata de um móbil pendurado no teto, que se balança com o vento, onde o que se vê, o que se procura e o que se reflete é a busca de identidade.

SET — O seu cinema, por falar nisso, tem uma identidade muito distinta dentro do cinema brasileiro — coisa rara, atualmente, no Brasil. É um cinema de autor?

Ana Carolina — É. Eu fiz um enorme esforço pra não me dei-

xar diluir pelos problemas do Brasil e pela dificuldade de se fazer cinema. E, acima de tudo, eu sempre tentei ser coerente. Eu não cheguei no *Sonho de Valsa* agora, eu cheguei há dez anos, quando saquei a trilogia. Meu grande rigor, se é que existe um rigor no meu trabalho, buscava justamente uma cara dentro do cinema brasileiro. E, na medida em que eu estou desenvolvendo um trabalho sobre identidade, eu estou procurando a minha identidade como autor. Quer dizer, o meu cinema tem uma cara — não sei se é a melhor cara dentro do panorama de caras do cinema brasileiro —, mas ele tem um ritmo particular, uma linguagem particular, uma abordagem de tema muito elaborada, ele é quase um dialeto. Eu falei no meu dialeto o tempo todo, correndo riscos terríveis. Eu posso ver hoje, com alguma calma — e eu não tenho nenhuma —, os riscos que eu corri, do ponto de vista mais dramático até: o risco de não ser amada como autor. Mas eu tinha que fazer isso. Sem identidade você não existe! Num visão mais poética: quando Ulisses encontra o Cíclope e tenta matá-lo, o Cíclope pergunta pra Ulisses como ele se chama. Ele responde: "Eu me chamo Ninguém". E ele fura o olho do bicho. Quando os outros Cíclopes perguntam: "Como alguém te atacou, se você é tão forte...", o Cíclope diz: "Ninguém me atacou!" Então, quer dizer, eu fiz um pouco um trabalho de Ulisses, de matar o Cíclope no anonimato, correndo o risco também de desaparecer.

SET — Você já tinha a ideia do *Sonho de Valsa* há dez anos?

Ana Carolina — Tinha uma ideia claríssima. Se você for ver hoje o *Mar de Rosas*, vai reparar que no meio do filme tem uma cena em que o Ari Fontora pergunta para Norma Bengell, num corredor: "O que você tá fazendo? Um balanço da sua vida ou tá fazendo das tripas coração?" Nascia aí o segundo filme (*Das Tripas Coração*), do qual eu escrevi algumas

cenas enquanto filmava *Mar de Rosas*. E, no final do *Das Tripas Coração*, tem uma sequência num corredor, com o Antônio Fagundes, a Nair Belo e a Míriam, que é uma digressão maluca sobre a vida. A Míriam diz que é melhor tomar um balde de soda cáustica e a Nair que não, que existe o amor, existe o sexo, existem os bombons, existe o *Sonho de Valsa*, existe o eterno não perceber. Nascia aí o *Sonho de Valsa*. Como eu disse, é um móbil. Eles têm um fio que os prende ao teto. Meu rigor sempre foi nesse sentido: um rigor absoluto de tema. E são um dialeto que pode ou não ser absorvido pelo cinema brasileiro. Eles podem também ser cuspidos fora, que não tem a menor importância.

SET — Você fez um longa-metragem antes de *Mar de Rosas*. Mas a sua carreira não pode ser encarada como começando a partir de *Mar de Rosas*?

Ana Carolina — Do ponto de vista ficcional-autoral, sim. Do ponto de vista interior, não. Eu cheguei ao *Mar de Rosas* com dez anos de profissão. Eu chego ao *Sonho de Valsa* com vinte anos de profissão. No entanto, são dois ciclos. Eu estou partindo agora para o terceiro ciclo, que eu não sei ainda qual é.

Xuxa entra pelo cano por força das pirações de Ana Carolina





Paulo Reis  
pede o colo  
pra Xuxa

SET — A sua trilogia passa muito uma ansiedade, uma angústia especificamente feminina...

Ana Carolina — As pessoas dizem, mas eu rebato isso frontalmente. Não acredito que a busca de identidade seja feminina...

SET — Mas não é uma busca de identidade feminina?

Ana Carolina — Passa pela condição feminina, mas não passa pela identidade feminina. Por essa viagem eu bordejo a condição feminina inevitavelmente. Agora, eu não acredito que qualquer criatura nos seus vinte, trinta e picos não fique procurando a sua identidade tanto na busca sexual quanto profissional. A tua identidade social é mais simples, ela vem contigo. Mas a sua identidade sexual e profissional você tem que batalhar. Só que eu sou muito desabusada, porque as pessoas normalmente não tocam nesses assuntos. Tocam na literatura, na pintura, onde a busca de identidade é fatal. No cine-

**"Eu uso até um Deus de calendário de folhinha pra falar de um universo mítico. Não é religião isso. É o interior humano..."**

ma... porque o cinema, antes de ser um bom cinema, tem que ser um bom negócio... isso fica meio atabalhoado. Então, fica mais fácil dizer que essa busca é uma coisa feminina e automaticamente eu fico alijada de um processo cultural-comercial. Na hora que você põe qualquer coisa no gueto, tudo se resolve. Mas eu entro em confronto com essas coisas sistematicamente.

SET — No *Sonho de Valsa*, a personagem principal, Teresa (interpretada por Xuxa Lopes), encontra a sua identidade?

Ana Carolina — No meu dialeto, na minha linguagem, ela encontra, porque ela discute a relação amorosa do universo dela no nível mais profundo — até no Deus, no Cristo vivo que existe nas mulheres, que é a primeira relação amorosa heterossexual, que se dá no universo mítico. E



ela discute isso, delira com isso e sublima isso. Quer dizer, Deus, assim como o pai, o irmão, os homens, as crianças que ela não teve, a criança que ela foi, tudo isso fica no passado, sublimado, entendido. Quando ela sai do fundo do poço, ela deixa lá embaixo, no seu interior, tudo isso e surge uma criatura, surge uma identidade, que não fala o que o pai gostaria ou o que Deus gostaria.

SET — Você lida muito com aspectos místicos, não?

Ana Carolina — Míticos e místicos, não religiosos. É que os símbolos e os signos, quando você lida com coisas tão clichês e ao mesmo tempo tão profundas, ficam quase sempre no ridículo. Eu uso até o Deus de um calendário de folhinha pra falar de um universo mítico. Não é religião isso. É o interior humano do ponto de vista mais rico, cósmico, mítico mesmo, amoroso — Ele me ama, Ele me ajuda... Eu não sei pôr em imagens esse sentimento. Talvez um dia eu venha a saber melhor, sem apelar para os clichês mais banais. *Sonho de Valsa* é um grande clichê.

SET — Você também lida com psicanálise...

Ana Carolina — Como exercício intelectual, sim. É um dos elementos fundamentais pra mim, uma ginástica pra entender determinadas coisas. Por ter uma linguagem que mexe com arte eu tive que dar uma volta pela psicanálise, o que deixa o produto mais elaborado num país como esse, né? — porque o espectador padrão não tem o instrumental teórico-analítico pra assimilar certas coisas. Mas, em compensa-

*Sonho de Valsa*, Brasil, 1987 ■ DIREÇÃO: Ana Carolina ■ Com Xuxa Lopes, Ney Matogrosso, Daniel Dantas, Arduino Collasanti, Paulo Reis ■ ROTEIRO: Ana Carolina ■ FOTOGRAFIA: Rodolfo Sanches ■ MÚSICA: Milton Nascimento ■ MONTAGEM: Ademir Francisco e Paulo Souza Mattos ■ PRODUÇÃO: Crystal Cinematográfica, Ueze Zahran e Embrafilme ■ DISTRIBUIÇÃO: Embrafilme

ção, eu dou pra ele o clichê: um clichê de linguagem, citação — entrar pelo cano, carregar a cruz, sair do buraco... *Sonho de Valsa* tenta baixar a bola — não sei se consegue, mas ele tenta. Baixar a bola na medida da dificuldade do tema que eu proponho.

SET — *Sonho de Valsa* é realmente um filme com bastante conteúdo e intertexto e ao mesmo tempo é um filme bem acessível...

Ana Carolina — Eu sou uma pessoa que tenho um dialeto particular, um pouco elaborado. Eu fiz o possível para baixar a bola e as pessoas assimilarem o que eu queria.

SET — E o papel do Estado na produção de cinema?

Ana Carolina — Essa vivência nós já tivemos. A Embrafilme vem de 1974, vem de Geisel, melhorando e piorando... Eu acho que o que nós podíamos ter era uma distribuidora, uma reguladora de mercado, que eventualmente seria uma ponta de lança para o mercado exterior. Quer dizer, vendas e organização de fato. Agora, produção, lançamento, a gênese do cinema não dá mais pra Embrafilme tal como ela é. A iniciativa privada vai ter que se manifestar no cinema! Mas a categoria tem que ficar mais unida.

Por Marcel Plasse



Top Set.  
Uma empresa que distribui  
e revende.

Isso mesmo, distribui seus  
próprios títulos e revende o  
que há de melhor das  
outras distribuidoras.

Além disso, na Top Set  
você encontra todos os  
acessórios necessários  
para equipar e manter sua  
vídeo locadora.

Na Top Set você terá um  
atendimento personalizado,  
condições especiais  
na compra de filmes  
e acessórios, mais  
um sistema constante  
de promoções.

Seja você também um  
cliente Top Set.  
Consulte ou visite a  
Top Set.

Revenda das seguintes distribuidoras:

AMÉRICA, GLOBO,  
TRANSVIDEO, ÔNIX,  
CENTURY, CIC, POLIVÍDEO,  
NACIONAL, EVEREST.



TOP SET PRODUÇÃO E COMÉRCIO LTDA.  
Rua Pergentino de Frenas, 45  
Fones: (011) 530-1820 e 531-7754 - CEP 04623  
Brooklin - São Paulo - SP



# WALL STREET

**A última história dirigida por Oliver Stone chegará ao Brasil este fim de mês. Aqui, uma crítica em primeira mão**

Um Gekko é uma lagarto do deserto, comum nas regiões rochosas e áridas. Sua peculiaridade é ter as patas em ventosas, capazes de aderir a qualquer superfície, mesmo à mais íngreme ou escorregadia. No novo filme de Oliver Stone, Gekko é Gordon Gekk (Michael Douglas), um ultramagnata do mundo dos negócios, que enriqueceu sozinho, à custa Deus e o Diabo sabem de que negociatas.

Suas ventosas morais — ou melhor, amorais — permitem que

ele se fixe sobre qualquer crise, qualquer depressão, qualquer bancarrota — é um refinado profissional da sobrevivência, que reza piamente pela cartilha do sonho americano *in extremis* — o capitalismo acima de tudo.

Ele é o Mefistófeles de um semi-indefeso Fausto vivido por Charlie Sheen, um jovem corretor de valores recém-saído da universidade de administração, cheio de sonhos e dívidas ("Eu juro que o American Express tem um pistoleiro atrás de mim", ele confessa, no início do filme), decidido a suplantear a origem modesta e dar a si próprio e ao pai, que ele adora — um mecânico de aviões, líder sindical, total oposto de Gekko, vivido por Martin Sheen, pai de Charlie na vida real —, uma vida infinitamente melhor.

Stone dirigiu essa balada de descida aos infernos do capitalismo como uma tragédia em três atos. No primeiro, a inocência, o Bud Fox de Charlie Sheen sua, geme e range os dentes, fugindo dos credores, na captura do que lhe parece apenas um bom cliente, Gordon

Gekko. No segundo, a compra da alma, Gekko seduz Fox com propostas de dinheiro fácil através de negócios que soam completamente escusos — mas que, Gekko garante, "não vão machucar ninguém". Para completar a iniciação de Fox no mundo daquilo que Gekko chama, entusiasticamente, de "ganância positiva, abençoada, construtiva", ele coloca no caminho de Fox a estonteante Daryl Hannah, aliás Darien Taylor, uma decoradora ambiciosa, especializada em atender aos gostos (duvidosos) dos *yuppies* recém-coroados. Este segundo ato é frenético, filmado com as mesmas técnicas que Stone utilizou em *Platoon* — câmera na mão, *steadycam*, muita movimentação, cortes rápidos (Stone em pessoa faz uma aparição "cameo"). Trata-se de uma selva em combate, é o subtexto.

No terceiro ato, Fausto, aliás Bud Fox, desce aos infernos. Evidentemente as negociatas de Gekko iam machucar alguém: o capitalismo não é apenas o "sistema neutro e funcional" que o Mefistófeles de *Wall Street* pregava — e, também obviamente, quem estava de fachada no tiroteio era a parte mais fraca, ou seja, o Fox de Charlie Sheen. Há uma coda, também, mas suspeita-se que ela tenha sido arranjada depois, como um pensamento posterior de Stone para não deixar sua fábula tornar-se tão imensamente amarga: o resgate da alma de Fox através do sacrifício voluntário, uma saída eficiente desde os tempos de Prometeu.

Aviso aos navegantes, contudo. Para desfrutar inteiramente das marchas e contramarchas deste auto-de-fé de Stone contra a maldade do capitalismo é preciso estar bastante enfronhado no próprio, ou seja, conhecer o jargão e os mecanismos do mercado de papéis, commodities e valores.

Um bom terço dos diálogos do filme envolve só esse tipo de papo e, para ouvidos não-iniciados, tudo soa como uma fantástica língua estrangeira em código.

Ana Maria Bahiana,  
de Los Angeles

Gekk (Michael Douglas), um homem de negócios sem escrúpulos





# RUNNING MAN

*Schwarzenegger se contorce em mortíferos jogos futuristas, numa aventura que só estréia por aqui em fins de março*

Não seja muito exigente com Arnold Schwarzenegger: o cara simplesmente não sabe representar, isso não se discute, mas ninguém do alto escalão de Hollywood é besta o suficiente para colocar este massa-bruta em filmes que exijam altas elucubrações checovianas.

Ele só é chamado para filmes de



O running man Schwarzenegger e o animador Richard Dawson

ação, com pouco diálogo e muita porrada, onde ele possa exibir seus famosos músculos sem comprometer o cérebro (dele e o nosso). É o caso de *The Running Man*, a mais recente transposição para o cinema de um livro de Stephen King (aqui sob o pseudônimo Richard Rachman). Num futuro não muito distante, o programa de maior audiência na televisão é uma espécie de *Rollerball* pendendo para a luta de gladiadores da Roma antiga: de casa, as pessoas assistem e torcem durante partidas sanguinolentas e

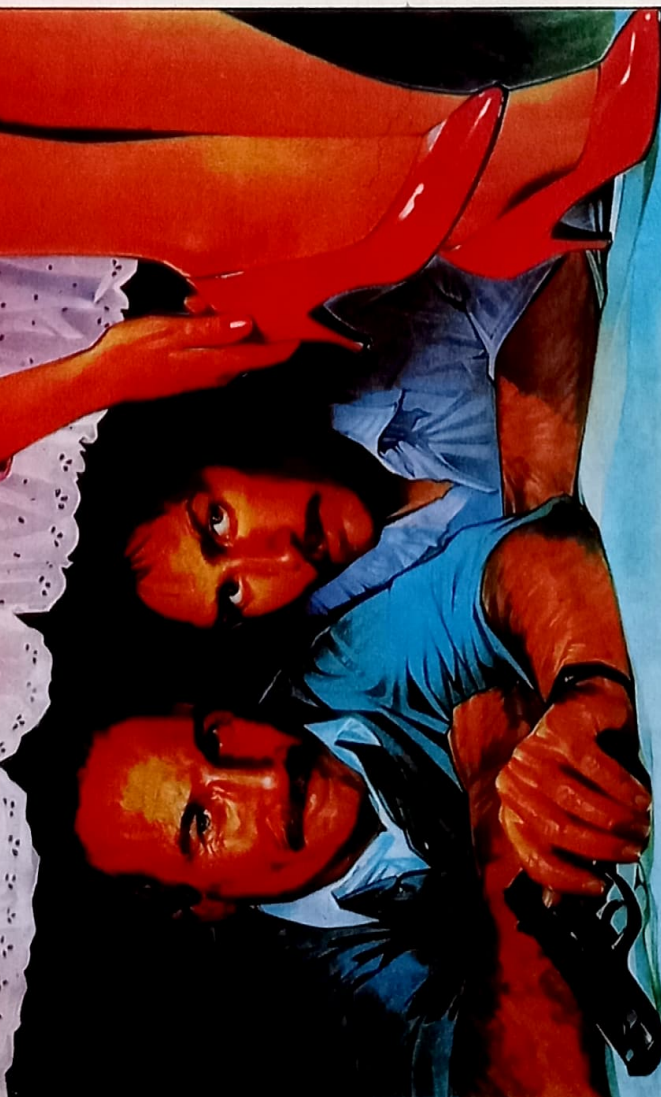
lutas cujos perdedores (e, às vezes, até mesmo os vencedores) morrem ao vivo e em cores. Arnold é um ex-militar acusado de um crime que não cometeu e por isso vai parar no tal programa, como pena. Retornará vivo?

Isso chega a ser desimportante, pois o final é extremamente previsível, mas se a sua pedida for entretenimento brutal, violento, *cro-magnon*, não perca. Para quem gosta é um prato cheio.

José Emílio Rondeau, de Los Angeles

LANÇAMENTO NACIONAL  
17 DE FEVEREIRO

"O GRANDE SUCESSO POLICIAL DE 87 NOS EUA"  
6 SEMANAS EM 1º LUGAR!



É um trabalho pesado, mas alguém tem que fazê-lo!

RICHARD DREYFUSS EMILIO ESTEVEZ  
TOUCAIA

CENSURA  
14 ANOS

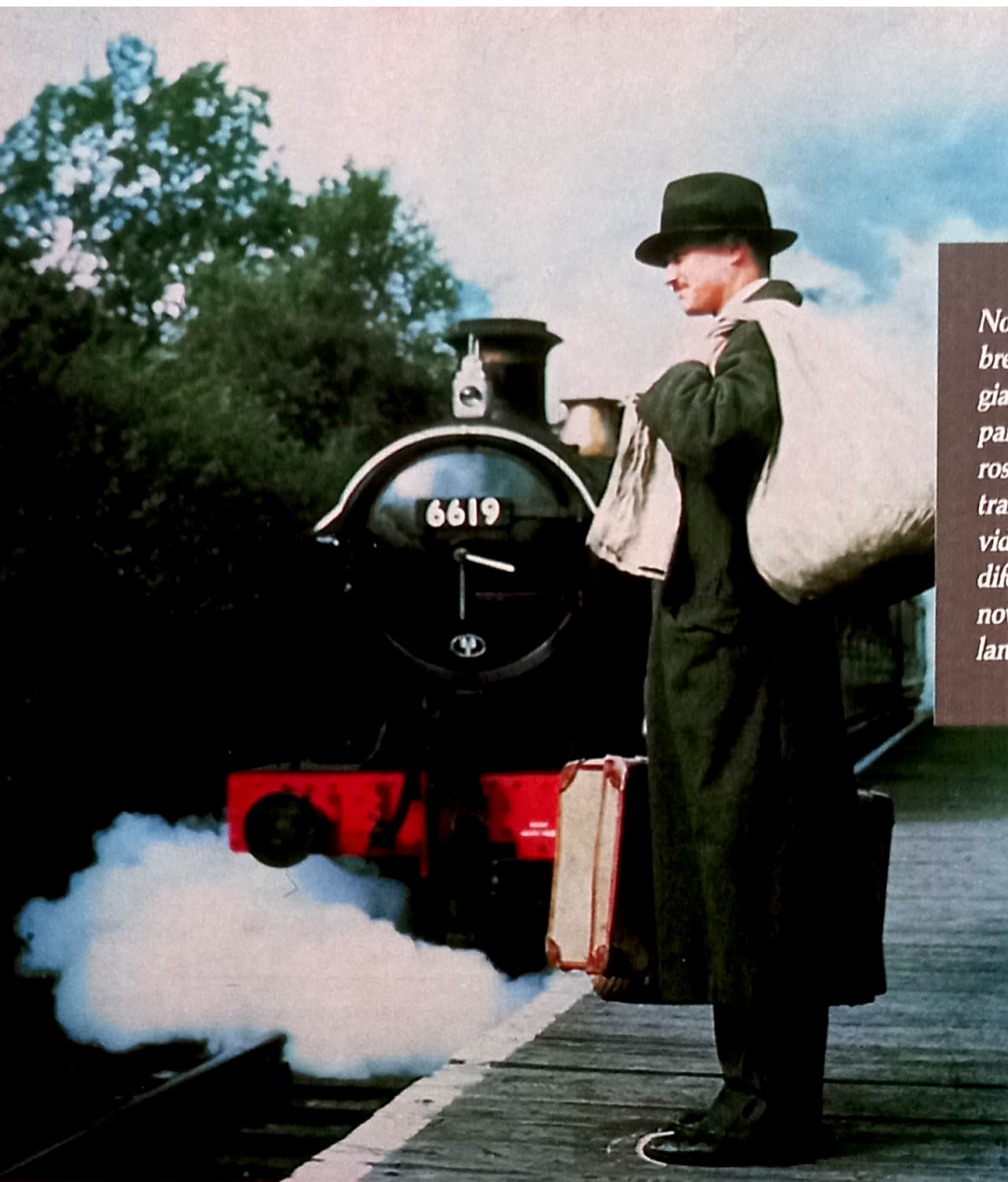
TOUCHSTONE PICTURES Apresenta em associação com SILVER SCREEN PARTNERS // Uma produção JIM KOUF-CATHLEEN SUMMERS Um filme de JOHN BADHAM

RICHARD DREYFUSS EMILIO ESTEVEZ "TOUCAIA" Música de ARTHUR B. ROBINSTEIN Direção de Fotografia JOHN SEALE, A.C.S.

Supervisão de Produção GREGG CHAMPION Produção JIM KOUF e CATHLEEN SUMMERS Argumento JIM KOUF Direção JOHN BADHAM

© 1987 Touchstone Pictures  
Car door DE LUKE ©  
DOLBY DIGITAL  
WARNER BROS. PICTURES  
UM FILM DA WARNER BROS. PICTURES





*Nostalgia. Um Mês no Campo: dois sobreviventes da Primeira Guerra se refugiam no interior da Inglaterra, em 1920, para se livrarem das lembranças pavorosas dos combates. O objetivo é encontrar, no campo, a origem de uma nova vida. Pat O'Connor (destaque) tem uma diferença com relação a seus colegas do novo cinema britânico: ele nasceu na Irlanda*



Christopher

Alex Cox, 33 anos, antipoder. Consagrado pela love story punk *Sid and Nancy* — *Amor Mala*, prêmio da crítica na Mostra Internacional de São Paulo de 1986, acaba de lançar, nos EUA, sua mais recente provocação: *Walker*, rodado na América Central, sobre o primeiro "presidente" americano da Nicarágua. Alan Parker, 43 anos. Depois do êxito perverso de *Coração Satânico*, muda-se de mala, cuia e fotômetro para Los Angeles. Quer fazer dois filmes por ano, em escala comercial. Adrian Lyne, 40 anos. Acusado de reacionário. Fez o cult sexy *Nove e Meia Semanas de Amor* e arrebentou as bilheteiras planetárias com *Atração Fatal*. John Boorman, 54 anos, dono de *Excalibur*, *Amargo Pesadelo* e do belíssimo *Esperança e Glória*, que está aportando no Brasil. Jeremy Thomas, produtor. Ele responde por *Furyo*, em *Nome da Honra* e *O Último Imperador*, e está amarrando novos projetos com o apavorante David Cronenberg (de *A Mosca*) e o americano Jonathan Demme (*Totalmente Selvagem*).

O que é que personalidades tão diferentes têm em comum? Além de talento, e o fato de esta-

# O NOVO CINEMA INGLÊS

*Em 1988, novos filmes — nas telas de cinema ou em vídeo — chegam ao Brasil diretamente da Inglaterra. E o que vem aí é um dos grandes acontecimentos cinematográficos dos últimos anos. Frears, Leland, Greenaway, Jarman - essa gente vem para ficar*



rem aí pelo mundo fazendo cinema, todos são nascidos na Inglaterra. Como eles, muitos outros ingleses estão invadindo os continentes. E não foi sem aviso.

Quando recebeu seu Oscar em 1982, o roteirista inglês Colin Welland (*Carruagens de Fogo*) anunciou: "Cuidado, os ingleses estão chegando". Não que jamais tivessem "chegado" antes. O mestre do suspense, Alfred Hitchcock, britânico, "chegou" de Londres para Hollywood, assim como os antológicos filmes de horror da Hammer "chegaram" às telas todas do planeta, sem falar na mais fina estirpe de atores deste século (Sir John Gielgud, Albert Finney, Vanessa Redgrave, Dirk Bogarde, James Fox, Sir Laurence Olivier, Sir Alec Guinness...). Colin Welland se referia, claro, à tomada da América por uma nova armada britânica.

São os novos cineastas os personagens dessa invasão que agora chega ao Brasil. Durante o último FestRio, as distribuidoras Globo Vídeo e Taipan acertaram um pacote com mais de dez fitas da úl-

tima geração inglesa, como *Dois Mais Um* (*Rita, Sue and Bob too*), de Alan Clarke, e o ultra-esperado *Gostaria que Você Estivesse Aqui*, (*Wish You Were Here*), de David Leland. Os cinemas brasileiros também estarão na mesma onda em 1988. Alguns lançamentos comerciais já estão acertados desde o ano passado. *Serviços Pessoais* (*Personal Services*), de Terry Jones, *Minha Adorável Lavanderia* (*My Beautiful Laundrette*), ganhador do FestRio 86, e *Orelhas Quentes*, ambos de Stephen Frears, *Sammy e Rosie* (*Sammy and Rosie Get Laid*), também de Frears e, *Um Mês no Campo* (*Month in the Country*), de Pat O'Connor, devem ser negociados logo.

A explosão do novíssimo cinema britânico tem três elementos: o êxito do produtor David Puttnam; o comercial de TV como escola privilegiada de uma nova geração de diretores; e o engajamento da TV britânica, especialmente do *Channel 4*, fundado em 1982, na produção cinematográfica.

Puttnam é uma fabulosa história de ascensão, apogeu absoluto e queda. Ele produziu três espetáculos de consagração mundial — *Carruagens de Fogo*, *Gritos do Silêncio* e *A Missão*, este último Palma de Ouro em Cannes-86 — e daí foi dirigir a Columbia Pic-

tures em Hollywood, a tarefa mais difícil de sua vida. A Coca-Cola Company, com sede em Atlanta, Georgia, a dona da Columbia, deu-lhe carta branca. Puttnam foi para Hollywood com seu ideário de europeu, ou seja, cinema de autor na cabeça.

## O APOGEU SAGRADO DE PUTTNAM

Puttnam, "em exílio nas colônias", se não virou um ícone da noite para o dia, tornou-se um ponto de atração. E muita gente o seguiu. Diretamente dos comerciais da TV britânica para a indústria cinematográfica, chegaram muitos. Roland Joffé (diretor de *A Missão* e *Gritos do Silêncio*) comprou uma casa em Los Angeles e começou a trabalhar em contrato com a Warner. Ridley Scott (que já fez *Blade Runner* e *A Lenda*) dirigiu um thriller novaiorquino, *Someone to Watch Over Me*, para a Columbia. O irmão de Ridley, Tony Scott, trabalhando para a Paramount, perpetrou duas minas de dólares, de acabamento impecável: *Ases Indomáveis* e *Tira da Pesada II*. Sem falar em Bill Forsythe, diretor de *The Local Hero* que fez *Housekeeping* para a Cannon, no produtor Alan Marshall (por trás



UGC France

*Nostalgia de novo. Mais adolescência, charme e sexo. Wish You Were Here empinou a libido londrina, especialmente com a atriz Emily Lloyd (foto), de 16 anos, que interpreta Lynda, também de 16. David Leland (destaque) dirige com mão leve a história de uma garota descobrindo o sexo numa cidadezinha da costa inglesa dos anos 50*





de quase todos os filmes de Alan Parker) que cuidou do último filme do comediante Bill Cosby (negro, o mais popular dos EUA, com um salário de 40 milhões de dólares por ano) para a Columbia. Todo esse pessoal, a exemplo de Parker e Adrian Lyne, vem do filme publicitário, tem uma concepção de cinema ágil, à americana. Não houve problemas de adaptação.

Era o apogeu sagrado de Puttnam. Mas aí a Coca-Cola, depois de engolir o prejuízo de 25 milhões de dólares com *Ishtar*, com Isabelle Adjani, anunciou a fusão da Columbia (onde ele continuaria o número 1) com a Tri-Star (que daria a Puttnam um patrão). Ele pulou fora e ganhou uma bela indenização, com base em seu salário anual de um milhão de dólares. Mas, em casa, a saga britânica avança.

Avança graças ao engajamento da TV, tanto da BBC como do Channel 4. No Festival de Cannes do ano passado, o Channel 4 recebeu um prêmio especial por sua promoção de cinema de qualidade. "A política do Channel 4 provou que um cinema propriamente inglês pode existir, até mesmo sem o dinheiro dos americanos, além de abrir um caminho inédito para a co-produção, pelos americanos, de filmes com temas, roteiristas, diretores e atores britânicos", declarou a SET o produtor Simon Perry, ligado ao Channel 4. O entusiasmo é ainda

maior com Jay Peters, vice-presidente da Channel 4 para o continente americano: "O novo cinema inglês não é só um sucesso de crítica, mas um estouro comercial. Só a venda de *Gostaria que Você Estivesse Aqui* para o mercado de vídeo nos EUA nos rendeu um milhão de dólares. Ora, isso é quase o custo total do filme!"

## OS CONQUISTADORES DA LUZ

"Gente como Stephen Frears, 'descoberta' agora, está na TV britânica há pelo menos 20 anos", alertava o diretor de *Coração Satânico*, Alan Parker, quando passou pelo Rio de Janeiro. Frears, que se formou em Direito em Cambridge em 1966 para depois se dedicar ao cinema, é uma das melhores expressões da efervescência britânica.

Se é verdade que este cinema tem vinte anos de amadurecimento interno, foi só nos últimos dois anos que ele aconteceu em escala mundial, com sua ácida criatividade. Começando por Frears, que faturou o FestRio de 1986 com *My Beautiful Laundrette*, o caso homossexual de Omar, um paquistanês solto em plena Londres. Fez em 1987 outros dois: *Orelhas Quentes* (*Prick Up Your Ears*, um intraduzível jogo de palavras onde comparecem pênis e orelhas) e *Sammy e Rosie*. O primeiro é a história (verídica) do teatrólogo iconoclasta e homossexual Joe Orton, considerado nos anos 60 o herdeiro de Oscar Wilde, e seu caso de amor com Ken Halliwell. Foram "casados" por 11 anos. O fim é trágico, na conclusão de uma sequência de pequenos crimes, transas alucinadas em locais públicos e rivalidade intelectual insuperável.

Com *Sammy e Rosie*, Frears transporta as desigualdades da miserável África para os subúrbios de Londres, transformados em guetos de negros, árabes e latinos, com crimes horripilantes, tráfico de drogas, artistas marginais e adeptos de seitas orien-

O travestido  
Anthony Collin e  
Shirley Stelfox:  
sado-masô em  
Personal Services



Films Number One

tais. A antítese da Londres dos anos 40. O político paquistanês Rafi, pai de Sammy, disposto a reencontrar a Londres que deixou em 1947, vai visitar seu filho num desses bairros violentos da Londres contemporânea. Ele, naturalmente, não reencontra nada.

Quem mais se aproxima de Frears é outro anticonformista, o pintor Peter Greenaway. Começou no cinema em 1965, aos 23 anos. Dono de seu próprio registro — rigor lógico aliado à imaginação transbordante —, Greenaway não quer absolutamente nada com o realismo. É leitor fiel do argentino Jorge Luis Borges e do italiano Italo Calvino. Seu último filme é formidável: *A Barri-ga do Arquiteto*.

Trata-se, na verdade, do arremate final de uma espécie de trilogia ou de um tríptico. Os dois filmes anteriores eram sobre um desenhista (*Morte em um Jardim Inglês*) e um criador de *tableaux vivants* (*Zoo*). Agora é a vez de um arquiteto de Chicago que vai a Roma inaugurar uma exposição que ele mesmo preparou em homenagem a Etienne Boullée, visionário utopista do século XVIII. Na Villa Adriana — mãe da arquitetura ocidental e ventre da cultura idem — o arquiteto é acometido de um câncer no estômago, ao mesmo tempo que, no ventre de sua mulher, um feto se desenvolve. O final é trágico — mais uma vez, Greenaway funde cultura e natureza para evocar morte e decomposição.

Talento é o que não falta. Nicholas Roeg deu ao mundo o delicioso *Insig-nificance* e tem o mérito adicional de ter revelado o trabalho de sua lindíssima mulher: Theresa Russell, atriz. É ela

Orelhas Quentes:  
quatro homens,  
uma cama,  
pequenos crimes e  
transas alucinadas

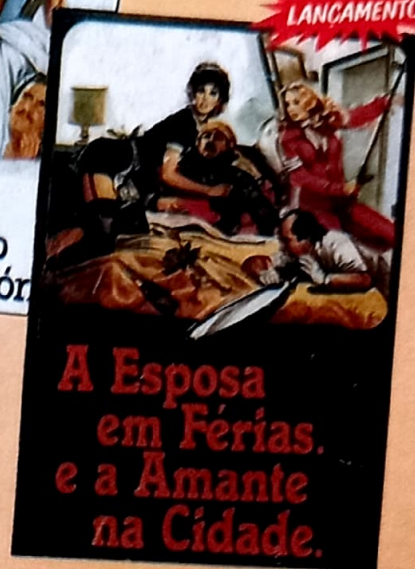
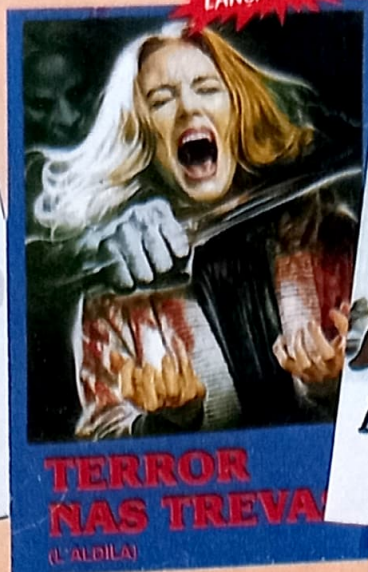


Pari Films

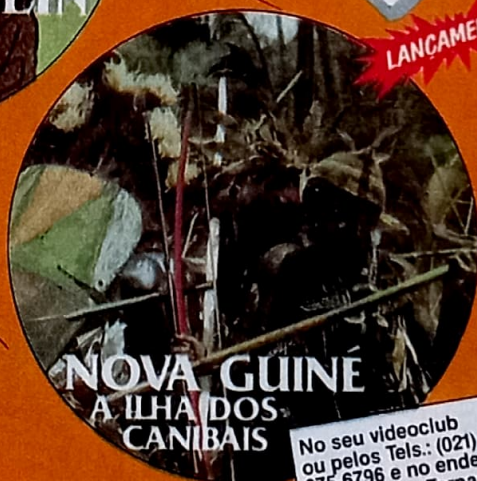


**5 ÓTIMOS PROGRAMAS**

**CHEIOS DE HUMOR E SUSPENSE.**



Sua nova opção de qualidade



No seu videoclub  
ou pelos Tels.: (021) 275-6594/  
275-6796 e no endereço:  
Rua Paulino Fernandes, 64  
Botafogo/RJ.



que está em *O Mistério da Viúva Negra*, de Bob Rafelson. Mike Newell apareceu em 1985 com *Dançando com um Estranho*, revelando ao grande público a atriz, de primeira, Miranda Richardson, que atualmente está no Royal Court londrino arrasando em uma peça de Sam Sheppard.

Há os independentes radicais, inspirados no mestre Ken Russell, que fez *Crimes da Paixão* e *Gothic* (ainda sem data para aportar no Brasil), que já virou, com suas extravagâncias, um cult trash na Inglaterra e na França. David Lean é a referência dos que trabalham no coração do sistema e pretendem extrair o máximo de uma lucrativa carreira comercial. A ala cômica se reporta a um paradigma menos distante: o impagável grupo Monty Python, que na década passada deu à luz alguns primores como *A Vida de Bryan* e *O Sentido da Vida*. Desse grupo saiu Terry Gilliam, com seu fantástico *Brazil*. Agora é a vez de Terry Jones, com *Serviços Íntimos*, que esculhamba a sociedade azucrinando a carece (carência) sexual mediana. Na cola, *Dois Mais Um*, de Alan Clarke, com duas adolescentes em busca de novas experiências. A nova armada britânica vem para conquistar os olhos, sob o signo da rebeldia e da independência.

Reportagem de Pepe Escobar, de Londres, e David França Mendes, do Rio de Janeiro. 

O delicado modelo de Caravaggio, do filme de Derek Jarman (acima)

Fotos Mostra de Cinema de São Paulo



## O OUTSIDER REALISTA



Gay de 45 anos, Derek Jarman é o autêntico outsider do cinema inglês contemporâneo. Está com AIDS. Tem um santo na família, lá atrás, na árvore genealógica: St. Germain. Cativa qualquer estranho. Foi o que aconteceu em Cannes, no ano passado, e na Mostra Internacional de São Paulo, onde exibiu *The Angelic Conversation*, *Jubilee* e *Caravaggio*.

Jarman amarra-se em 8 mm há anos. Usa sempre a mesma câmera super-8 de aproximadamente 300 dólares. Sua formação é sólida. Estudou no Kings College londrino e depois pintura na impecável Slade School. Trabalhou como desenhista de costumes e cenários para o Royal Ballet. Expunha regularmente no final dos anos 60. Em 1970 entrou para o cinema, como desenhista de produção em *Os Possessos*, do não menos possesso Ken Russell. Seu primeiro longa é de 1976: *Sebastiane*, leitura de São Sebastião em clave gay e talvez o único filme falado em latim da história do cinema. Um cult, hoje, assim como *Jubilee*, de 1978, o primeiro filme punk inglês. Todas produções baratas, criativas, com um mínimo de gente. Jarman diz que precisa apenas de sete pessoas em sua produtora. A média mínima na Inglaterra é 21.

Nos 80, Jarman fez várias exposições, desenhou para balés e arriscou inevitáveis clips para a TV. Em 1984 saiu seu primeiro livro, o autobiográfico *Dancing Ledge*. Os 16 mm continuaram, incluindo *Pirate Tape*, com William Burroughs. Em 1985 Jarman lançou *The Angelic Conversation*. Depois veio o filme que o tornou conhecido em todo o mundo: o belo e brilhante *Caravaggio*, filmado por ridículos 800 mil dólares no warehouse onde Jarman vivia na época, no leste de Londres. *Caravaggio* rendeu uma tremenda bilheteria, mas Jarman continua econômico. Tanto no cinema quanto na vida: mora em um simples apartamento de um quarto na Charing Cross Road londrina, perto da gigantesca livraria Foyles.

Jarman, claro, abomina a "cultura da bomba" sob a qual vive-se esta época: "A verdade crua é muito violenta para ser dita diretamente. Por isso os políticos vivem dizendo meias-verdades sobre centrais nucleares e armas. Às vezes eu olho pela janela e acho que já estamos mortos, que a bomba já caiu em nossas mentes".

Jarman é antes de tudo um pintor. Seus filmes são tão pessoais quanto seus quadros, e sempre irredutíveis a uma categorização. Isso — e a falta, em geral, de um roteiro — torna a busca de financiamento uma operação de guerra. Jarman, na indústria do cinema inglês, jamais terá um budget tipo *Gritos do Silêncio*, tipo de cinema, por sinal, que ele detesta: "Fazer filme assim é horrível. Não é criativo. Não é divertido. O sol está brilhando mas o roteiro diz chuva, então vamos todos esperar até amanhã. Eu acho que o trabalho deve ser sempre um prazer, e todo diretor tem a obrigação de torná-lo agradável".

O que é o cinema para o pintor, desenhista, escritor e cineasta Derek Jarman? "A câmera é um revólver. Uma coisa muito violenta." Para terminar uma conversa rápida com o outsider suave, homossexualismo é o tema inevitável: "Daqui até a China, o padrão é sempre o mesmo: subserviência à família e ao Estado. O homossexualismo pode perturbar esse mundo triste, pois os encontros sexuais levam ao conhecimento". E a AIDS, onde fica? "Enquanto a AIDS afetava homossexuais e alguns viciados em drogas sem esperança, o governo britânico estava perfeitamente feliz em não fazer nada a respeito. Já tive dois amigos mortos."

Derek Jarman está fazendo seu último filme às pressas. "Não posso esperar outros seis anos. Nenhum gay metropolitano pode ter certeza de que vai estar vivo daqui a seis anos."

P.E.



DE VOLTA AOS ANOS SESSENTA

A PRIMEIRA DANÇA • O PRIMEIRO AMOR • UM MOMENTO NA SUA VIDA

# Dirty Dancing

"RITMO QUENTE"

O DISCO DE MAIOR SUCESSO NOS  
ESTADOS UNIDOS

DEZ SEMANAS EM PRIMEIRO LUGAR NA BILLBOARD  
TOP POP ALBUNS

Hungry Eyes Eric Carmen • (I've Had) The Time  
Of My Life Bill Medley & Jennifer Warnes •  
She's Like The Wind Patrick Swayze •  
Be My Baby The Ronettes • You Don't  
Own Me The Blow Monkeys •  
Hey Baby Bruce Channel •  
Yes Merry Clayton...  
... e outros sucessos



**BMG**  
BMG Ariola Discos Ltda.

**RCA**





# MICHAEL RADFORD

SET — Veneno Branco (White Mischief) é um filme rigorosamente britânico, não?

Radford — É. Talvez seja difícil para o público brasileiro poder entendê-lo. É um filme sobre pessoas que não conseguem se expressar. Elas não conseguem dizer o que sentem. Mas não são estereótipos.

SET — A atriz principal de Veneno Branco, Greta Scacchi, é uma estrela em ascensão na Europa. Ela trabalhou recentemente no filme dos irmãos Taviani, Good Morning Babilônia, e em Un Homme Amoureux, de Diane Kurys.

Radford — Ela é uma verdadeira estrela de cinema, do jeito que as pessoas eram estrelas nos velhos filmes. Ela traz para a tela mais do que apenas personagens, traz carisma! Na verdade, eu me apaixonei. Esse filme foi uma espécie de love affair.

SET — Você sempre escolhe seus temas ou eles são sugeridos pelos produtores?

Radford — Eu recebo sugestões dos meus produtores, mas sempre as recuso (risos).

SET — Você mesmo adaptou a história de Veneno Branco?

Radford — Sim. Foi realmente uma adaptação. O livro do qual a história foi extraída é uma investigação jornalística em cima de fatos reais. Ele, porém, não tem uma história. Eu usei o livro como uma espécie de guia de pesquisa.

SET — O que aconteceu, na vida real,

*O inglês Michael Radford, 41 anos, diretor dos excelentes 1984 e Another Time, Another Place, esteve recentemente no Brasil, para o FestRio, onde apresentou pela primeira vez para o público seu novo filme Veneno Branco (White Mischief), que se passa em 1940, no Quênia, África, então uma colônia britânica. Aqui, uma entrevista exclusiva*



com a personagem de Greta Scacchi, que é, de fato, a condutora da história?

Radford — A pessoa que é a personagem de Greta se casou com a personagem de John Hurt na vida real, um ano mais tarde. E depois se divorciou e se casou com outro, se divorciou novamente, se casou, e então se tornou a mulher mais rica do Quênia. Ela morreu há apenas poucos meses.

SET — As locações foram feitas no Quênia mesmo?

Radford — Sim. Mas nós filmamos metade no estúdio, porque é muito caro filmar na África.

SET — Há mais filmes britânicos sendo feitos sobre a África...

Radford — Chris Menges está filmando um neste momento. *You Know*, a Inglaterra já foi um grande Império. A África era uma de suas possessões, assim como a Índia, a Austrália, o Canadá... Na verdade, esses lugares estão sempre em nossa consciência. Por isso, os cineastas britânicos têm se mostrado tão interessados em filmar histórias nesses países.

SET — Você viu muita pobreza no Quênia?

Radford — Vi. Mas o Quênia é um país rico em termos de África. Ainda assim, é muito pobre. As favelas de lá são como castelos. Na *Black Africa*, porém, a situação é muito pior. Não é o Terceiro Mundo, é o Quarto Mundo. E está ficando pior!

SET — Seu primeiro filme, *Another Time, Another Place* teve um bom desempenho em festivais...

Radford — Ele ganhou 15 prêmios em diferentes festivais. Todos gostaram dele. Já em 1984, os críticos queriam me matar! 1984 foi, na verdade, muito criticado quando surgiu, apesar de se tornar bastante popular. Meus filmes costumam ser recebidos dessa forma em seus primeiros dias, mas depois eles acabam sendo reconhecidos. É verdade! 1984, hoje, se tornou uma espécie de filme clássico. E ainda tem uma longa vida em vídeo. Imagino que o mesmo deva acontecer com *Veneno Branco*.

SET — O que você acha de *Brazil*, o filme de Terry Gilliam que faz inúmeras citações a 1984?

Radford — É um filme que eu gosto muito, um filme de grande imaginação. Terry Gilliam é um tipo especial de diretor, porque ele faz seus filmes com ótimos desenhos de produção.

SET — A maior fascinação de *Brazil* e de 1984 é a maneira como o futuro é mostrado através de uma tecnologia ultrapassada. De onde saiu essa idéia, da época do livro de Orwell?

Radford — Essa era a primeira coisa na minha cabeça. Na verdade, quando eu tentei comprar

fazer filmes na América que não muda há anos. Pegue um filme como *Atração Fatal*, que, apesar de ser dirigido por um inglês, Adrian Lyne, é feito especificamente para o público americano — e o público americano é realmente muito primitivo... *Atração Fatal* é um filme que já foi visto 15 vezes antes! Não há nada que faça você achar algo interessante nele. Parece feito por computador. Mas há uma grande vida e força em certos filmes americanos — os que expressam a vida americana como em nenhum outro meio do país. Eu gosto de *Platoon*, por exemplo, e *A Cor do*

***“O cinema americano é uma tapeação... Pegue um filme como Atração Fatal que, apesar de dirigido por um inglês...”***

os direitos do livro e me perguntaram como eu iria filmá-lo, eu tinha claro que a ação iria ocorrer no passado, não no futuro. O livro é uma projeção do futuro vinda do passado. Sua ação não ocorre, de fato, no passado, e sim no futuro imaginado pelo passado. Era esse tempo irreal que eu queria criar.

SET — O incentivo financeiro da televisão no cinema britânico recebeu um prêmio especial no último festival de Cannes. O quanto essa participação é realmente importante?

Radford — Meu primeiro filme foi parcialmente financiado pelo *Channel Four*. Isso é muito bom, porque significa que você pode fazer muitos filmes na Inglaterra com o dinheiro da televisão — que é a única maneira que você pode fazer filmes agora. Antes, sequer era possível filmar! A única crítica que tenho é que às vezes os produtores fazem muito pela TV e não o suficiente pelo cinema. Outra coisa negativa é que há muito poder nas mãos do *Channel Four*. Mas, de qualquer modo, ainda é um bom negócio. Não há nada melhor.

SET — E o que você acha do cinema americano?

Radford — Ele é tapeação. Há uma fórmula melodramática de

*Dinheiro*. Geralmente, o que Scorsese faz é muito bom.

SET — Quais são seus diretores favoritos?

Radford — Godard, Antonioni, Jean Renoir... Eu gosto dos grandes diretores. Mesmo Fellini, que não é dos meus favoritos, me dá muito prazer com seus filmes. Na verdade, eu acho que Bergman é o maior de todos os diretores.

SET — Você levou cerca de três anos entre a filmagem de 1984 e *Veneno Branco*...

Radford — 1984 foi filmado e lançado muito rápido, para estar nos cinemas no mesmo ano. Normalmente, levaria mais tempo para estrear, e então a diferença entre o filme seguinte e 1984 seria menor.

SET — Qual é seu próximo projeto?

Radford — É um filme com conexão na América do Sul. É sobre três guerrilheiros venezuelanos que ficaram exilados na Europa nos anos 70. É uma história real e tocante sobre exílio e identidade. Ela se passa na maior parte do tempo na Europa e uma pequena parte na Venezuela. Mas ainda não possui um título definido. Aguardem.

por Marcel Plasse,  
do Rio de Janeiro 



# AINDA AGARRO ESTA VIZINHA

**Ajudado por Emilio Estevez, o tira Richard Dreyfuss espreita a "vizinha" Madeleine Stowe em Tocaia. O diretor John Badham falou a SET com exclusividade sobre o filme, que estréia agora em fevereiro em todo o Brasil**



Numa velha casa abandonada de Seattle, na costa noroeste dos Estados Unidos, dois policiais vigiam a residência em frente. É um trabalho tedioso: trata-se de uma operação conjunta com o FBI, de apoio na captura de um perigoso fugitivo, namorado da moça que mora na tal casa, e os dois têm ordem de não fazer absolutamente nada sem instruções expressas dos federais.

As noites se arrastam, longas e maçantes, entre binóculos, jogos de damas e torneios de perguntas de "cultura inútil". Mas, aos poucos, algo começa a acontecer: um dos tiras, o mais velho, no



meio de uma tenebrosa crise de meia-idade, acha um novo interesse na vida — exatamente a moça da casa em frente, a que ele deveria vigiar. Todos os esforços de seu companheiro — uns 15 anos mais moço, sério, responsável, preocupado com a carreira de ambos — são em vão: do binóculo à desculpa esfarrapada para conhecer a garota ao vivo, é um passo só. Daí para a mesa — ela é exímia cozinheira —, para a cama dela e para inacreditáveis trapalhadas — é outro passo ainda mais curto.

Com esse argumento singelo, explorando pelo ângulo da ação e da comédia um assunto batido no cinema, de Hitchcock e Brian De Palma — o voyeurismo —, *Tocaia* se tornou um dos maiores sucessos de 1987, nos EUA: 65 milhões em ingressos vendidos, a terceira maior bilheteria do ano, atrás apenas de *Tira da Pesada II* e *Atração Fatal*.

"Só posso repetir as explicações que me dão", diz o diretor John Badham, um inglês criado no Alabama, com uma folha de serviços a Hollywood repleta tanto de silenciosos fracassos — *American Flyers* e *De quem é a Vida Afinal?* — quanto de estrondosos sucessos — *Os Embalos de Sábado à Noite*, *Jogos de Guerra*, *Curto Circuito* e *Trovão Azul*. "As pessoas gostam da relação de amizade entre os dois policiais, e do envolvimento de um deles com a moça. A história, com certeza, não é a mais original do mundo, mas tem a medida certa de voltas e reviravoltas para ser sempre inesperada. Então as pessoas saem do cinema contentes. E esse é o objetivo de um filme de verão, não? Ser divertido. De todo modo, uma boa comédia não é uma coisa fácil de se fazer, e é o que todo mundo quer ver. Tiroteios, efeitos especiais, correrias de automóveis... isso tem muito por aí, mas uma boa comédia..."

Badham, um diretor experiente que diz preferir "sem dúvida alguma" o sucesso na bilheteria aos elogios da crítica, "porque os filmes são feitos para o público"





Warner

tem seu ponto de vista confirmado em parte pelas estatísticas: na história do cinema, entre os 80 filmes de maior bilheteria na semana de estréia, nove são comédias. Mas 14 são filmes de ficção científica/ação/fantasia — um gênero em que o próprio Badham tem seu quinhão, com *Jogos de Guerra*, *Trovão Azul* e *Curto Circuito*.

Se gosta de ficção científica e de comédia, a sua grande paixão é dirigir atores. Na verdade, já quis ser um deles, mas logo notou "que seria um eterno canastrão", e foi estudar na prestigiosa Universidade de Yale. Para *Tocaia*, ele pensou de cara em Richard Dreyfuss, de quem é amigo pessoal desde que o dirigiu em *De Quem é a Vida Afinal?* Insistiu que ele fosse o protagonista. Surgiu, então, um problema,

que Badham conta: "Simplesmente não existiam atores mais velhos que Dreyfuss que aceitassem um papel menos importante que o dele". (O roteiro original previa um tira mais velho para o personagem secundário). A única solução era mexer em todo o roteiro, e tornar o companheiro de Dreyfuss um personagem mais jovem. Isso é uma coisa comum no cinema: muitas vezes o elenco determina a história. Um antigo admirador de Dreyfuss, seu fã desde que viu o filme *Tubarão* 36 vezes, candidatou-se para o papel: Emilio Estevez. "Nem pensei duas vezes", Badham admite. "A química entre os dois era perfeita."

A inversão das idades deu de fato um toque novo aos personagens. Nas palavras de Badham: "O policial de Dreyfuss é um homem tão desiludido, sem nada



a perder, sem uma casa e uma família para quem voltar no fim do dia, que se torna capaz das maiores loucuras. Ele está vivendo uma segunda e tardia adolescência, enquanto o personagem de Estevez acaba de entrar seriamente na carreira, é recém-casado e está imbuído de responsabilidade e senso profissional".

Parte do charme de *Tocaia* de-

Na página oposta, Dreyfuss vigia Madeleine de pertinho. No alto, vigia de longe. Acima, o parceiro Emilio Estevez



# Receita para viver melhor

Revista  
**Saúde!**

**LEIA EM FEVEREIRO**

- **Hamamélis** - a cura perfumada para má circulação, varizes, cravos e espinhas.
- **Tofu** - o queijo sem colesterol. Com sabor delicado, vem do leite de soja e é riquíssimo em nutrientes.
- **Pimentão** - uma fonte de vitamina C e fibras.
- **Barriga** - sinais de alerta. Mal-estar, dores? Descubra o que querem dizer.
- **Herpes** - O que você pode fazer para evitar as crises, especialmente no calor.
- **Cãibras** - Alimentos e vitaminas que acabam com elas.
- **Dor de Cabeça** - acerte o teste e aprenda a evitá-la.

**NAS BANCAS**



EDITORA  
AZUL

## EM CARTAZ

O diretor  
John Badham, no  
set. Abaixo,  
Madeleine com  
o namorado  
procurado,  
Aidan Quinn



Warner

ve-se ao incessante jogo entre os dois, onde, Badham conta, muita coisa foi improvisada na hora, em cima do texto. "Eu gosto muito quando os atores respondem assim a um roteiro, e deixo que eles fiquem à vontade. Depois, pego os melhores momentos e faço com que eles os repitam até tudo ficar adequado." Um desses improvisos que acabaram se incorporando ao roteiro — e tornando-se uma das cenas mais populares de *Tocaia* — é uma piada particular: o policial vivido por Emilio Estevez, num jogo de "cultura inútil", pergunta ao Richard Dreyfuss de qual filme era a frase "isto não foi

um naufrágio normal". Dreyfuss — que disse esta frase em *Tubarão* — não se lembra. "Este é um bom exemplo de um improviso que foi completamente incorporado ao filme", diz Badham. "Se tudo fosse realmente dito na hora, Dreyfuss riria quando Emilio perguntasse uma coisa dessas, e tudo se tornaria uma piada para conhecedores. Mas, como foi cuidadosamente ensaiado, dá uma dupla leitura à cena — e a todo o filme."

Aidan Quinn, que foi o rival de Robert De Niro em *A Missão* e o namorado da elusiva Susan em *Procura-se Susan Desesperadamente*, vive o bandido fugitivo, e Madeleine Stowe, uma estreante em cinema, mas com boa experiência em TV, faz a salerosa Maria McGuire, irlandesa/mexicana que tanto enlouquece Richard Dreyfuss. A "Seattle" de *Tocaia* é, na verdade, a cidade de Vancouver. No Canadá. Só como curiosidade, Sônia Braga estava entre as atrizes escaladas para viver o pivô deste perigoso romance.

E como em Hollywood a vida eterna é líquida e certa para as boas bilheteria, Badham já está estudando os projetos para *Tocaia II*. "Será, com certeza, com Dreyfuss e Emilio, mas num outro lugar e numa outra situação. Gosto de variedades, mesmo numa continuação eu não me permitiria repetir a mesma história."

Ana Maria Bahiana,  
de Los Angeles



Warner

*Stakeout*, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: John Badham ■ Com Richard Dreyfuss, Emilio Estevez, Madeleine Stowe, Aidan Quinn ■ ARGUMENTO: Jim Kouf ■ FOTOGRAFIA: John Seale ■ MÚSICA: Arthur B. Rubinstein ■ PRODUÇÃO: Jim Kouf e Cathleen Summers para a Touchstone Pictures ■ DISTRIBUIÇÃO: Warner



# A Pole não lança perfume.

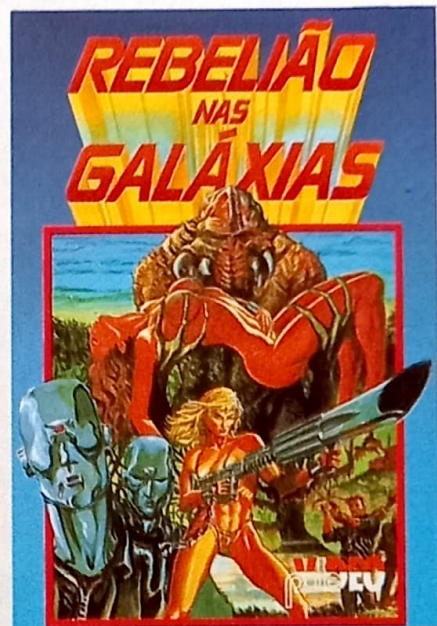


Rebelião nas Galáxias: (Slave girls beyond the infinity) em algum lugar do tempo e do espaço, poderosas forças cósmicas se preparam para o confronto final. É a luta pela libertação do ser humano. Uma luta que poderá ser o último suspiro da vida em todas as galáxias do universo.

Direção de Ken Dixon. Com Elizabeth Cayton, Cindy Beal e Don Scribner. Produção Empire, 1987.

## A NOITE DE VARENNES

Ettore Scola, um dos autores mais importantes do cinema de hoje, dirige um super-elenco para reviver na tela uma noite histórica, decisiva para a Revolução Francesa: o estranho encontro de Luiz XVI e Maria Antonieta com Casanova, o lendário sedutor de mulheres. Superprodução com Marcello Mastroianni, Hanna Schygulla, Jean-Louis Trintignant e Jean-Claude Brialy.



DISPONÍVEIS EM VHS E BETAMAX.



## OCEANO

Mergulhe de cabeça nesta premiadíssima aventura oceânica. Você vai conhecer a emocionante lenda que os habitantes das ilhas da Polinésia contam de pai para filho, como exemplo de coragem e sabedoria. Oceano é mais que uma bela canção ecológica. É um alerta para humanidade. Direção de Fólco Quilici.

**VIDEO**  
**pole**

Polevídeo Comunicações Ltda.  
Show-room e Vendas:  
Rua Pedroso Alvarenga, 1203  
Itaim Bibi - São Paulo CEP 04531  
Tels.: (011) 883-5747  
852-2844 - 64-7041

# Lança sucesso.



# PERDIDOS E ACHADOS

**Amor/humor, terror e furor  
dos caninos em Os Garotos Perdidos**

Santa Clara concentra a maldição, a perdição, a danação, a perversão, a transgressão e a gozação. *Junkies* amortecidos nas calçadas no mormaço do verão americano, *surf-nazis* passeando pelo parque de diversões, concertos de rock à luz de fogueiras, as praias do Pacífico, motocicletas, garotas e vampiros apocalípticos. Para acender o humor nesta poção das trevas com sabor de James Dean, basta acrescentar a família da divorciada Lucy, interpretada por Dianne Wiest (de *Hannah e suas Irmãs*), com seu eterno semblante apanhei-da-vida-mas-não-entrego-os-pontos.

Ao volante de uma perua arrebitada, ela chega a Santa Clara

levando no porta-malas a coragem e nos bancos seus dois filhotes: Michael (Jason Patric), um apetitoso rapaz fazedor de musculação, e Sam (Corey Haim), o mais novo, que regula em idade com os Menudos, mas, em compensação, regula em vivacidade com os heróis infantis de Steven Spielberg. Adora revistas em quadrinhos e não compartilha dos valores morais dos adultos.

Enquanto o irmão mais velho prefere rastrear rabos-de-saia em shows de rock, Sam frequenta livrarias de quadrinhos. O mais velho fareja um bustiê e dá com a fucha na pele de Star (Jami Gertz, coisa de outro mundo), o mais novo lê histórias sobre sugadores do

sangue alheio. A matriarca não perde tempo e dá o bote pra cima de Max (Edward Herrmann), seu patrão. Cada um explora Santa Clara a seu modo, e os três habitam a casa do avô (Barnard Hughes), que é menos tantã do que aparenta.

Acontece que Michael, ao meter-se com Star, enfia-se numa gang de marginais (meio *punk* meio *heavy-metal*) liderados por Kiefer Sutherland (já visto em *Conta Comigo*, a cara do pai, Donald). São delinquentes pactuados com as forças do mal, herdeiros de Drácula e Nosferatu. Acontece, ao mesmo tempo, que Sam, o mais menino, conhece dois vendedores de gibis que vivem por amor à caça aos vampiros. Eles, os caçadores, também faixa etária Menudos, são Edgar Frog (Corey Feldman) e Alan Frog (Jamison Newlander), que fazem caras e bocas de mauzinhos, mauzinhos.

Com o irmão mais velho entre o risco de morrer e o risco de virar sanguessuga, e a mãe *full time* dando em cima (e embaixo) de um namorado esquisito, Sam parte para tomar as devidas providências, no que conta com os préstimos dos Frog. Ele conta ainda com inspirados movimentos de câmera, excelentes fusões de imagens e uma trilha sonora que não deixa a peteca (e nem os caninos) despencar. O ponto alto é "People Are Strange", do Doors, na versão do Echo & the Bunnymen.

Se o espectador pode preparar os dentes para boas risadas — o confronto da pacata rotina familiar com vampiros *teenagers* é de uma comicidade a toda prova —, pode também recauchutar o coração para levar susto sobre susto. O filme tem algumas raízes no *Nosferatu*, da década de 20, mas tem outras em *Os Caçafantasmas*, dos anos 80. Além disso, é parente distante de *Juventude Transviada*, que homenageia com uma corrida de motos que acaba num penhasco à beira-mar, é de *Peter Pan*, de quem é uma (per)versão maligna. Neste tempo de menores abandonados, *Os Garotos Perdidos* é um achado.

Eugênio Bucci

Michael (Jason Patric), o sócio de Jim Morrison é envolvido por vampiros. Sam (Corey Haim), o irmão mais novo, pode salvá-lo







Kiefer  
Sutherland,  
como jovem  
transgressor  
(no detalhe)  
e como vampiro  
que avoa.  
Abaixo, Star  
(Jami Gertz)  
é a musa de  
todos

Warner



Warner

## ASSIM NASCE UM VAMPIRO

Vampiro, avoa! Como Peter Pan ou como morcego ou como Super-Homem. Um pouco de tudo isso, ou isso tudo e mais um pouco, vampiro, avoa! Quando Janice Fischer e James Jeremias escreveram o argumento original, os mortos-vivos sanguessugas não teriam mais do que 14 anos. Aí apareceu o terceiro roteirista, Jeffrey Boam, e reescreveu tudo. O mesmo homem que escreveu Viagem Insólita para Joe Dante e Steven Spielberg elevou a faixa etária para a casa dos 17, 18 anos. Quem mandou foi Richard Donner, o produtor, responsável pela direção de outro rapaz que "avoa", Christopher Reeve, em seu Super-Homem I. (Com 20 milhões de dólares para gastar na produção, Donner tinha bastante autoridade.) Boam, que também é autor do roteiro de A Hora da Zona Morta, não tirou a capacidade voadora que os roteiristas originais tinham dado aos netos de Bela Lugosi, o Drácula dos anos 30.

A Terra do Nunca, a paradisíaca fazenda ilhada de Peter Pan, transformou-se na caverna subterrânea (meio Subway meio castelo abandonado) punk enfeitada com um poster enorme de Jim Morrison. Também cabe a Jeffrey Boam o mérito de ter criado o papel do avô do mocinho Sam, o Grandpa (Barnard Hughes), essencial ao filme.

Os clichês memoráveis das lendas de vampiros no cinema viram piada em Garotos Perdidos. O alho quase nunca funciona, mas a água benta é o mais potente dos ácidos. O capricho maior está em fazer das crianças os guerreiros do bem contra o mal. "Todo o mundo já conhece os elementos básicos do vampirismo", diz Boam. As crianças, talvez, sejam as únicas a levar a sério o que se vê em gibis. Assim, o inimigo do Príncipe das Trevas não é mais o britânico respeitável Peter Cushing, mas alguns pirralhos atrevidos.

Os detalhes técnicos não ficam atrás. Greg Cannom, o vampire maker de Hollywood, responsável, entre outras, pelas malignas transformações na face benigna de Grace Jones, em Vamp, foi chamado meio às pressas. "Achei que o filme seria um desastre", avaliou de início. Errou, é claro. Acabou dando certo. Eles, os vampiros, não voam apenas na tela. Voam também na imaginação apavorada e excitada do espectador. Vampiro, avoa!

*The Lost Boys*, EUA, 1987. DIREÇÃO: Joel Schumacher. ■ Com Jason Patric, Corey Haim, Dianne Wiest, Barnard Hughes, Edward Herrmann, Kiefer Sutherland, Jami Gertz, Corey Feldman. ■ ROTEIRO: Janice Fischer, James Jeremias e Jeffrey Boam ■ EFEITOS ESPECIAIS: Fred Tassaro ■ FOTOGRAFIA: Michael Chapman ■ MAQUILAGEM: Greg Cannon ■ MÚSICA: Thomas Newman ■ PRODUÇÃO: Richard Donner ■ DISTRIBUIÇÃO: Alvorada



# KINGUINHO KONGUINHO

**King Kong II, a despeito do tamanho do macaco, é uma obra desprezível**

Os monstros criados por Carlo Rambaldi (responsável, entre outros, pelo E.T.) resultaram precários, mas conseguem melhores expressões faciais que Brian Kerwin e Linda Hamilton, ao alto

Não é possível! Alguém deve ter sacaneado a produção. Só a sabotagem é capaz de explicar uma coisa tão tenebrosa como este *King Kong*. Em 1933 o monstro foi mesmo grandioso, sob a direção de Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack. Em 1976 ele estava médio, quando voltou às telas pelas mãos do produtor Dino Di Laurentiis e do diretor John Guillermin. Quem realmente encantava o planeta era Jessica Lange, a namorada do super símio. Desta vez o bicho é monstruoso. É o mesmo Guillermin quem assina a direção, mas não só não há Jessica Lange como tudo não saiu atravessado.

O próprio King parece um negócio de pelúcia de terceira com o peito envernizado. Nem mesmo um míope sentado na última fila do cinema, com uma boa vontade maior que o primata, é capaz de enxergá-lo como um ser vivo. O argumento, por sinal, tenta dar vida ao macacão. Ele está num laboratório desde o último filme onde sofrerá um transplante de coração. E sofre. O espectador sofre mais. A dra. Amy (Linda Hamilton) comanda a operação cirúrgica como quem dá ordens a um time de futebol no meio do jogo. Os equipamentos incluem guindastes, andaimes e tesouras e bisturis gigantes. De Itu.

Nisso, o explorador (da paciência alheia) Hank Mitchell (Brian Kerwin), nas matas do Bornéu, encontra uma Kingona Kongona, que é levada para a América. Daí que, recuperado (lamentavelmente) da improvável operação cardíaca, Kingão Kongão sai da UTIzona para namorá-la. É então que entra o exército na tela enquanto a platéia entra bem.

Os dois bichos peludos fogem pra floresta em lua-de-mel e imagi-



ne se a médica não foge atrás e imagine se o explorador (da paciência alheia) não foge junto e imagine se não há na história uma tropa de soldados com tanques e helicópteros comandados por um coronel e imagine se este coronel não usa óculos escuros e um baía charuto na boca de onde irrompem berros tipo "Let's go, boys!". O charuto dele está sempre apagado — é engraçadíssimo. Alguém deve ter sacaneado.

Se alguns empedernidos ainda duvidam de que o homem desce do macaco, ninguém pode duvidar de que a mulher interpretada por Linda Hamilton desce da macaca. Quando ela vê o Kingão transando com a Kingona, no ato, chama o explorador (da paciência alheia) para enfiar-se dentro do saco de dormir dela. Haja saco.

Eugênio Bucci



*King Kong 2*, EUA, 1986 ■ DIREÇÃO: John Guillermin ■ Com Peter Elliot, George Yiasomi, Brian Kerwin, Linda Hamilton ■ ROTEIRO: Ronald Shusett, Steven Pressfield ■ FOTOGRAFIA: Alec Mills ■ MÚSICA: John Scott ■ CRIATURAS: Carlo Rambaldi ■ PRODUÇÃO: Martha Schumacher para Di Laurentiis Entertainment Group ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris



# COLONIZADORA SUBALTERNA

*O ótimo cinema argentino,  
em Miss Mary,  
explora ambigüidades*

Durante a década de 30, uma mulher inglesa de meia-idade desembarca em Buenos Aires para trabalhar de governanta numa casa da burguesia ascendente. Essa mulher é Miss Mary. Ela irá servir a uma família que vem sendo agraciada com as benesses do poder, pois apóia o golpe militar de um certo general Uriburu, que depôs um governo civil e democrático. Como imigrante, Miss Mary procura manter-se o mais distante (e indiferente) possível de tudo a sua volta. Seu novo ambiente, porém, mostra evidentes sinais de decadência. A mãe, histérica, dispara tiros à queima-roupa no meio da noite; a avó passa as horas remexendo em velhas fotos para separar aquelas que são de pessoas já mortas das que ainda estão vivas; o pai e o cunhado se desesperam quando o rádio noticia uma vitória das forças legalistas na guerra civil espanhola.

Nesse antro degenerescente, Miss Mary deve transmitir uma educação sadia para os três filhos do casal. Apesar de sua determinação, ela, aos poucos, vai percebendo que seu trabalho está fadado ao fracasso, pois aquela árvore de raízes corrompidas não produziu bons frutos: as duas filhas menores demonstram claros sinais de distúrbios psíquicos, como reflexo do ambiente familiar.

Revelar a partir desse argumento a atmosfera senil da Argentina dos anos 30 e 40 é apenas uma das facetas deste filme que reafirma o vigor do atual cinema platino. Um conflito paralelo esboça-se na figura da personagem central. Miss Mary é o repositório de uma cruel ambigüidade. Por um lado, ela é cidadã britânica, portanto sente-se

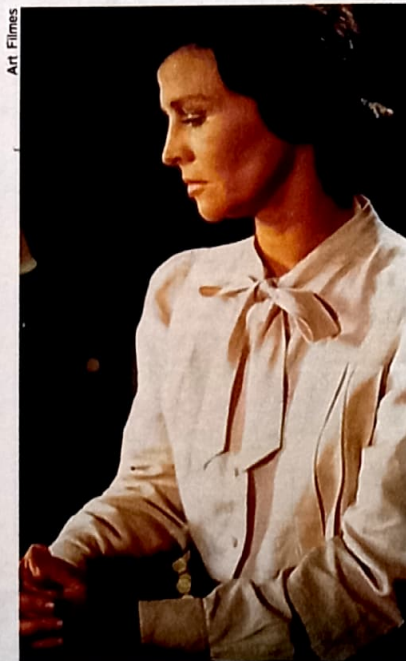
e é vista como colonizadora. Seus contatos com os nativos da região, os gaúchos, são sempre ríspidos. Por outro lado, embora sinta-se numa posição de superioridade, Miss Mary está servindo a uma família: está também numa posição submissa, ainda que esta relação seja totalmente velada. Miss Mary, finalmente, irá experimentar o gosto da decadência moral ao ceder aos apelos amorosos do filho mais velho da família.

Esta história de grande densidade humana tem para o público brasileiro um interesse subjacente. É familiar, no que se refere ao ambiente que se produz no país após um golpe militar, a pequenez de valores das elites etc. O espectador brasileiro com certeza se dará conta da pouquíssima informação que possui sobre essa nação vizinha. De resto, uma irrepreensível interpretação de Julie Christie no papel-título e um bom elenco de atores argentinos coadjuvantes. Em tempo, apenas para registrar uma coincidência: a governanta mais famosa da história do cinema por acaso também se chamava Maria e também teve como intérprete uma atriz cujo primeiro nome era Julie — só que, no caso, era a Andrews, de *A Noviça Rebelde*.

Aldo Meolla



Art Films



Art Films

*Miss Mary  
(Julie Christie),  
à esquerda, entre  
conflitos morais  
e o amor ao  
jovem Johnny  
(Donald  
McIntire),  
ao alto*

*Miss Mary*, EUA/Argentina, 1986 ■ DIREÇÃO: Maria Luisa Bemberg ■ Com Julie Christie, Sofia Viruboff, Donald McIntire, Barbara Bunge ■ ROTEIRO: Maria Luisa Bemberg e Jorge Goldemberg ■ FOTOGRAFIA: Miguel Rodriguez ■ MONTAGEM: Cesar d'Angiolillo ■ MÚSICA: Luis Maria Serra ■ PRODUÇÃO: Gea Cinematográfica ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films



## RITUAL CAPENGA

**Adoradores do Diabo  
aborrece os  
adoradores do cinema**

Depois de *Coração Satânico*, galinhas e rituais ioruba voltam a assombrar a América. O filme não é exatamente o mais inspirado de John Schlesinger (diretor de *Perdidos na Noite*, *Maratona da Morte* e *Darling*, entre outros), embora seu título sempre possa fugar espectadores sedentos de sangue.

A ação se passa em Nova York. Cal Jamison (Martin Sheen, convincente) acaba de enviuvar e se muda para a cidade com seu filho Chris (Larley Cross). Sua recente viuvez, porém, não o impede de se envolver com sua senhoria (a canadense Helen Shaver, de *Desert Hearts*), uma loira despachada que, apesar de seus encantos, não consegue conquistar a criança...

O drama "gente como a gente" logo deixa vislumbrar, à la Polanski, uma teia de terror. Dois meninos são encontrados assassinados sobre altares cobertos de animais sacrificados. O oficial encarregado das investigações (Robert Loggia) desconfia do policial que encon-

trou o primeiro cadáver, um chicano que aparentemente enlouqueceu. Cal, como psicólogo do Depto. de Polícia, é chamado para avaliar a conduta do suspeito. Seu interesse pelo caso acaba conduzindo-o à zona leste do Harlem e a revelações que colocam seus amigos e seu próprio filho em perigo.

A história, contudo, não avança em terreno desconhecido. O roteiro é uma coleção de clichês inofensivos para o vacinado frequentador do gênero — isso quando não se mostra confuso, além de ser francamente racista: nem todos os macumbeiros são negros ou latinos, mas todos os negros e latinos que aparecem em cena são macumbeiros! Entre truques de maquiagem (escassos e normais, comparados ao que os filmes do gênero andam apresentando), desenrola-se o indefectível duelo entre o bem e o mal. Nada que faça o público perder o sono.

Marcel Plasse

*The Believers*, 1987, EUA ■ DIREÇÃO: John Schlesinger ■ Com Martin Sheen, Helen Shaver, Larley Cross, Robert Loggia, Elizabeth Wilson, Harris Yulin, Lee Richardson ■ ROTEIRO: Mark Frost ■ FOTOGRAFIA: Robby Müller ■ DESENHO DE PRODUÇÃO: Simon Holland ■ PRODUÇÃO: John Schlesinger, Michael Childers e Beverly Camhe ■ DISTRIBUIÇÃO: Fox



Fotos Fox



## XERIFE À MODA ANTIGA

**Neo-cowboy e traficantes  
em Limite da Traição**

Uma unidade especial do Exército americano, formada por seis ex-soldados oficialmente dados como mortos em combate, é destacada para uma missão secreta na fronteira do Texas com o México. Na região, onde impera um pesado tráfico de cocaína, a ação policial é chefiada por Jack Benteen (Nick Nolte), um moderno Texas Ranger — na verdade, um tradicional homem da lei, espécie de neo-cowboy.

O contraste entre os métodos e a filosofia do esquadrão especial e o xerife da região é apenas uma das pontas do verdadeiro emaranhado que movimenta a trama deste *Limite da Traição*. Um outro fio do enredo é o que liga o neo-cowboy Jack Benteen ao maior traficante da fronteira, Cash Bailey, seu amigo de infância. Para complicar ainda mais, Jack se sente obcecado porque sua namorada, Sarita, uma cantora de cabaré, já foi amante de Cash.

Neste contexto bizarro, ainda que situado nos limites do plausível, a ação corre solta, pontuada



Columbia

Às voltas com o  
satanismo.  
Martin  
Sheen procura  
seu filho Chris  
(Larley Cross)







Nick Nolte, entre a lei  
e a lady Sarita, a cantora  
de cabaré vivida por  
Maria Conchita Alonso

pelo estilo durão do xerife Jack. É como se o sangue fosse o melhor recurso para costurar a trama. O filme, aliás, tem pequenos ícones de violência dignos de registro, como a cena em que o traficante Cash Bailey esmaga um escorpião com a palma da mão, enquanto um fio de baba escorre pelo canto de sua boca. Nada mau.

Mas a tônica do filme é dada mesmo pelo velho homem da lei, Jack Benteen. O neo-cowboy parece um John Wayne redivivo, deslocado para um outro contexto, que não o do faroeste, o que o torna ainda mais caricato. O filme, aliás, baseou-se parcialmente em depoimentos de um ex-Texas Ranger, Joaquim Jackson.

Para uma história onde convive uma variada galeria de tipos, situações, plots e subplots, até que *Limite da Traição* tem um final acima da média.

Aldo Meolla

*Extreme Prejudice*, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Walter Hill ■ Com Nick Nolte, Powers Boothe, Michael Ironside, Maria Conchita Alonso ■ ROTEIRO: Deric Washburn e Harry Kleiner ■ FOTOGRAFIA: Matthew F. Leonetti ■ MÚSICA: Jerry Goldsmith ■ PRODUÇÃO: Buzz Feitshans para a Tri-Star ■ DISTRIBUIÇÃO: Columbia

## O MARIDO QUE ELA MAIS QUER

*Egípcia antiga viaja no  
tempo para virar Manequim*

Ano: 2514 a.C. Emmy (Kim Cattrall, *Big Trouble in Little China*), uma jovem de Edfus, Egito, tenta fugir dos pretendentes que a mãe arruma. Mas, o que pode a pobre senhora fazer se o Nilo está transbordando, o trigo faltando e o faraó tem hemorróidas? Casar a filha o melhor possível. Corte. Filadélfia de hoje. Jonathan Switcher (Andrew McCarthy, *Pretty in Pink*) é um artista incompreendido. Perfeccionista, perde o emprego na fábrica de manequins, onde constrói uma bela modelo. Um dia ele a vê numa grande loja e, para sua surpresa, ela ganha (forma e) vida através do espírito livre de Emmy, efeito realizável apenas aos olhos do atarantado e apaixonado Jonathan. Assim que outra pessoa se aproxima, no entanto, ela volta a ser um inanimado ma-

nequim. O sujeito fica em situações constrangedoras.

*Manequim* (*Mannequin*), o primeiro longa dirigido por Michael Gottlieb não é nenhuma obra-prima, mas é muito agradável. Em particular pela ligeireza da comédia, cuja força é extraída principalmente dos atores principais, que carregam o filme com uma facilidade incrível.

Esquecendo certos detalhes caustísticos da produção, o filme diverte pelo inusitado do tema. Para as mulheres fica a lembrança de um desfile de modas com a participação da simpática Kim Cattrall.

Elia Thomé de Souza

*Mannequin*. EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Michael Gottlieb ■ Com Andrew McCarthy, Kim Cattrall, Estelle Getty, James Spader, G.W. Bailey, Carole Davis ■ ROTEIRO: Edward Rugoff e Joseph Farrell ■ FOTOGRAFIA: Tim Suhrstedt ■ DESENHISTA DE PRODUÇÃO: Josan Russo ■ MÚSICA: Sylvester Levay ■ PRODUÇÃO: Art Levinson ■ DISTRIBUIÇÃO: Paris Filmes.

Andrew  
McCarthy vai  
dar vida à  
boneca que  
vira Kim  
Cattrall





## AQUELE TOMBO QUE EU LEVEI

*Despretenciosa diversão em O Navegador do Tempo*

David (Joey Cramer) a um passo de levar o maior tombo de sua vida, que o levará a navegar pelo espaço (acima)



Fotos Art Films

Há mais filmes sobre discos voadores de mentira do que pessoas que afirmam ter divisado, na linha do horizonte um desses objetos que voam por aí sem identificação. De verdade. *O Dia em que a Terra Parou*, *E.T.*, *Eram os Deuses Astronautas?* (o documentário mais avoado da galáxia), tem de tudo. *O Navegador do Espaço* é mais um — como disse Noel Rosa naquele samba antigo, “você vai se quiser”. Já o navegador em questão não foi bafejado pelo mesmo dom

do livre-arbítrio: ele não queria e acabou indo.

David Freeman (Joey Cramer, estreante) é um alegre menino de 12 anos que divide as horas de sua rotina entre brigar com seu irmão Jeff (Robert Snall) de 8 anos e jogar *frisbee* com o cachorro Bruzzer — que é péssimo no jogo. Uma noite, num pequeno bosque ao lado de sua casa no subúrbio de Dallas, Texas, ele despenca numa vala, onde perde a lanterna e a consciência. Quando recobra a segunda, volta correndo pra casa e de lá vai parar na polícia. Assim, de um tombo, ele viajou no tempo. Quando caiu dentro da vala, era 1978. Quando saiu de lá, era 1986.

O problema é que David continua o mesmo frangote de 12 anos. Aos poucos ele reencontra sua mãe Helen (Veronica Cartwright) e seu pai Bill Freeman (Cliff de Young) horrivelmente envelhecidos e angustiados pela perda do filho. Seu irmão Jeff já tem seu jeito de moçoilo (o ator é Matt Adler) e o cachorro Bruzzer aprendeu a jogar *frisbee*. Atônito, nem David nem ninguém consegue explicar o inexplicável sumiço. É aí que ele vai parar na Nasa.

Acontece que, no mesmo lugar onde David levou seu tombo de oito anos, foi achada uma nave espacial em formato de uma concha e com a cor metálica de uma pára-choque de Oldsmobile. Os técnicos da Nasa logo percebem a ligação entre a concha niquelada e o garoto. David, ligado a computadores, passa inconscientemente aos monitores inúmeros diagramas eletrônicos, o desenho detalhado

do aspecto externo da nave encontrada, e mapas estelares desconhecidos dos cientistas. Ao mesmo tempo, a nave que está num angar a 100 metros de David, na Nasa, emite telepáticos pedidos de socorro. O esperto garoto vai até lá e vira o grande navegador, seja no céu, seja no posto, seja no pasto. Impagável a cena em que ele dá uma paradinha num posto de gasolina para telefonar. Bucólica a estacionada no pasto para fazer xixi.

Na verdade, todas aquelas informações que, sem saber, ele traz no cérebro, terão muita serventia para a nave — um inacreditável misto de alienígena, robô, disco voador. Você já viu tudo, com certeza. Mas, como “você vai se quiser”, dificilmente se arrependerá de ter ido. Despretencioso e divertido, *O Navegador do Espaço* é mais um tento marcado pelos Estúdios Disney. O diretor Randal Kleiser (o mesmo de *Lagoa Azul* e *Grease* — *Nos Tempos da Brilhantina*) não é nenhum gênio da raça, mas um excelente profissional. A censura é livre, mas nenhum adulto se sente excluído da festa. Todo mundo faz figa pelo navegador.

Eugênio Bucci

*Flight of the Navigator*, EUA, 1986 ■ DIREÇÃO: Randal Kleiser ■ Com Joey Cramer, Veronica Cartwright, Cliff de Young ■ ROTEIRO: Michael Burton e Matt McManus, baseado no conto de Mark H. Baker ■ FOTOGRAFIA: James Glennon ■ MÚSICA: Alan Silvestri ■ EFEITOS ESPECIAIS: Peter Donen ■ PRODUÇÃO: Robby Wald e Dimitri Villard ■ DISTRIBUIÇÃO: Art Films



# VÍDEO O SUCESSO

A I VÍDEO TRADE SHOW está amarrando as pontas do setor de lazer e cultura que mais se desenvolve no país, hoje com três milhões de aparelhos de vídeo-cassete.

**De 4 a 9 de março de 1988,  
Palácio das Convenções  
Anhembi.**

A I VÍDEO TRADE SHOW é uma feira de negócios, de compras e vendas, ponto de encontro entre a oferta e a procura do mercado de vídeo: produtoras, distribuidoras, revendedoras, indústria de equipamentos e fornecedores de acessórios e serviços para vídeo. Tudo voltado para as 4.500 locadoras/vídeo-clubes de todo o Brasil e para o público consumidor final - o vídeo-maniaco que põe o grande mercado a funcionar.



patrocínio:

**U.B.V. UNIÃO BRASILEIRA DE VÍDEO**

apoio oficial:

**FEBRAVÍDEO**

**FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE VÍDEO COMUNICAÇÃO**



# PECADO GELADO

**Ritmo Quente não consegue aquecer a imaginação em terra de carnaval**

Fotos Alvorada



*Ritmo Quente* tem sido uma verdadeira mina de ouro para seus criadores: na bilheteria, desde que estreou nos Estados Unidos, em agosto passado, o filme coletou 55 milhões de dólares, uma enxurrada de público (adolescente, na maioria) que mereceu a atenção de revistas como *Time*, *Newsweek*, *People*, *Life* e jornais, do sisudo *The New York Times* ao festeiro *The Los Angeles Times*. A grana garantiu à produtora, a Vestron Pictures, a vantagem de ser dona do filme independente mais bem-sucedido de todos os tempos. A trilha sonora ocupou o primeiro posto na lista dos mais vendidos da revista *Billboard* durante nove semanas consecutivas, resultado de vendas acima de três milhões de cópias. Em *home video* o filme tem repetido o mesmo desempenho que teve nas salas de exibição. E já se fala numa segunda trilha sonora de *Ritmo Quente*, com músicas que ficaram fora da primeira compilação.

Resumindo toda essa barafunda cheia de números e cifras, *Ritmo Quente* é um sucesso, daqueles com *S* maiúsculo. Mas toda essa inflação de estatísticas, toda a ba-

dalação que cerca o filme significam que ele seja ao menos bom? Não! Com *N, A, O, Til* maiúsculos, grifados e em corpo 36. Não! *Ritmo Quente* é uma bomba.

Para americano babão, reprimido, ingênuo e entorpecido por um moralismo tacanho tão antigo quanto a própria Constituição dos Estados Unidos, *Ritmo Quente* é um prato cheio de perdição e luxúria: garotinha tipicamente judia/americana (Jennifer Grey), fortemente protegida pelos pais do "selvagem mundo que está lá fora", vai com a família passar uma temporada de verão num balneário do interior. O ano é 1963 e a garotinha, apesar de ter sido batizada Frances, só é chamada de Baby — ou seja, é o xodozinho de mami e papi. No tal balneário, Baby conhece um dançarino profissional (Patrick Swayze), contratado para animar as noites musicais dos hóspedes. Ele é um gostosão que, nos intervalos, faz michê com as madames solitárias e estribadonas. Baby — é lógico! — se envolve com o garanhão bailarino e entrega a ele a virgindade que os pais tanto tentaram preservar, mas não



*Jennifer, santinha, se apaixona pelo conquistador Patrick Swayze e dança*



sem antes se atracar com seu galã em danças lúbricas e insinuantes demais para aquela época.

Baby envergonha a família — ooohhh! — publicamente — duplo ooohhh! —, causa a demissão sumária do dançarino amante — bem feito! — e, quando todo mundo já está erguendo a cruz de madeira onde a perua safadinha será pendurada... todo mundo faz as pazes num baile não tão castinho assim, não tão sacana assim do qual participam vilões e mocinhos, brancos, pretos, burguesia, proletariado, classe média, tudo botando os iá-iás pra fora. Rebolado pra cá, rodopio pra lá, a saia levanta e revela os coxões, beijo final... e cai o pano!

Lembre agora que você nasceu no Brasil, terra voluptuosa por natureza, onde coxas, bundas e peitos à mostra são regulamentares praticamente durante o ano inteiro, onde sarro é tão casual quanto dizer "tudo bem", onde qualquer noção de "dança pecaminosa" (o *dirty dancing* do título original) despica espetacularmente diante do Carnaval, onde Jocasta e Édipo se beijam na boca em horário nobre da TV. Portanto, *Ritmo Quente* — por mais que exiba corpos se esfregando à guisa de dança — é pinto para nós (sem trocadilhos). Se visto exclusivamente sob a ótica de filmes a respeito dos costumes de uma época em que o povão americano se desreprimiu (o que é diferente de desbundar ou soltar a franga, mas que, para os padrões deles, foi uma baita mudança de comportamento), Janete Clair, Aguinaldo Silva e até Dias Gomes dão de dez a zero no roteiro. Como filme musical, de dança, perde feio para *Os Embalos de Sábado à Noite*, que pelo menos tinha o frescor de uma reportagem atual (ainda que romantizada) sobre uma mudança de comportamento que estava rolando ali, naquela hora.

Tudo bem: a sequência de abertura — em câmera lenta, preto e branco, com imagens de danças reverberando ao ritmo de *Be My Baby*, das Ronettes, fisga você. É bem-bolada, tem ginga, sedução até. Mas a partir do momento em que o filme vira pastiche malfeito



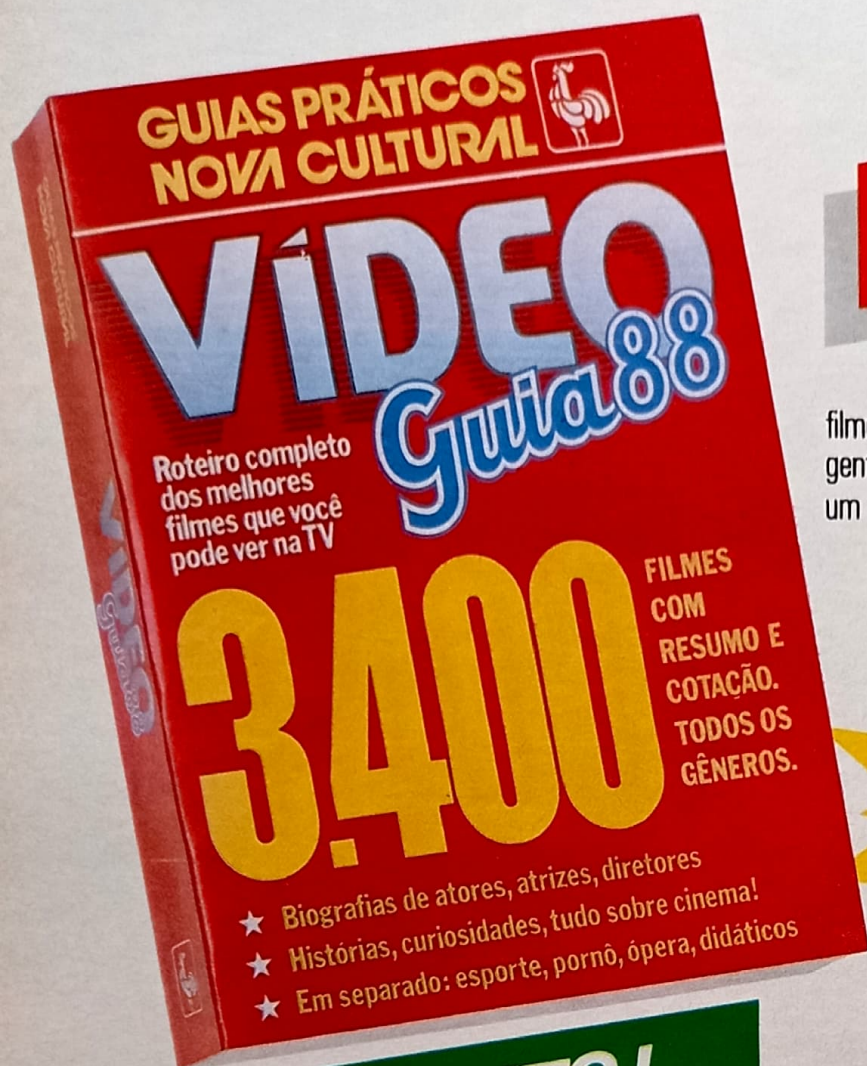
de todos os filmes de dança, juventude e anos 50/60 já feitos — sem esquecer que há um *Romeu e Julieta* na prosódia —, engolindo sem ter mastigado direito tudo que vá de *Juventude Transviada* a *American Graffiti*, de *West Side Story* a *Nos Tempos da Brilhintina*, *Ritmo Quente* é intragável.

José Emílio Rondeau, de Los Angeles

*Dirty Dancing*, EUA, 1987 ■ DIREÇÃO: Emile Ardolino ■ Com Patrick Swayze, Jennifer Grey, Jerry Orbach, Cynthia Rhodes ■ ROTEIRO: Eleanor Bergstein ■ FOTOGRAFIA: Jeff Jur ■ MÚSICA: Jimmy Lenner e John Morris ■ COREOGRAFIAS: Kenny Ortega ■ PRODUÇÃO: Linda Gottlieb para a Vestron Pictures ■ DISTRIBUIÇÃO: Alvorada



# UMA PUBLICAÇÃO DEFINITIVA SOBRE FILMES E VIDEOCASSETES!



**NOVO!**

Finalmente, uma publicação definitiva sobre filmes e videocassetes. É o guia mais completo, mais abrangente e mais variado, criado especialmente para quem curte um videocassete ou goste de ver filmes pela televisão.

**ADQUIRA  
JÁ O SEU!**

**COMPLETO!**

**Vídeo Guia 88** traz milhares de verbetes que orientam você sobre os filmes que estão nas locadoras ou na programação das emissoras de TV. E mais: ficha-filme com o país, ano de filmagem, diretor e artistas principais. Tudo isso, além de conselhos práticos de como conservar o videocassete, lista de distribuidores, dezenas de índices e mais... muito mais!

**DIFERENTE!**

**Vídeo Guia 88** é resultado de uma intensa pesquisa, coordenada por um especialista: **Luciano Ramos**, além de outros críticos importantes como: **Luiz Nazário, Edmar Ferreira, Jairo Ferreira, Orlando Fassoni** e outros! **Vídeo Guia 88** traz, ainda, biografias, fofocas, novidades técnicas, curiosidades e outras matérias interessantes.

**VÍDEO  
Guia 88**

**O seu videocassete está precisando de um!**

**Um lançamento**





# OS CAMINHOS DO MAR

Habitat natural de tubarões, piratas, sereias e ameaças variadas, o mar sempre apareceu na literatura como um reino de mistérios e perigos e o pano de fundo ideal para intrigas, romances e experiências inconcebíveis em terra firme. As águas dissolvem a rotina e poucos escapam à sua sedução, como bem sabiam os antigos gregos na infância da humanidade. O cinema, herdeiro narrativo dos antigos romances, continua levando para milhões de espectadores as paixões e as angústias motivadas pelo balanço das ondas. As águas já provocaram diversas obsessões na história do cinema: em alguns casos, elas são o pretexto para duelos psicológicos no interior de um submarino avariado; em outros ilustram a rixa do homem com a natureza; o amor que não existe em lugar algum ou a esperança de refazer a sociedade e reconstruir uma vida que não existe em terra firme. Do mar de plástico de Federico Fellini ao clima de danação infernal dos *disaster movies*, do humor imortal de Jacques Tati ao Amazonas de Werner Herzog, testemunha de feitos grandiosos e inúteis, há de tudo nesses 30 vídeos selecionados.

A água é o elemento básico. Subam a bordo e boa viagem. Mas não esqueçam os botes salva-vidas!





## ANIMAÇÃO

### ARGONAUTAS

(União Soviética)

Direção: Alexandra Snijko-Blotzkaya. Roteiro: Alexei Simukov. Sunshine Video.



As imortais aventuras extraídas da mitologia grega num bem realizado desenho soviético. O navio Argo parte com seu valente comandante Jasão para apoderar-se do Tosão de Ouro. Na viagem pelo Mar Egeu, os marujos lutam contra tempestades e resistem aos encantos das sereias. Personagens como Hércules, Orfeu e Medéia

comparecem na história. A fita em vídeo contém também as histórias: *A Raposa e a Ave*, *O Tratamento de Vassili*, *Confusão*, *Perseguição* e *O Lobo e o Carneiro*.

### DOT E A BALEIA

(Dot and The Whale, Austrália, 1986)

Direção: Yoram Gross. Transvídeo.

Mistura de desenho animado e filme dirigido exclusivamente às crianças precocemente samaritanas. Menininha viaja pelo fundo do mar a procura de ajuda para uma baleia que está encalhada na praia. Não conseguindo, ela apela para uma turma de garotos, afinal, a união faz a força. O único problema é o olho gordo do peixeiro. Não fossem algumas belas imagens reais de baleias e congêneres, o filme não seria mais que bem-intencionado.

## AMOROSOS

### BAÍA DO ÓDIO

(Alamo Bay, EUA, 1985)

Direção: Louis Malle. Com Amy Madigan, Ed Harris, Ho Nguyen.

Na região pesqueira do Texas, os pescadores locais começam a criar problemas quando refugiados vietnamitas vão se estabelecer lá concorrendo com a pesca. Shang não se dá bem com a esposa e tem um romance com uma amiga, filha do homem que está empregando os orientais. Como de praxe, Louis Malle faz um filme bem-intencionado que toca em feridas profundas como já fizera em *Menina Bonita* e *Lacombe Lucien*, mas dessa

vez com um resultado bastante frio e superficial ao analisar a intolerância racial.

### LAGOA AZUL

(The Blue Lagoon, EUA, 1980)

Direção: Randal Kleiser. Com Brooke Shields, Christopher Atkins.

Fotogênico, açucarado e discretamente erótico, o filme tem palpitado milhares de corações adolescentes desde seu lançamento. Um casal de crianças, filhos de naufragos, fica isolado numa paradisíaca ilha de cartão-postal nos mares do sul. Quando o menino e sua apetitosa companheira começam a crescer, todos ima-

ginam o que acontece: apaixonam-se e o resultado é um filho. Vivem como Adão e Eva antes da expulsão do Éden. Mas a beleza do casal não disfarça sua absoluta incompetência para atuar. A ninfeta Brooke Shields foi dublada nas cenas de nudez. Irrecorrível para adultos e para diabéticos.

### ULISSES

(Ulysses, Itália, 1954)

Direção: Mario Camerini. Com Kirk Douglas, Silvana Mangano, Anthony Quinn, Rossana Podestà. Look Vídeo.



No filme *Ulisses*, baseado em *A Odisseia*, de Homero, o mar é um reino de mistérios, perigos e sedução que atormentam o herói. Após a Guerra de Troia ele passa dez errantes anos, enquanto sua fiel esposa, Penélope, o espera. É um dos poucos filmes bem-feitos sobre o tema, com grande beleza fotográfica e complexidade psicológica. Ulisses chega sem memória a um reino desconhecido e toda a sua aventura marítima vai sendo relatada em *flashback*: a luta contra o cíclope Polifemo, sua resistência ao canto das sereias, amarrando-se ao mastro do navio, e o encontro com a bruxa Circe (Silvana Mangano, que também interpreta Penélope).

### SPLASH, UMA SEREIA EM MINHA VIDA

(Splash, EUA, 1984)

Direção: Ron Howard. Com Daryl Hannah, Tom Hanks, John Candy.

O jovem novaiorquino Allen, irmão do gorducho

Freddie, encontra na praia uma estranha garota chamada Madison e fica apaixonado quando ela aparece em sua casa, após criar muita confusão aparecendo nua perto da Estátua da Liberdade. Allen não sabe quem ela é nem de onde veio e a gata nem sabe falar. E precisa? É a felicidade, em meio a sua rotina urbana babaca. Quando era menino, Allen viu uma sereiazinha embaixo d'água num dia em que quase morreu afogado. Madison aprende um pouco de inglês pela TV e dá muito vexame ao comer lagostas num restaurante fino, numa cena impagável dessa bem realizada comédia romântica. Madison é a sereia e não pode ser molhada que seu rabo cresce. A ciência não quer deixá-la em paz, mas Allen é capaz de morrer afogado por sua paixão. Quem não seria, com uma sereia como Daryl Hannah?

### MENINO DO RIO

(Brasil, 1982)

Direção: Antonio Calmon. Com André De Biase, Cláudia Magno, Cláudia Ohana. Globo Vídeo.



O mar azul e a juventude dourada da zona sul carioca. Os amores, os problemas familiares e o dia-a-dia de um típico adolescente, loiro com um dragão tatuado no braço. A busca da liberdade, simbolizada pelo voo em asa delta e a tentativa de um equilíbrio perfeito sobre uma prancha de surf. O diretor Antonio Calmon faz bastante onda, mas não consegue tornar expressiva essa *love story* videoclipada, ritmada pelas canções de Lulu Santos, Guilher-

me Arantes e Nelson Motta. A preguiça do verão carioca de 40 graus deve ter contaminado o elenco, pois o filme não deslancha. Para assistir de *rayban* e bermuda.

### O RIO DO DESESPERO

(The River, EUA, 1984)

Direção: Mark Rydell. Com Mel Gibson, Sissy Spacek, Scott Glenn. CIC.



As águas, aqui, correm ocultas. Raramente são explícitas: às vezes aparecem nas enchentes pavorosas, às vezes nas paisagens afetivas, ao entardecer, com o rio calmo ao fundo. Mas, na maior parte da fita, elas correm à margem. À margem do pequeno sítio de Tom Garvey (Mel Gibson) e Mae Garvey (Sissy Spacek) e seus dois filhos. Eles lutam contra as tempestades destruidoras, contra os caudalosos juros bancários dos empréstimos, que já superam o valor das terras, e contra a gana torrencial de especuladores inescrupulosos que pretendem construir uma usina hidrelétrica no vale. Sissy, entre o amor a Mel Gibson e as investidas amorosas e econômicas do especulador Joe Wade (Scott Glenn), administra a plantação de milho, enquanto o marido vai trabalhar por algumas semanas numa fábrica para arranjar mais alguns dólares. Embora ocultas, as águas dão o ritmo da narrativa em vários planos. A violência das chuvas transborda na violência dos personagens, a tranquilidade do rio em seu nível normal sustenta as cenas de amor ao cair do sol, os dias claros e de céu limpo transmitem alegria e confiança. Um espetáculo dramáti-



co, com excelentes atores (inclusive as crianças), que flui comovente como um rio, alternando momentos de turbulência com cenas de caudalosa afetividade.

## ELE, O BOTO

(Brasil, 1986)

Direção: Walter Lima Jr. Com Carlos Alberto Ricelli, Cássia Kiss, Ney Latorraca. Transvídeo.



Filho de boto, peixinho é. Segundo o cardápio do folclore brasileiro, ele, o boto, é capaz de se transformar

em homem, seduzir e engravidar mulheres à beira-mar (ou seria beira-rio?). E o filho dele, o peixinho? Esse nasceu homem, virou peixe e foi atirado no rio (ou seria no mar?). Ela, a caicara (Tereza/Cássia Kiss), vive com a irmã mais nova (Corina/Dira Paes) numa casa tosca de pescador brasileiro. Orfãs de mãe, carentes de pai (Ruy Polanah) e exploradas por Rugino (Ney Latorraca). Ele, o monopolista, se apropria das terras e de Cássia Kiss, ex-Boto. E Carlos Alberto, o Ricelli, ele, o próprio, aparece como um malandro sedutor, estereótipo nacional, doublê de Macunaíma e libertário dos desejos femininos. Sucesso de público, crítica, e Walter Lima Jr. (Inocência e Lira do Delírio) preparou o filme a partir de uma estória da atriz Vanja Orico, de 1956, quando Lima Barreto escreveu um roteiro nunca filmado.

## AVENTURA

### A JÓIA DO NILO

(The Jewel of the Nile, EUA, 1985)

Direção: Lewis Teague. Com Michael Douglas, Kathleen Turner, Danny DeVito.

Tudo começa na idílica Costa Azul. O aventureiro Jack Colton (Michael Douglas) e a escritora Joan Wilder (Kathleen Turner) estão iniciando mais uma mirabolante história com muita ação na mesma trilha do anterior sucesso da dupla *Tudo por uma Esmeralda*. As férias do casal são interrompidas por Omar, ditador de um pequeno estado árabe, que convida Joan a testemunhar a sua consagração divina. Por trás da consagração há muita tramóia que a dupla vai desmascarar arriscando bastante a pele. A meta é salvar a *Jóia do Nilo*, que possui poderes mágicos. Aventura de tirar o fôlego.

### O BARCO

(Das Boot, Alemanha, 1981)

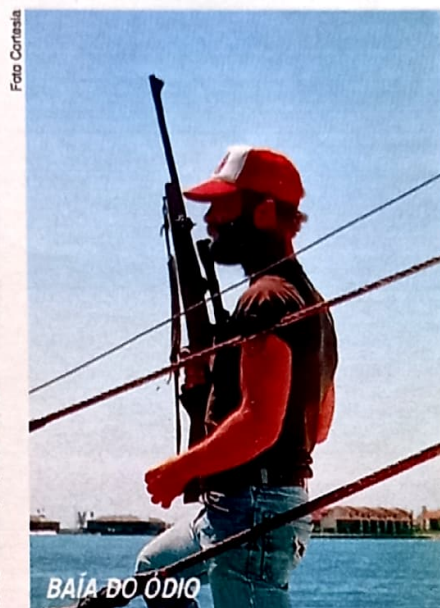
Direção: Wolfgang Petersen. Com Jurgen Prochnow, Herbert Grönemeyer, Klaus Wennemann.

O cineasta alemão Wolfgang Petersen tornou-se bastante conhecido pelo filme *A História Sem Fim*, ficando com o apelido de Spielberg alemão. Mas em seu filme anterior *O Barco* nada possui do otimismo spielberguiano. É uma história tensa e violenta sobre um episódio da Segunda Guerra. O U-96, um dos submarinos enviados por Hitler para missões perigosas, vai para a região da França ocupada e sua tripulação começa a sentir o gosto do inferno: o confinamento demorado nas profundezas do mar, o perigo, o medo... Acossado pelo poderoso inimigo, o navio é obrigado a descer 800 pés,



A LAGOA AZUL

Columbia



BAÍA DO ÓDIO



O BARCO

Columbia



O RIO DO DESEPERO

Universal



ELE, O BOTO

Embrallino

### SPLASH, UMA SEREIA EM MINHA VIDA



UP



excedendo os 300 estipulado pelos construtores, numa das cenas de grande suspense.

## A ILHA

(The Island, EUA, 1980)  
Direção: Michael Ritchie. Com Michael Caine, David Warner, Angela Punch McGregor. Cic.



Triângulo das Bermudas: mais de 600 barcos perdidos por ano. Isso é um serviço para Michael Caine no papel de um destemido repórter de revista. Com o seu filho a tiracolo, que gosta muito de revólver e que, afinal, está em período de férias, lá vai o repórter investigar o caso *in loco*. Ele pretende matar duas araias com uma ferroada só: levar seu menino a passear e solucionar o mistério. Nas primeiras cenas, inúteis turistas americanos, em pescarias insossas, somem a golpes de lanças, facas e machados, durante a noite, quando atracam perto da costa. O repórter Caine, de óculos, filho e revólver novo, logo na sequência, vai atrás dos "desaparecidos" de barcos. Que mistérios o mar esconde desta vez?

## JUGGERNAUT, INFERNO EM ALTO-MAR

(Juggernaut, EUA, 1974)  
Direção: Richard Lester. Com Richard Harris, Omar Sharif e David Hemmings. Fazer um confortável cruzeiro num luxuoso transatlântico pode significar o início de momentos infernais de tensão. Esse é o motivo condutor de filmes do gênero Poseidon. *Juggernaut* é dessa

safrá: um maníaco que se intitula Juggernaut ameaça explodir um navio com 1 200 pessoas e exige um enorme resgate para evitar a ação criminosa. É considerado um dos melhores *disaster movie* já realizados pela excelente direção do inglês Richard Lester, famoso de filmes como *Help* e *Petúlia*. Lester consegue transformar um argumento bobo numa trama assistível, com clima de suspense e grande dose de humor.

## MORTE SOBRE O NILO

(Death on the Nile, Inglaterra, 1978)  
Direção: John Guillermin. Com Peter Ustinov, Bette Davis, Mia Farrow. VTI.



Os segredos milenares do rio Nilo e toda a paisagem exótica da terra dos faraós servem de moldura para um intrincado mistério a ser solucionado pelo mordaz detetive Poirot, criação da escritora Agatha Christie. Antes de Poirot descobrir quem assassinou a jovem milionária num cruzeiro pelo Nilo, novas e misteriosas mortes vão se sucedendo. A produção do filme é primorosa ao reconstituir os anos 30 e o elenco inclui muitos figurões. Mas o estilo da escritora inglesa perde muito na tela, e o filme funciona mais como uma gostosa viagem pelo Nilo, do que como um bom mistério.

## RESGATE SUICIDA

(North Sea Oil Hijack, Inglaterra, 1979)

Direção: Andrew V. Laglen. Com Roger Moore, James Mason, Antony Perkins. Cic.



O personagem principal do filme é o Mar do Norte com suas imponentes torres de petróleo. Um criminoso maluco e capaz de qualquer coisa (Antony Perkins, para variar) seqüestra um navio, com seus companheiros, após entrar disfarçado de jornalista, e ameaça explodir a valiosa plataforma "Ruth" pedindo em troca um resgate ao governo britânico, a ser pago em 24 horas. O governo de Sua Majestade entra em ação mais para defender seu valioso petróleo, do que para salvar as pessoas, e tenta negociar com os bandidos com muita tensão em alto mar. A interpretação dos três cobras (Roger Moore, Antony Perkins e James Mason) é uma delícia. Roger Moore interpreta um oficial excêntrico, que gosta de uísque e gatos e detesta mulheres, e dirige a operação com humor e sangue frio.

## TUBARÃO IV

(The Last Shark, Itália, 1987)  
Direção: Enzo G. Castellari. Com James Franciscus, Vic Morrow, Micky Pignatelli, Stefania Girolami. D.I.V.



Filme que inaugura um novo gênero no cinema: o tubarão-spaghetti, já que o diretor,

parte dos atores e produção são italianos. Considerando isso, era de se esperar muita ação e catchup, mas os primeiros três quartos do filme limitam-se a imitar o *Tubarão* original. Basta olhar para a cara do Vic Morrow! Olhem e digam se não é o Robert Shaw ressuscitado: o mesmo bigode, o mesmo boné e o jeito de sabe-tudo.

inescrupuloso prefeito não quer causar pânico para não estragar sua campanha eleitoral, e apesar de haver um monstro à solta, não impede que uma regata de windsurf aconteça. O resto vocês já sabem. Ainda assim, o final apresenta algumas surpresinhas. Bem, quem não tem *Tubarão*, caça com *Tubarão IV*.

# CATÁSTROFE

## S.O.S. TITANIC

(Grã-Bretanha, 1979)  
Direção: William Hale. Com David Janssen, Cloris Leachman, Susan Saint James e David Warner.

Média produção britânica que pretende mostrar o naufrágio do Titanic tal como realmente foi. Para isso baseou-se em fatos e depoimentos reais. A primeira metade do filme promove o habitual desfile de tipos humanos e seus pequenos problemas pessoais. Formase um microcosmo: há os ricos, há os médios, há os pobres, mas não botes salvas-vidas suficientes para todos. Na segunda metade é que confirmamos isso. Toda a alegria e esperança num mundo novo (estão indo para Nova Iorque) vai por água abaixo quando o mar engole o "inafundável" colosso. O filme não é ruim, mas, se por acaso não estiverem gostando, lembrem-se: mulheres e crianças primeiro.

## O DESTINO DO POSEIDON

(The Poseidon Adventure, EUA, 1972)  
Direção: Ronald Neame. Com Gene Hackman, Carol Lynley, Ernst Borgnine, Shelley Winters.

O ano começa mal para os passageiros do transatlântico Poseidon. Durante o bailinho de reveillon, uma

gigantesca onda atinge o navio acabando com a festa e virando-o de cabeça para baixo. Alguns passageiros tentam escapar subindo até o casco com o navio inundado. Os perigos dessa ação e as brigas entre eles mantêm uma boa trama, com destaque para o simpático papel da veterana Shelley Winters, que chega a mergulhar com todo seu peso. É considerado o melhor *disaster movie* já realizado e ganhou um Oscar pelos efeitos especiais. Mas a catástrofe mesmo foi a continuação do filme, chamada *Dramático Reencontro no Poseidon*.

## S.O.S. SUBMARINO NUCLEAR

(Gray Lady Down, EUA, 1978)  
Direção: David Greene. Com Charlton Heston, David Carradine. CIC.



O oceano e seu peso insondável. A 444 metros de profundidade, gravemente danifica-



do após uma tola colisão na superfície, um submarino nuclear americano aguarda socorro. No comando dos sobreviventes, o capitão Paul (Charlton Heston de barba e, aparentemente, laquê nos cabelos). Para salvá-lo, o corajoso capitão Gates (David Carradine, o Kung Fu), dentro de um aparelhinho que mergulha fundo. A pequena gerin-gonça está para o submarino nuclear avariado como uma romiseta está para as carretas de Comboio. Já passou na TV,

algumas vezes. A versão le-gendada está satisfatória. Uma catástrofe que prende o espectador como os marinhairos enlatados no fundo do mar. Uma bela narrativa sobre a difícil tarefa de coman-dar homens, tanto embaixo d'água, no submarino conde-nado, como em cima dela, no navio que tenta coordenar o resgate. Detalhe: atenção para Christopher Reeve, o popular Super-Homem, fazendo uma ponta na sala de comando da operação. Em cima da água.

## CLÁSSICOS

### LIMITE

(Brasil, 1931)

Direção: Mário Peixoto. Com Olga Breno, Taciana Rei, Raul Schnoor, D.G. Pedrera. Globo Vídeo.



Um balé de ondas que se chocam musicalmente. Três naufragos limitados pelo espaço de um barco à deriva no oceano ao som de Satie, Ravel e Debussy. Duas mulheres e um homem: três destinos vagando num barco onde começa e onde termina *Limite*, único filme de Mário Peixoto, a obra-prima do cinema brasileiro. Em férias no litoral carioca, o adolescente Mário (que estudava na Inglaterra) realizou essa que é uma das experiências mais radicais já realizadas pelo cinema. Lembra bastante o cinema simbólico realizado pelas vanguardas européias. Homenageado num artigo por Serguei Eisenstein, o filme foi restau-

rado, mas seu final original se perdeu. As seqüências que restaram desse passeio existencial pelo oceano, lançadas em vídeo recentemente, provocam saudades de um tempo perdido em que o cinema brasileiro foi genial, e fazem babar os cinéfilos dos anos 80.

### AS FÉRIAS DO SR. HULOT

(Les Vacances de Monsieur Hulot, França, 1953)

Direção: Jacques Tati. Com Jacques Tati, Nathalie Pascaud, Michele Rolla. Globo Vídeo.



Um dos mais brilhantes co-mediantes do mundo, o francês, neto de russos, Jacques Tati, criou gags inteligentes e sensíveis que só encontram paralelos em gênios como Charles Chaplin e Buster Keaton. Sua maior obra é o palhaço patético sr. Hulot: enorme, desajeitado, meias quadri-



MORTE SOBRE O NILO



O DESTINO DO POSEIDON



RESGATE SUICIDA



A ILHA



culadas, calças pula-brejo, cachecol e cachimbo, que vai passar as férias na província balneária de Saint-Mare-sur-Mer e transforma o local pouco a pouco num absurdo, com suas trapalhadas à beira-mar. O filme é uma sequência de episódios autônomos, e o humor francês de Hulot geraria outros filmes como *Meu Tio*, *Tempo de Diversão* e *As Aventuras do Sr. Hulot no Tráfego Louco*.

## CAIÇARA

(Brasil, 1950)

Direção: Adolfo Celi. Com Eliane Lage, Carlos Vergueiro, Mário Sérgio. Globo Vídeo.



O filme é a primeira produção da Cia. Cinematográfica Vera Cruz, surgida em 1949, que pretendia criar um cinema brasileiro em bases industriais, com a participação de muitos profissionais europeus, como o ator e diretor italiano Adolfo Celi, que dirigiu o filme. A produção do filme em Ilhabela levou aproximadamente seis meses, com violentas brigas entre Celi e Alberto Cavalcanti, o diretor da Vera Cruz. *Caiçara* (termo que designa o caipira praiano) destacou-se na época pelo grande apuro técnico. O filme, uma ingênua *love story* no litoral, apresenta cenas clássicas como o idílio entre Eliane e Mário ao som da Pedra do Sino, e os trabalhos da simpática macumbeira Dona Felicidade.

## 20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

(Twenty Thousand Leagues

*Under the Sea*, EUA, 1954)  
Direção: Richard Fleischer. Com James Mason, Kirk Douglas, Peter Lorre.

Nas profundezas do oceano vive o estranho capitão Nemo e sua invenção: o Nautilus, um navio que anda embaixo d'água e guarda vários tesouros criados pelo cérebro humano, como livros e pinturas valiosas. O escritor Julio Verne criou o personagem Nemo, inventor de uma energia misteriosa que im-

pulsiona o Nautilus, mantendo-o em segredo que somente o futuro viria a conhecer. Verne, um dos pais da ficção científica, não previu apenas a existência do submarino. Previu também a viagem ao centro da terra, a viagem à Lua e a espaçonave. Fartamente utilizado pelo cinema, gerou poucas obras do nível desse clássico de Fleischer, sobretudo pela interpretação de James Mason como o fascinante Nemo.

## EXISTENCIAIS

### FITZCARRALDO

(Alemanha, 1982)

Direção: Werner Herzog. Com Klaus Kinski, Claudia Cardinale, José Lewgoy. Transvídeo.



Realizado na Amazônia, com a participação de atores brasileiros numa produção tumultuada, que exigiu várias alterações no projeto original, Fitzcarraldo tem os traços inconfundíveis do cinema do diretor germânico: culto ao heroísmo individual, clima hipnótico, protagonista excêntrico etc. O rei da borracha, Brian S. Fitzgerald (chamado de Fitzcarraldo pelos índios), é maníaco por Enrico Caruso e quer construir uma ópera em Iquitos, em plena selva, mesmo que para isso tenha que passar um navio por cima de uma montanha, e é exatamente isso que ele faz, para pegar a borracha de uma região inexplorada. Fitzcarraldo é como Herzog: ambos não voltam atrás quando querem materializar um delírio. O filme soa às

vezes artificial e irregular, mas são magistrais certas tomadas, como as do rio Amazonas chocando-se contra o barco de Fitzcarraldo ao som da música do Popol Vuh.

### A COSTA DO MOSQUITO

(Mosquito Coast, EUA, 1986)

Direção: Peter Weir. Com Harrison Ford, Helen Mirren, River Phoenix.

Existencial sem dúvida, mas nada de filme parado ou reflexivo. Trata-se de uma aventura eletrizante.

Para o escritor Paul Theroux, que escreveu o romance *A Costa do Mosquito*, o mar na região antilhana conduz a um Novo Mundo. Mais exatamente: um mundo a ser construído segundo a utopia do inventor Allie Fox (Harrison Ford no ponto alto de sua carreira), que troca o *american way of life* pela vida inóspita. Robinson Crusoe voluntário do século XX, Allie não se conforma com os rumos tomados pela civilização e resolve viver entre plantas e animais, levando mulher e filhos a tiracolo. O australiano Peter Weir discute com talento a briga entre a civilização e a natureza, e entre Deus e a Ciência. Mas, ao contrário dos bons mocinhos Tarzan e Robinson Crusoe, seu personagem é um paranóico, um doi-

do varrido que quer recomendar tudo da estaca zero. Pelas barbas de Netuno!

### E LA NAVE VA

(Itália, 1983)

Direção: Federico Fellini. Com Freddie Jones, Barbara Jefford, Victor Poletti

Uma maravilhosa viagem de mentira sobre um mar de plástico. O luxuoso transatlântico Glória N. parte de Nápoles e viaja pelo Mar Adriático em busca da ilha onde terá nascido Edmea Tetua, cantora de ópera cujo último desejo é ter as cinzas espalhadas ao redor de sua terra. O extravagante ritual tem a participação de aristocratas, artistas, maestros, cantores e toda a fauna felliniana. Um jornalista assume o lugar de Fellini e conduz a absurda ação, apresentando os personagens. Tudo em 1914, às vésperas da Primeira Guerra, e um dos tripulantes pode até ser o servo-croata que assassinou o arquiduque Ferdinando, acendendo o estopim da guerra. Os tripulantes cantam para uma platéia de maquinistas e um rinoceronte apaixonado viaja a bordo. Um sensível estudo sobre o patético e vaidoso ser humano.

## O MARINHEIRO QUE CAIU EM DESGRAÇA COM O MAR.

(The Sailor Who Fell from Grace with the Sea, Inglaterra, 1976)

Direção: Lewis John Carlino. Com Sarah Miles, Kris Kristofferson, Jonathan Kahn. Globo Vídeo.

Para o escritor japonês Yukio Mishima, que praticou o *seppuku* (suicídio ritual) em 1970, o marujo está preso ao mar e faz parte da ordem perfeita das coisas. O filme, baseado no livro *O Marinheiro que Perdeu as Graças do Mar*, conta o *affair* entre uma linda viúva e um comandante que surge misteriosamente com seu navio. O filho único da viúva quer um dia ser marujo e enfrentar as tempestades, e faz parte de uma estranha sociedade secreta de meninos. Essa é uma obsessão do soldado e escritor japonês Mishima, que também fez parte de uma milícia secreta, a "Sociedade do Escudo", junto com a qual cometeu seu sangrento suicídio após subjugar um quartel de Tóquio.

## PIRATAS

### A ILHA DO TESOURO

(Treasure Island, EUA, 1950)

Direção: Byron Haskin. Com Bobby Driscoll, Robert Newton. Clássico da literatura infanto-juvenil adaptado por Walt Disney. A trama aventureira de Robert Louis Stevenson transformada num filme cheio de ação e bem ambientado. A Grã-Bretanha de 1765 e seus piratas que navegavam pelos sete mares atrás da riqueza. Um velho capitão morre e transmite a um menino o segredo de um baú cheio de ouro e um mapa do

tesouro de uma nau que naufragou. A perigosa correria atrás do tesouro não tarda, envolvendo o menino e seus amigos e o pirata Cão Negro. Uma diversão imortal com piratas da perna de pau regada a rum pelos mares bravios.

### PIRATAS

(Pirates, França/Tunísia, 1986)

Direção: Roman Polanski. Com Walter Matthau, Cris Campion, Damien Thomas, Charlotte Lewis. VTI.

O feio Capitão Red e seu grumete Sapo estão na costa



de Maracaibo em uma frágil jangada e são recolhidos pelo galeão Netuno. No porão, há o lendário trono de Kapatek-Anahuac de ouro maciço. Red organiza um plano para roubar o tesouro asteca. Com uma impecável reconstituição visual — que inclui uma réplica de um galeão espanhol do século XVII —, custando 8 milhões de dólares, o filme do diretor polonês é uma cara brincadeira que homenageia os antigos filmes do gênero com o humor repugnante que só Polanski possui. A cena do rato que os heróis comem no prato provoca ânsia. Apesar de bem produzido, o filme fica enfadonho e sem graça com o desenrolar da trama e dá saudade do Polanski irônico e complexo de *O Bebê de Rosemary* e *Chinatown*.

## O PIRATA DAS ILHAS SELVAGENS

(Savage Islands, EUA, 1985)  
Diretor: Edward Miller. Com Michael O'Kiefe, Tommy Lee Jones, Max Phipps. Cic.

Meio comédia, meio thriller. Em tempos da Primeira Guerra Mundial, piratas e corsários aventureiros como os de muitos séculos atrás. Muito mar, ilhas paradisíacas, garotas bonitinhas e tentadoras, tribos selvagens e mercadores de escravos.

Dois jovens vão se casar numa ilha selvagem e dedicar-se à tediosa vida de missionários. Na hora da cerimônia, um assalto de bandoleiros das águas põe tudo a perder. Ou a ganhar. A aventura começa. Um banho.

Seleção: Antonio Querino Neto. Resenhas: Antonio Querino Neto, Eugênio Bucci e Daniel Benevides.

Os vídeos selados, foram cedidos pela locadora Rentacom (826-4399).



CAIÇARA

Vera Cruz



FITZCARRALDO

Filmverlag der Autoren



A COSTA DO MOSQUITO

Sipa Press



PIRATAS

Fox



E LA NAVA VÁ



20 000 LÉGUAS SUBMARINAS

Gaumont

UIP



## DOIS VOLUMES ESSENCIAIS

**A História do  
Cinema ganha um  
duplo reforço**

Muito blablablá e pouca memória, os males do cinema brasileiro são. Em terra de heróis sem caráter, saúvas e doenças, quase não há documentação. No campo do cinema, as latas de celulóide apodrecem, e grassa a verborragia ensaística desinformada. São isoladas as tentativas de recuperar os fatos, os nomes, os números, as datas.

Em 1978, vale lembrar uma louvável iniciativa do jornal *O Estado de S. Paulo*, em co-edição com a Secretaria de Cultura paulista, publicou a *Filmografia do Cinema Brasileiro (1900-1935)*. O excepcional levantamento do professor Jean-Claude Bernardet enumera ano a ano todos os longas e curtas, documentários ou ficcionais. O leitor descobre, por

exemplo, que em 1910 há o registro de 85 títulos e que um deles, um filme "cantante", *O Sonho de Valsa*, já antecipava o nome que Ana Carolina deu ao seu último filme, no ano passado.

Foi também no ano passado que o crítico Fernão Ramos, 30 anos, colaborador de SET, presenteou a historiografia do cinema brasileiro com dois livros. O primeiro, lançado pela editora Brasiliense, *Cinema Marginal* (1968/1973), 160 páginas, vem aclarar uma fase tão recente quanto obscura da produção nacional. Obras como *Câncer*, de Glauber Rocha, *O Bandido da Luz Vermelha*, de Sganzerla, ou *Jardim de Guerra*, de Neville d'Almeida, constituem, segundo o autor, um movimento de traços comuns em sua temática. Um impulso criativo do cinema contra as condições políticas e culturais do país gerando filmes que, a princípio, parecem não se enquadrar em corrente alguma. O texto de Fernão Ramos, no entanto, é essencialmente crítico e interpretativo, e vai além da pura filmografia. O leitor, entretanto, irá se ressentir da ausência de índice. De fato, é uma falha editorial imperdoável num livro documental.

A mesma falha não existe em *História do Cinema Brasileiro*, 556 páginas, da Art Editora. Em capa dura, o volume se compõe de sete módulos de autores diferentes. Desta vez, Fernão Ramos não escreveu todo o livro. Ele assina a organização do volume (que inclui uma filmografia com os 450 títulos mais significativos, um índice onomástico e um índice de filmes) e um dos módulos históricos, exatamente o que trata dos novos rumos do cinema brasileiro.

Eugênio Bucci

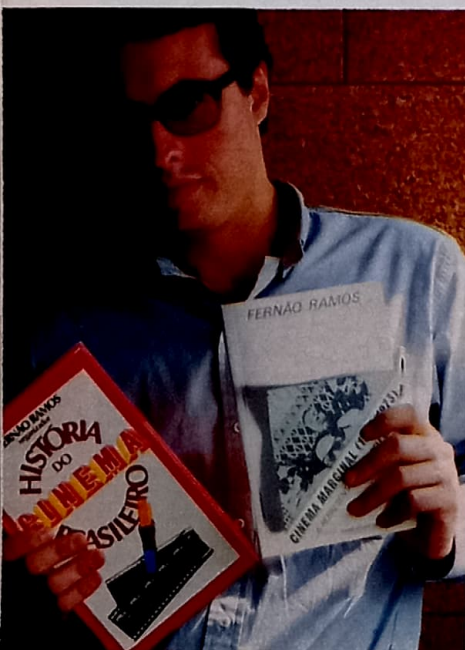
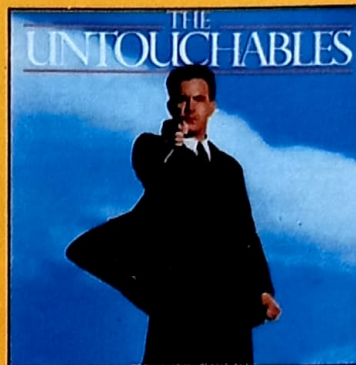


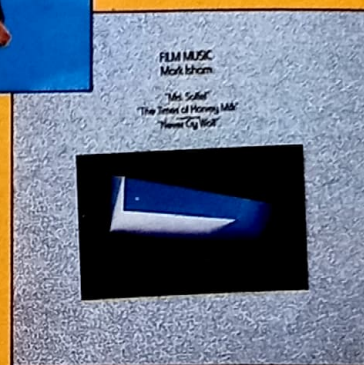
Foto R. Tucci / Azuli



**Na foto  
maior, Fernão  
Ramos;  
ao lado,  
o livro de  
Bernardet**



## TRILHAS



### OS INTOCÁVEIS Polygram

Certamente, poucos desconhecem as superpopulares trilhas sonoras compostas pelo maestro italiano Ennio Morricone que tornaram-se marca registrada dos "western-spaghetti" com seus assobios e sua melodia exuberante, na linha da música do filme *The Good, the Bad and the Ugly*. Muitas delas serviram de fundo para telenovelas, pois Morricone, que já assinou mais de 50 composições para cinema, entre as quais a trilha dos filmes *Era Uma Vez na América* e *A Missão*, que lhe valeu uma indicação para o Oscar de 1987, é um dos mais populares e requisitados músicos de cinema.

Na música do filme de Brian De Palma, *Os Intocáveis*, reconhecemos de imediato a assinatura de Morricone pelo intenso colorido e forte apelo emocional. O tema principal é uma marcha eufórica e grave que retrata de cara todo o heroísmo incorruptível dos homens de Elliot Ness. Sucedem-se composições de cunho nitidamente italiano, ligadas ao personagem Al Capone, e muitas citações do clima musical dos anos 30. O destaque do disco

que fica na memória é o tema ligado ao protagonista Elliot Ness, de intenso lirismo.

Antonio Querino Neto

### FILM MUSIC Polygram

O disco contém as composições de Mark Isham realizadas para três filmes: *Mrs. Soffel*, que é estrelado por Diane Keaton e Mel Gibson e não foi lançado no Brasil, *The Times of Harvey Milk* e *Os Lobos Não Choram*. O som criado por Mark Isham caracteriza-se pelo farto uso da eletrônica casada com inventivas orquestrações acústicas.

A música de *Mrs. Soffel* é hipnótica e orientalizante, produzindo um clima altamente contemplativo. Um plano desenha o lírico tema principal repetitivo, seguido por sintetizadores, violinos e cordas. No curta *The Times of Harvey Milk* também há uso de sintetizadores e um trompete solo o tema principal. Para o filme *Os Lobos Não Choram*, um grande sucesso no Brasil, Isham usa uma orquestração bastante variada que inclui flautas de bambu, harpas e um coral, sob a regência do maestro Mark Adler.

A.Q.N.





Rock? Não importa onde seja: Nova Iorque, Tóquio, Rio, Brasília, Berlim ou Liverpool. Onde tem rock tem um repórter da revista Bizz cavando uma entrevista exclusiva, uma declaração polêmica ou irreverente, um furo de reportagem. Bizz chega junto com as maiores revistas de rock do mundo e traz todas as notícias em primeira mão. Sempre com aquele visual e o nível de informação que você gosta de encontrar. Para saber tudo o que acontece pelo mundo do rock, embarque na revista Bizz.



  
 EDITORA  
 AZUL

**TODOS OS MESES NAS BANCAS**

**O ROCK VIAJA DE BIZZ**



# COLEÇÃO



## Esportes Mundiais

EM VIDEOCASSETE

### MOTOCROSS CAMPEONATO MUNDIAL 500 cc



### MOTOCROSS CAMPEONATO MUNDIAL DE 500 cc.

Você vai ver em sua casa as melhores cenas de todas as pistas e percursos da competição mundial de cross. Vai conferir seqüências incríveis, como a do circuito de Citadel, em Namur na Bélgica, onde os melhores pilotos do mundo alcançam as estrelas.

Duração: 60 minutos.

ACIDENTES FANTÁSTICOS E PROVAS MALUCAS



### HAVOC 6 ACIDENTES FANTÁSTICOS E PROVAS MALUCAS

Os acidentes mais fantásticos e as provas mais malucas que aconteceram no automobilismo mundial durante a temporada de 1984, 85 e início de 86. HAVOC 6 leva para sua casa uma hora de emoção com 180 acidentes que você nem vai acreditar.

Duração: 60 minutos.



### PARIS-DAKAR RALLY 1987



### PARIS - DAKAR RALLY 1987

Você vai ver em sua casa o mais famoso rally do mundo. Carros, caminhões e motos encaram os 13.000 quilômetros de prova com todo tipo de obstáculo e dificuldade. Cruze o deserto com eles e conheça as inúmeras histórias de coragem, garra e habilidade de homens que superaram seus próprios limites.

Duração: 90 minutos.

Faça já o seu pedido pelo telefone, ou envie o cupom ao lado para a Abril Vídeo.



abril vídeo

R. Coropé, 186 - Caixa Postal 11044 - CEP 05499 - São Paulo - SP  
Tel: (011) 285-1276/288-8242

#### Representantes em todo Brasil:

ARACATUBA SP (0186) TEL. 23-3528/ARARAQUARA SP (0162) TEL. 36-0453/BAURUR  
SP (0142) TEL. 23-2890/BELO HORIZONTE MG (031) TEL. 335-6940/CAMPO GRAN-  
DEMS (067) TEL. 624-0165/CURITIBA PR (041) TEL. 254-6607/FLORIANÓPOLIS SC (0482)  
TEL. 22-6819/FORTALEZA CE (085) TEL. 223-3546/GOIÂNIA GO (082) TEL.  
223-5384/220-1996/ILHÉUS BA (073) TEL. 231-1010/2664/1718/IMANAUS AM (092) TEL.  
234-816/123-8881/PORTO ALEGRE RS (0512) TEL. 34-4700/RECIFE PE (081) TEL.  
222-3241/RIBEIRÃO PRETO SP (016) TEL. 624-1117/RIO DE JANEIRO RJ (021) TEL.  
325-9403/9990/9424/SÃO LUIZ MA (098) TEL. 221-1500/5416/235-1964/TERESINA  
PI (086) TEL. 222-8322/VITÓRIA ES (027) TEL. 223-6942

Quero receber os vídeos nas quantidades indicadas:

VHS/OTDE BETA/OTDE

\_\_\_\_\_ COLEÇÃO COMPLETA  
\_\_\_\_\_ HAVOC 6  
\_\_\_\_\_ MOTOCROSS CAMP. MUNDIAL 500 cc.  
\_\_\_\_\_ RALLY PARIS DAKAR 1987

☐ Cheque anexo (nominal à EDITORA ABRIL S/A e cruzado)  
Cheque nº \_\_\_\_\_ Banco nº \_\_\_\_\_ Valor Cz\$ \_\_\_\_\_  
☐ Autorizo o débito direto em meu cartão de crédito.\*  
nome do cartão \_\_\_\_\_ número \_\_\_\_\_ validade \_\_\_\_\_  
☐ Faturamento 30 ddi (pessoas jurídicas sujeito à cadastro)\*  
Pessoa Física \_\_\_\_\_  
Pessoa Jurídica \_\_\_\_\_  
CGC/CIC \_\_\_\_\_ Insc. Est. \_\_\_\_\_  
Endereço: \_\_\_\_\_  
Tel: \_\_\_\_\_ CEP: \_\_\_\_\_ Cidade: \_\_\_\_\_ Estado: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
Assinatura \_\_\_\_\_ Preços válidos até 29/02/88 \*Frete por conta do cliente

**Preços:** Coleção Completa  
Cz\$ 15.000,00

Fitas Avulsas: Cz\$ 5.560,00

**Desconto:** 15% mais frete grátis nos  
pagamentos com cheque anexo.



por Wilson Cunha

# A MARCA DA MALDADE

(Touch of Evil, 1958)

Foi um impacto. Orson Welles descendo do carro, a câmera baixa, Marlene Dietrich surgindo ao som da pianola, Janet tão distante dos capas e espadas da Universal (com o marido Tony Curtis) são imagens que, mesmo sem eu saber, ficariam impressas na minha filmoteca afetiva. Desde a primeira vez, nos anos 50, devo ter visto *A Marca da Maldade* umas vinte vezes. E, a cada sessão, foram surgindo detalhes dando ao filme sua indiscutível qualidade de obra-prima — sem dúvida o melhor de Orson Welles. Por mais que Hollywood tenha pretendido mexer no trabalho de Welles, desde o admirável plano sequência de abertura até o sensível fecho, eis um filme inesquecível.

Depois de curtir a construção dos planos, a forma de narrar, tudo extraordinariamente envolto pela fotografia de Russell Metty, li um dia que a participação de Marlene Dietrich era muito mais especial do que eu podia imaginar. Dietrich foi visitar Welles durante as filmagens e acabou ganhando o papel de Tanya: alguém surgindo do passado, um passado que não deve ser lembrado — mas impossível de esquecer. E é assim que

Marlene surge: o som de uma pianola atrai Hank Quinlan (Orson Welles) ao *saloon* de Tanya. É Welles ao encontro da amiga Dietrich — tão fatal quanto somente Joseph von Sternberg foi capaz de torná-la —, a cumplicidade fora das câmeras projetando-se na tela. Uma cumplicidade implacável. “Você continua linda”, diz-lhe Quinlan. “Você está um trapo”, lança Marlene depois de uma daquelas insuperáveis tragadas em uma cigarri-lha. Quase ao final de *Maldade*, eles se reencontram. “Você estava lendo as cartas”, resmunga Quinlan, “Leia o meu futuro”. Marlene levanta os olhos e despeja: “Você não tem futuro”. O desfecho está próximo.

O regime de forças em *A Marca da Maldade* tornou-se elemento profundamente marcante para mim quando o revi na época negra da ditadura. Em Hank Quinlan a personificação do poder absoluto capaz de tudo corromper absolutamente; em Mike Vargas (Charlton Heston), policial mexicano que tem sua condição terceiro-mundista a todo momento esfregada na cara, a esperança (mais do que a certeza) de derrubar o Dragão da Maldade. Quinlan planta provas para descobrir culpados, Vargas (não soa familiar o nome?) procura salvar quem julga inocente. “Quem manda, o policial ou a lei?”, pergunta Vargas a Quinlan, tentando derrubar a supremacia do policial sobre a lei. “O trabalho de um policial só é fácil em um estado policial.” Não esqueçam, por favor, de levar essa informação ao pessoal do Centrão, tão preocupado com a Segurança do Congresso...

Era uma sequência aparentemente boba: Susie Vargas (Janet Leigh) vê-se abordada inicialmente por Pancho (Valentin de Vargas);

de repente sente-se cercada por um bando de mexicanos. Um dia, dei um pouco mais de atenção à cena e percebi a desenvoltura de Leigh naquele pequeno momento de ligação, um dos ritos de passagem do cinema, a forma como dizia seu texto, a destreza em contracenar com um Akim Tamiroff (no papel do criminoso Joe Grandi), este ator excepcional. E surtiu, então, outra e renovada fonte de prazer: acompanhar o jogo dos atores. Nunca Orson Welles terá conseguido dirigir tão bem um elenco — desde si mesmo até as participações sentimentais de Zsa Zsa Gabor, Joseph Cotten ou Mercedes MacCambridge.

A ironia demolidora, por exemplo. Depois de assassinar Grandi/Tamiroff, Quinlan sai do quarto do hotel e a câmera revela um aviso: “Não esqueceu nada?” Quinlan esqueceu. Na ânsia de salvar a quem julga inocente, Vargas (a partir da certeza, dele e nossa, espectadores, de que Quinlan está forjando um culpado) destrói seu opositor americano, apenas para descobrir que, desta vez, o inocente era mesmo o criminoso.

Mágico, prestidigitador, adorando a criatividade fora do sistema — e a lei oferecendo sua belíssima alegria *F for Fake/Verdades e Mentiras* —, Orson Welles se recusa a julgar Quinlan. “Era um policial ordinário”, diz dele na última sequência Marlene Dietrich. Quase 30 anos depois da primeira visão, revendo *A Marca da Maldade* para este artigo de final de década, acho que ainda não estudei direito a utilização da trilha sonora de Henri Mancini. Mas o espaço acabou... 

Jornalista, crítico, atualmente Wilson Cunha é diretor da Divisão de Cinema da Rede Manchete e está preparando o livro *Cinema e Poder* (Brasíl, de 64 a 84)

Marlene Dietrich, a fatalíssima Tanya





## INTOCÁVEIS

Gostaria de parabenizar a SET pelo artigo sobre o filme *Os Intocáveis*, que estava realmente sensacional! Gostei muito do jeito com que foi escrito — detalhadamente, com muito estilo, classe e descrevendo muito bem os atores e o diretor. Me delicieei lendo e relendo o artigo, vendo e revendo o filme.

Priscila Moura  
(Rio de Janeiro — RJ)

## CORREIO

Myong Hyun Jung quer receber dados, fotos ou posters do ator Tom Berenger, de *Platoon*. Endereço: Rua Marechal Deodoro, 2162. Centro. São Bernardo do Campo — SP. CEP 09710.

*Hiperespaço*, "o melhor fanzine brasileiro de ficção científica", que existe há quatro anos e conta com 300 assinantes. Quem quiser se juntar a eles deve escrever para César Ricardo Tomás da Silva, Caixa Postal 375, CEP 09001, Santo André — SP.

## PLATÉIA FEMININA

Vocês deveriam se preocupar mais com o público feminino da revista. Na SET 5, na interessante matéria sobre os vampiros do cinema, diz o articulista: "Mais recentemente, o vampiro interpretado por Chris Sarandon arranca suspiros da platéia feminina..." Por que, então, vocês não publicam sequer uma foto do incrível e apaixonante Chris, quando é

isso que milhares de fãs estão esperando? Em vez disso, vocês publicaram aquelas fotos manjadíssimas do Christopher Lee e outros. Sou sócia do fã-clube de Chris Sarandon, que já conta com mais de seis mil associadas.

Elisabeth Martins  
(Santos — SP)

*A opção foi privilegiar os contos mais antigos. Não falarão oportunidades para a face perversa de Sarandon, brevemente.*

## INVENÇÃO

Agora já sei por que Lumiére criou o cinematógrafo: ele estava prevendo que o seu invento viraria mania mundial e que em 1987 surgiria a revista SET.

Elton Ferreira de Oliveira  
(Salvador — BA)

## FICÇÃO CIENTÍFICA

Não posso concordar com a crítica do filme *Trancers — O Exterminador do Século XXIII* publicada na SET 5. Parece-me que houve um grande erro de interpretação da articulista em relação ao filme e à proposta de sua produtora, a Empire Pictures. O objetivo não é realizar obras-primas de ficção científica, mas satirizá-las e dar nova roupagem a alguns dos mais antigos e manjados clichês do gênero. Se em *Trancers* isso não ficou claro, basta lembrar o igualmente excelente *A Visão do Terror*, que, através de truques e efeitos feitos em casa, satirizava estereótipos comuns a filmes como

*E.T., Alien* e *Os Invasores de Corpos*, sem falar nos velhos seriados de ficção da TV.

Eduardo Axelrud  
(Porto Alegre — RS)

## ERRAMOS

1. Na SET 6, a ficha técnica do filme *Gilda* diz que a montagem é de Hugo Friedhofer, mas na verdade é de Charles Nelson, conforme apontou o leitor Abdala Avelaneda Nader, de Presidente Prudente — SP. A música é que é de Friedhofer.

2. Na seção Em Cartaz da SET 5, a ficha técnica de *A Hora da Zona Morta* diz que o filme é de 1987. Errado. O filme é de 1983, como observou o leitor Michel Goldflus, de São Paulo.

3. A matéria sobre vídeos políticos publicada na SET 7 saiu sem assinatura. A seleção dos vídeos e a coordenação do texto ficou a cargo de Antonio Querino Neto, colaborador especial da SET.

4. Na seção Vídeo Lançamentos da SET 5, há um erro na crítica do filme *Miami Vice — O Filho Pródigo*. Este filme não é o piloto da série de TV, como está escrito. O filme-piloto tem o título *Miami Vice*, e também existe em fita selada distribuída pela CIC, de acordo com a observação da leitora *Clarisse Koelz Ruschel*, de Porto Alegre — RS

*Cartas para: Editor da SET, av. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, São Paulo — SP. Todas as cartas serão respondidas pelo correio. As publicadas nesta seção, por motivos de espaço, poderão ser resumidas.*



EDITORA AZUL

Editor e Diretor:  
VICTOR CIVITA

Diretoria  
Angelo Rossi  
Edgard de Silvio Faria  
Roberto Civita

# SET

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Diretor de Grupo: Carlos Arruda

### REDAÇÃO

Editor: Eugênio Bucci  
Assessor Especial: Alex Antunes  
Secretário de Redação: Dilson P. Gomes  
Redação: José Geraldo Couto  
Assistente de Redação: Walter Silva

### ARTE

Editor de Arte: Michel Spital  
Chefe de Estúdio: Daise Bitinas  
Diagramadores: Maria Amélia de Azevedo, Paulo Fernando Zahorczak, Renato Yada  
Arquivo e Pesquisa de Fotos: Cidval Heredia

Atendimento ao Leitor: Marisa Adán Gil  
Correspondentes: José Emilio Rondeau e Ana Maria Bahiana (Los Angeles), Pepe Escobar (Milão), Cesar G. Lima e Silvano Michelino (Paris), Eva Joory (Londres)

### COLABORADORES

Texto: Aldo Meolla, Antonio Querino Neto, Bia Abramo, Celso Salles Pucci, Daniel Benevides, Daniela Baudouin, David França Mendes, Eduardo Guimarães, Eliana Thomé de Souza, Evany Leal de Castro (tradução), Fernão Ramos, João Batista Magalhães, Lara Pinheiro, Leon Cakoff, Lou Ramos, Luis Tadeu Correia da Silva, Marcel Plasse, Marcia Regina Godoy, Milu Leite, Tato Coutinho, Thomas Pappou, Walter Silva, Wilson Cunha

Arte: Angelo Asson, Celso Heredia  
Fotos: Cicero P.R., R. Tucci, Sylvio Sirangelo  
Revisão e Preparação de Textos: Edmundo Juarez Filho

Diretora Responsável: Liège de Lima Dória Castelli

### PUBLICIDADE

Diretor: Carlos Alberto F. de Araújo  
Gerente: Julio Cesar Ferreira  
Contatos: Arthur de Oliveira Neto, Wilson Roberto Spamer (São Paulo), Elza Marques (Rio)  
Produção Gráfica/Publicidade - Gerente: Edna K. Bungo

### Serviços Editoriais

Abril Press: Judith Baroni (gerente); Escritórios - Milão: Rita de Luca, International Business Centre, Corso Europa, 12, Phone: 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano, Telex: 313585 e 332809; Nova York: Odilio Licetti, Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y. 10165, Telex: 237670, Phone: (212) 557-5990/5993; Paris: Pedro de Souza, 33, Rue de Mironesnil, 75008 - Paris, facsimile: 42.66.13.99, Phone 42.66.31.18, Telex ABRILPA 660731

Departamento de Documentação - Dedoc - Gerente: Aula Rojas Barreto - av. Otaviano Alves de Lima, 4400, São Paulo, SP, Telex: (011) 22115

Serviços Fotográficos - Gerente: Pedro Martinelli

### COMERCIAL

Diretora: Vera Helena Mirandez Gomes  
Gerente de Produto: José Carlos Boldarine  
Gerente de Circulação: Gilberto Finotto Gil  
Promoção: Vani de Pleri (SP), Fernando Mendonça (RJ)

### EDITORA AZUL

Diretores: Carlos Arruda, Nivaldo Montingelli, Pedro Frazão e Vera Helena Mirandez Gomes  
Diretor Escritório Rio: Carlos Alberto F. de Araújo

SET é uma publicação da Editora Azul S.A. São Paulo - Redação, Publicidade e Correspondência: r. Marquês de São Vicente, 1771, CEP 01139, tel.: (011) 826-6777. Telegramas: Editabril/Abrilpress. Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 8.º ao 11.º andares, CEP 22290, tel.: (021) 546-8282, Telex: (021) 22674, Telegramas: Editabril/Abrilpress. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Lda., Quinta Pau Varais, Azinhaga dos Fetais, 2685, Camarate, Lisboa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas; se for procurado por alguém, denuncie-o às autoridades locais. Circulação desta revista, fevereiro. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: DINAP - Estrada Velha de Osasco, 132, Jardim Teresa, 06000, Osasco, SP. Temos em estoque somente as seis últimas edições. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela DINAP - Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo. Fotolito: Lastri S.A. Indústria de Artes Gráficas

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.



**"RONIN representa um salto gigantesco no progresso criativo de Miller. Nesta revista, ele exhibe um uso mais maduro da diagramação e uma corajosa experiência em estilo e arte-final. Estou ansioso pelo resto da série!"**

**WILL EISNER (O grande criador de SPIRIT)**

**"Inovador monumental na arte da narrativa nos quadrinhos - Frank Miller, com Lynn Varley, cria uma obra deslumbrante e carregada de sensualidade."**

**GEORGE PEREZ (Criador e desenhista de HQ )**

**"Quando um novo desenhista surge e fascina as pessoas com seu trabalho, ele é chamado um "cobra". Quando este mesmo desenhista finaliza seu próprio trabalho, conferindo-lhe honestidade, integridade e identidade, ele é chamado um artista completo. Quando este mesmo artista desenha, finaliza, escreve e supervisiona toda a realização de um produto, criando um fenômeno revolucionário na indústria dos quadrinhos, ele é chamado Frank Miller, e o produto é chamado RONIN."**

**BILL SIENKIEWICZ (Um dos maiores ilustradores de HQ da atualidade)**

© 1988 DC Comics Inc.

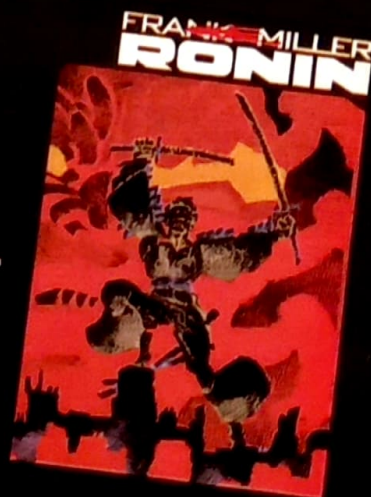
# RONIN

By **Frank Miller**

**MINI-SÉRIE DE LUXO EM QUADRINHOS  
6 EDIÇÕES MENSAIS - FORMATO ESPECIAL**

**O n.º 1 já está nas bancas.**

**Você não pode perder.**

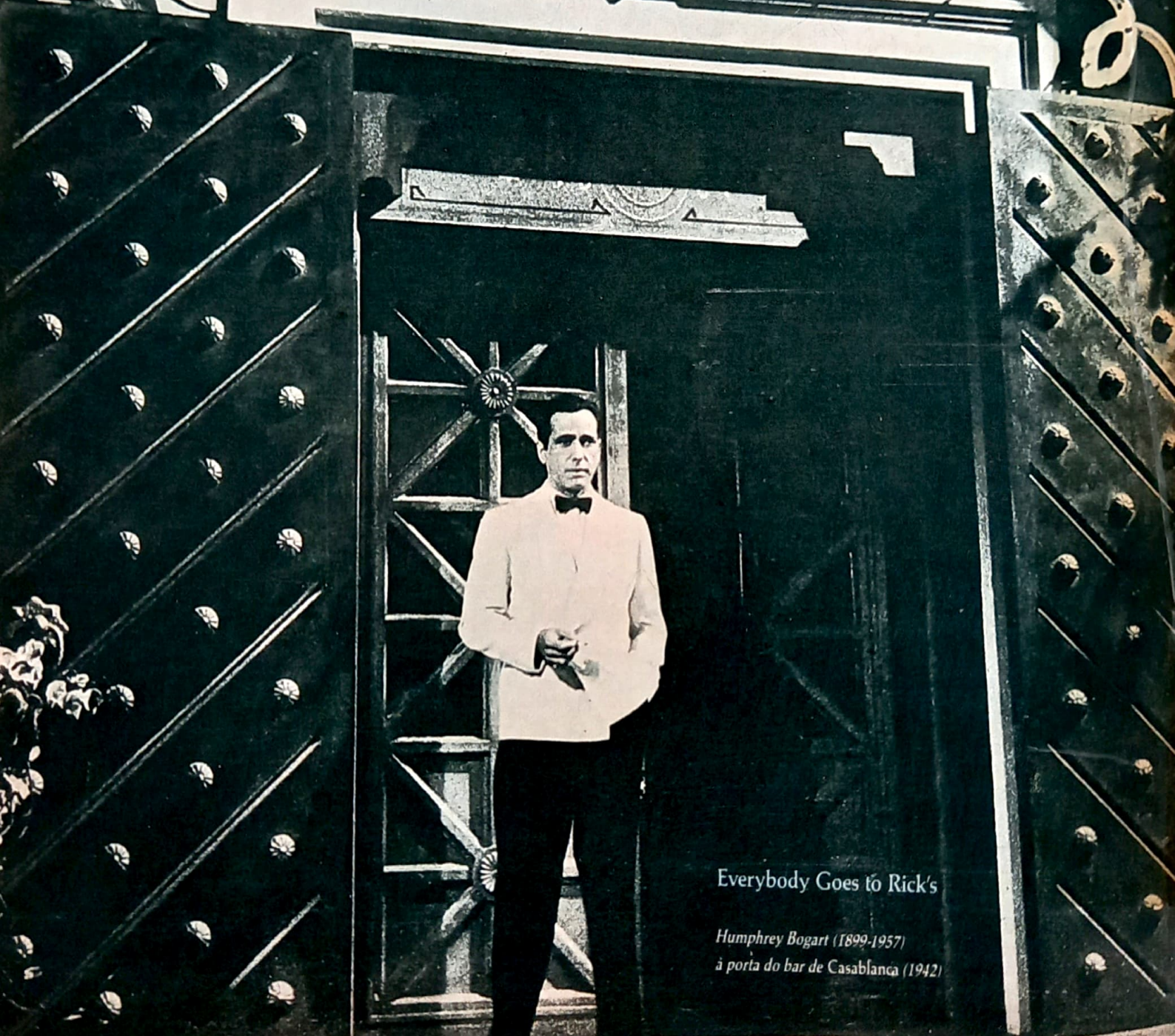


**QUADRINHOS SUPER-HERÓIS, SEMPRE NA VANGUARDA.**



SET

# Rick's Café Américain



Everybody Goes to Rick's

Humphrey Bogart (1899-1957)  
à porta do bar de Casablanca (1942)



“Play it  
again,  
Sam!  
Drink it  
again,  
Bogie!”

AS TIME GOES BY  
*Herman Hupfeld*

*You must remember this  
A kiss is still a kiss  
A sigh is just a sigh  
The fundamental things apply  
As time goes by*

*And when two lovers woo  
They still say I love you  
On that you can rely  
The world will always  
welcome lovers  
As time goes by*

*Moonlight and love songs  
never out of date  
Hearts full of passion,  
jealousy and hate  
Woman needs man  
And man must have his mate  
That no one can deny*

*It's still the same old story  
The fight for love and glory  
A case of do or die  
The world will always  
welcome lovers  
As time goes by*

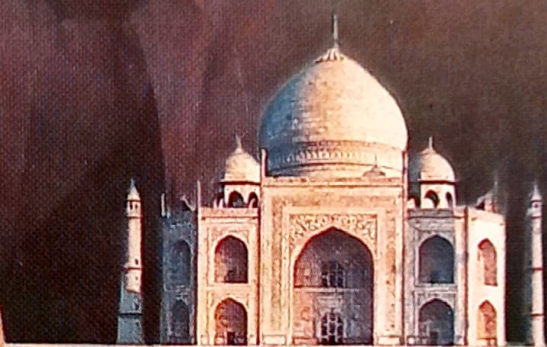
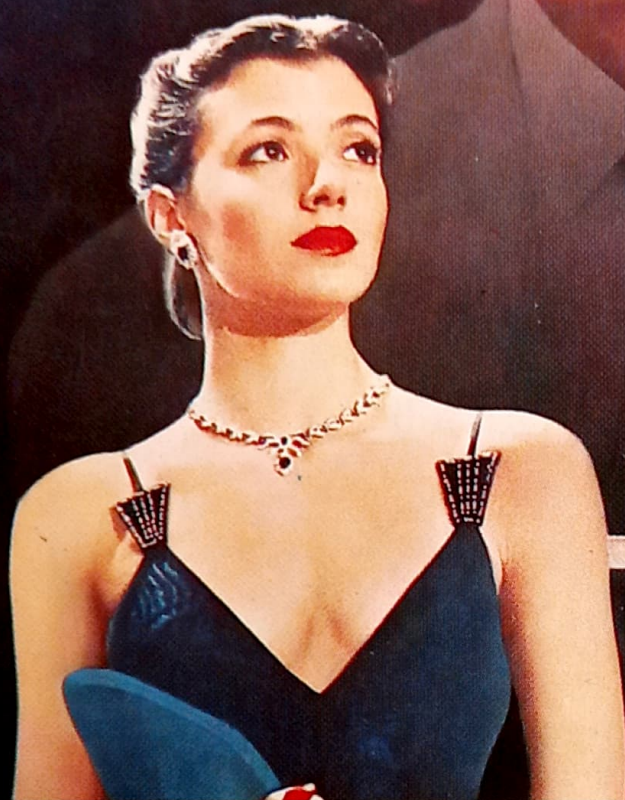


Pense em você amanhã.  
Exija Orloff hoje.

*Orloff é pura, três vezes destilada, por isso você não se arrepende amanhã.*



*Das favelas  
de Calcutã  
ã estrela em  
Hollywood.*



O best-seller de Michael Korda, também sucesso em livro no Brasil, é transformado num filme empolgante e romântico. Uma superprodução com astros famosos, luxuosas locações na Índia e uma história apaixonante. Você vai conhecer Queenie, filha de mãe indiana e pai inglês, nascida em Calcutã. Sua pele clara a faz passar por branca, mas suas colegas sabem que ela é mestiça e pobre. É seduzida por um velho inglês (Joss Ackland) que morre acidentalmente numa queda e ela é acusada do assassinato. Obrigada a fugir da Índia, vai tentar a sorte na Inglaterra ao lado de seu tio, também mestiço (Leigh Lawson). Consegue sucesso como dançarina erótica e a oportunidade de fazer um teste para o cinema com um famoso produtor de Hollywood (Kirk Douglas). Só que há uma estranha ironia: o filme "O Palácio Secreto" terá que ser rodado na Índia. Se ela voltar, arrisca-se a ser presa.

"Queenie" tem uma outra razão para ser famoso. É que o livro é uma biografia disfarçada da estrela de cinema Merle Oberon (1911-1979). Assistindo "Queenie", você vai perceber que qualquer semelhança de Queenie com Merle não é mera coincidência.

*Queenie*

**Mais um sucesso exclusivo**

*trans*

Rua Tabapuã, 594  
5º andar - Fone :  
881.7299  
Itaim / São Paulo  
Telex (011) 24062

**VIDEO**